João de Ruysbroeck

O livro das doze beguinas

João de Ruysbroeck

O Livro das Doze Beguinas

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2024

Créditos

Título original: ***Le livre des douze béguines*.**

Autor : Jan van Ruysbroeck

Tradutor: Souza Campos, E. L. de

Da tradução do flamengo feita pelos beneditinos de Saint Paul de Wisques, Oosterhout, Hollanda.

O livro das doze beguinas

João de Ruysbroeck

Primeira Parte

A vida contemplativa

CAPÍTULO 01

Doze pensamentos sobre o amor de Jesus.

Doze beguinas reunidas falavam sobre o nobilíssimo Senhor Jesus; cada uma segundo seu pensamento: "Venham! Louvemos o amor, que é suave desde o início e de uma doçura soberana".

A primeira diz: "Eu quero carregar o amor de Jesus sem nada pedir a ninguém. Que Deus me dê a força para isto. É justo que amemos Aquele que sabemos ser tão nobre e de tão alta origem".

A segunda diz: "Gostaria de amá-lo, se soubesse como fazê-lo. Tudo está oculto para mim. Meu coração está confuso. Eu me acuso muitas vezes. Eu me declaro

culpada. Minha vida é cheia de preocupações".

A terceira diz: "Ele veio a mim como um verdadeiro amigo e me propôs mil coisas belas. Mas, volúvel, ele fugiu de mim e nada me resta. Eu o busco como posso. Não é sábio louvar o dia sem ter antes visto a noite suave e doce".

A quarta diz: "O amor de Jesus me decepcionou. Ele arrancou meu coração e minha sensibilidade e eu não sei a quem me queixar sobre isto. Ele me devora noite e dia. Ele exige de mim mais do que posso dar. Esta não é uma relação justa".

A quinta diz: "Eu erraria se me queixasse de que não me adiantam salários. Eu não me admiro com isto. Acontece normalmente de aquele que pouco trabalhou receber pouco em troca".

A sexta beguina diz: "O que está sendo dito aqui? O que se busca aqui? Jesus pode então assustar? Nossas beguinas estão fora do caminho. Elas são uma vergonha para Jesus. Suas palavras são tão vãs que seria melhor se elas se culpassem".

A sétima diz: "A fome da minha alma é tão grande que, se eu tivesse tudo o que Deus já deu, isto não poderia me saciar. Se ele não der a ele mesmo, eu morro. Minha

impaciência com esta necessidade é tanta que ninguém pode imaginá-la”.

A oitava diz: “O Senhor Jesus é um dulcíssimo canal por onde corre abundante alegria. Com ele, tenho que beber. Ele é meu e eu sou dele. Eu não posso ficar sem ele. Ele me foi dado em partilha e ele é como uma noz dulcíssima. Quem não quebra sua casca é tolo, pois as delícias estão no miolo. Tivesse eu poder sobre todas as coisas, eu escolheria Jesus como meu Deus, de tão doce que é para mim me dedicar a ele”.

A nona diz: “O amor do Senhor Jesus me abandonou. Eu o busco pelos caminhos desconhecidos e assim eu vivo vagando. Eu possuí alguma coisa antes, mas agora não tenho nada e sinto uma grande tristeza. Ele roubou meu coração”.

A décima diz: “O amor de Jesus é tão belo, que ele preencheu minha alma. Ele me derrama seu vinho generoso, sempre com copos cheios. Meu Deus! Como será então minha alegria, quando ele me mostrar sua face tão bela e eu beber esse vinho generoso! Estão erradas aquelas que não falam bem dele”.

A décima primeira diz: “Tenho um desejo? Eu não sei, pois, em uma ignorância sem fundo, eu me perdi. Fui

absorvida em sua boca, como em um abismo imenso e não posso mais voltar”.

A décima segunda beguina diz: “Sempre fazer o bem; esta é minha vontade, pois o amor não pode permanecer ocioso. Praticar a virtude em uma fidelidade sincera e, acima das virtudes, contemplar Deus, isto é o que estimo grandemente. Contemplar a divindade sublime, me fundir diante do amor, sempre estar inebriada de amor; isto é uma nobilíssima maneira. Fiquemos juntas e falemos sempre das coisas do céu. Não há vida mais nobre. Nosso Pai celeste nos amou. Ele nos enviou seu Filho. Foi ele que Ele nos deu. Ele nos resgatou com sua morte. Isto é para nós uma consolação eterna. Por ele devemos viver e rezar para nosso Deus do céu, para que cumpramos seu mandamento, sempre com vistas à sua glória e que neste vale de miséria, possamos vencer o mal do inferno e depois chegar ao seu Palácio”.

CAPÍTULO 02

O que deve ser aquele que ama realmente.

Vejam que assim é o estado das boas beguinas, que se esforçam muito pela virtude, como elas eram no tempo

passado e como as vemos viver ainda hoje. No entanto, este estado está bem decaído e é a infidelidade a causa disto.

Se você quer ser realmente fiel, que seu coração adira a Deus por amor com toda verdade, em uma simplicidade totalmente pura. Seja gentil e modesto entre aqueles que se deixam levar e se magoam facilmente, que murmuram, que insultam em seu orgulho, que se irritam por um nada, dificilmente se reconciliando, sendo um fardo para os outros; que são presunçosos, teimosos e que não escutam ninguém; são descontentes, rabugentos e sempre zangados; coléricos, irritáveis, sem misericórdia, maldosos, cruéis e intolerantes.

Isto não é a conduta de uma beguina. Elas não têm a vida e nem a aparência delas. Suporte e sofra tão más companheiras e Deus abençoará sua vida.

Se você quer conhecer as pessoas de bem, observe como elas são por fora e por dentro.

Toda santidade vem de Deus, para aqueles que vivem seus preceitos. Aqueles que desprezam o mundo, do fundo de seus corações podem subir os degraus celestes e eles são cheios da graça de Deus, desde que sigam seus conselhos.

Aqueles que deixaram as coisas terrenas são cheios de caridade. A caridade é um peso excelente, mais pesado do que a amizade ou o parentesco. Ela vence a carne e o sangue e está pronta para toda virtude.

Aqueles que praticam a caridade são os mais ricos deste mundo. Eles são intrépidos e muito corajosos, pois não precisam de ninguém. Eles não têm que se preocupar, pois o Espírito Santo é a garantia deles. Eles não buscam o que aparece exteriormente, pois não desejam que os louvem. Eles não escolhem maneiras singulares, mas querem ser semelhantes às pessoas de bem. Eles se conformam às práticas da Santa Igreja em todas as obras boas e santas. Eles têm em grande estima todos os sacramentos, seguros de encontrar neles a graça de Deus.

CAPÍTULO 03

Como se preparar para receber o santo sacramento da eucaristia.

Quando se vai receber o santo sacramento da eucaristia, que nos foi enviado de Deus e onde vive o corpo do Senhor, é preciso venerá-lo acima de todas as coisas. Toda pessoa boa se manterá na presença de Cristo, se des-

cobrindo para a Verdade Eterna, se testando e se examinando, segundo sua vida, suas palavras e suas obras, dizendo com compunção no coração: “Sejai bom comigo, amor eterno. Eu posso muito bem ter desprazer por mim mesmo, pois pequei desde os dias da minha infância e desperdicei meu tempo. Tende piedade de mim, Senhor misericordioso. Trago em mim as graves feridas dos meus pecados. Eu não posso me curar jamais, se a consolação não me vier de vossa boca tão doce, que me diz as palavras que preciso, as palavras pronunciadas por vossa divina majestade”.

CAPÍTULO 04

A resposta de Deus à alma ávida pela santa comunhão.

“Ó criatura! Eu ouvi sua prece e quero fazer o que me pertence. Eu quero responder à sua tristeza e agir segundo sua confiança. Recupere a alegria, a coragem e a segurança, pois farei por você tudo o que você deseja. Quero ser seu alimento, me dar a você, ser seu. Volte-se inteiramente para mim.

“Minha carne foi como que assada na cruz, por sua

causa. Meu sangue, cheio de vida e de calor, penetra a alma e o corpo. Juntos, beberemos e comeremos. Você se lembrará da minha Paixão e da minha morte e também do meu amor eterno. Se você fizer isto, você terá a paz.

"Meu bem-amado! Se compreendi bem, você deseja voluntariamente receber o sacramento. O sacrifício da missa está terminado e, se você quiser, você pode recebê-lo".

CAPÍTULO 05

A admiração pela graça da eucaristia.

"Ó Senhor! Falais segundo meu desejo. Sejai bendito!

"Eu recebo de bom grado o santo sacramento. Ele me é um dom precioso. Recebo nele vosso corpo sagrado, que me é doce e muito delicioso, já que é meu pão celeste. Aqueles que não o comem estão mortos.

"Ele é também o pão dos anjos. Aqueles que o desfrutam são sábios. O mundo não pode desfrutá-lo. Ele se rejubila e se entristece com outras coisas.

"Ó Senhor! Condescendestes prometer que comeremos juntos. Senhor, eu suspiro, eu aspiro, eu desejo e

não posso vos consumir. Quanto mais eu como, mais também tenho fome. Quanto mais eu bebo, mais também tenho sede. Sempre sobra mais do que poderiam comer todos os vivos.

“Senhor, sois um hóspede liberal. Vós pagais tudo o que não consumis.

“Senhor, eu bebo de muito bom grado vosso sangue vivo que escoa do vosso lado e do vosso corpo santo, que é nobre e de grande preço. Ele é muito doce em minha garganta. Eu estou meio inebriado e não posso esconder.

“Senhor, vosso sangue á mais generoso do que o vinho da romã. Eu quero encher com ele todos os meus vasos. Sou intrépido e de muita coragem e não tenho mais nada a fazer lá fora.

“Estou todo cheio e, no entanto, eu desejo. O que tenho, não consigo consumir. Todo meu ter, não posso avaliar. Eu busco o que me foge.

“Meu desejo deve sempre seguir, eu sei, mas como o modo alcançaria o que é sem modo? Modo e sem modo são duas coisas que jamais serão uma coisa só, pois eles devem permanecer distintos. Um não pode afastar o outro.

“Tudo o que é fé, ordem, sábia medida, deve ser jus-

tamente avaliado, pois a prática da Santa Igreja consiste em ordem, medida e boas obras.

"O sem modo não pode viver no céu e nem na terra. Foi na ordem, no modo, no peso e na medida que Deus criou todas as coisas. Assim, devemos viver segundo os modos da razão, para que, acima da razão, tenhamos uma vida contemplativa".

CAPÍTULO 06

O que impede a verdadeira contemplação.

Muita gente se engana e não pode descobrir a contemplação e nem a libertação dos modos. Todos possuem um impedimento para encontrar a contemplação e a liberdade: eles têm o coração confuso, observam de perto os outros, são cheios de preocupações estranhas, ocupados com parentes e amigos, preocupados com o que lhes é necessário, sem conhecerem a riqueza de Deus. Uma previdência discreta é boa, mas quem é muito preocupado não é sábio.

Voltar-se para fora em uma vida sensorial afasta o verdadeiro recolhimento. Aqueles que se contentam com os sentidos exteriores não encontram nada no interior

que os satisfaça.

Para fora, lentos e preguiçosos! Para dentro, excessivos na alegria e na dor! Embora estas coisas possam ser isentas de pecado mortal, elas impedem a pessoa de encontrar seu próprio fundo.

Aqueles que têm o pensamento cheio de coisas estranhas não podem encontram a contemplação e nem a ausência de modo.

CAPÍTULO 07

O que conduz à verdadeira contemplação.

Mas, se você quer se preparar para a contemplação, você deve seguir pelos caminhos que levam a ela.

É preciso ter na consciência uma pureza sem mácula e, na vida, uma inocência bem ordenada. Nos costumes deve haver a tranquilidade da honestidade e nos sentidos deve haver a sobriedade. É preciso refrear a natureza em sua inclinação desordenada e lhe ser indulgente segundo a razão e o discernimento. Vá para todos aqueles que precisam de você, de uma maneira conforme a piedade. O voltar-se para si deve ser simples e desprovido de imagens. O olhar interior deve ser elevado e aberto para a

Verdade Eterna. O recolhimento deve ser simples, tranquilo, praticado em uma paz verdadeira. A habitação interior não deve jamais ser perturbada ou incomodada por nenhuma injustiça. Deve haver um amor ardente no fundo da alma e uma chama viva de devoção que suba para a bondade de Deus. É preciso ter uma alma amorosa que deseja estar com Deus na eternidade. É preciso ter abnegação de todo egoísmo, para o bem querer de Deus. É preciso ter a reunião de todas as forças da alma na unidade do espírito, na ação de graças, no louvor, no amor e no serviço a Deus, em uma reverência eterna.

Se você quiser praticar estas virtudes com amor, você pode esperar uma vida contemplativa, pois, se você viver fiel a Deus e a você mesmo, assim que ele se mostre, você pode contemplá-lo.

CAPÍTULO 08

Qual é a verdadeira contemplação.

A contemplação é um saber sem modo que permanece sempre acima da razão. Ela não pode descer à razão e a razão não pode alcançá-la acima dela.

A clara ignorância de modo é um fino espelho onde

Deus faz brilhar seu esplendor eterno. A ausência de modo ignora todas as maneiras e todos os atos da razão falham nela.

A ignorância de modo não é Deus, mas luz na qual ele é visto. Aqueles que vivem nessa ignorância, na luz divina, percebem neles um deserto.

A ignorância de modo ultrapassa a razão, sem suprimi-la. Ela vê toda coisa sem admiração, pois se admirar lhe é inferior. A vida contemplativa ignora a admiração.

Na ignorância de modo se vê, mas sem saber o que é, pois isto ultrapassa tudo e não é isto e nem aquilo.

Devo deixar aqui a rima, se quero ser claro ao descrever a contemplação.

CAPÍTULO 09

O que deve ser aquele que quer ter em si a experiência da verdadeira contemplação.

Se você deseja ter em você a experiência da vida contemplativa, você deve, ornamentado com todas as virtudes de que falei, se recolher acima da vida interior e se dedicar a Deus em ações de graças, em louvores, em res-

peito eterno. Você deve manter seu pensamento despojado de toda imagem sensorial e o intelecto aberto e elevado perante Deus como um espelho vivo para receber a semelhança eterna com ele.

Observem que se mostra uma luz intelectual que nem os sentidos, nem a razão, nem a natureza, nem a consideração penetrante podem compreender. Essa luz nos dá liberdade e confiança frente a Deus. Ela é mais elevada e mais nobre do que tudo o que Deus criou na natureza, pois ela é perfeição da natureza, acima da natureza e um intermediário entre nós e Deus.

O pensamento vazio de imagens é o espelho vivo no qual brilha essa luz e essa luz evoca nossa semelhança e unidade com Deus no espelho vivo do nosso pensamento totalmente despojado. Assim, Deus vive em nós através de sua graça e nós vivemos nele por meio das virtudes e das boas obras.

Nesse espelho vivo, somos semelhantes à nossa imagem eterna que é Deus, pois vivemos segundo a eterna previsão de Deus. Essa luz flui em semelhança e atrai a unidade. Nós a percebemos acima da razão, em nosso intelecto despojado e recolhido.

É então que a Verdade de Deus diz ao nosso espíri-

to:

“Olhe-me, como eu o olho e conheça-me, como eu o conheço. Ama-me, como eu o amo. Desfrute de mim, como eu desfruto de você e, assim como eu sou seu, inteiramente, sem divisão e nem partilha, da mesma forma, quero que você seja meu sem divisão e inteiramente. Eu o vi desde toda a eternidade, antes de toda criação, em mim e um comigo e como eu. Lá, eu o conheci, amei, chamei e elegi. Eu o criei à minha imagem e à minha semelhança. Eu peguei sua natureza e imprimi nela minha imagem, para que você seja, sem intermediário, um comigo, para a glória do meu Pai. Eu criei minha alma com todas as suas forças e a enchi com todos os dons, para poder servir seu Pai e meu Pai, seu Deus e meu Deus e obedecê-lo em nossa humanidade comum, segundo tudo o que eu podia e até a morte e, da minha plenitude de graças e de dons, eu enchi sua alma e suas forças, para que você se assemelhe a mim e para que, com minha força e com meus dons, você possa servir, agradecer e louvar nosso Deus eternamente, sem fim”.

Assim, somos todos um com Deus em nossa imagem eterna, ou seja, na Sabedoria de Deus, que tomou a natureza de nós todos e, mesmo que sejamos um em nossa

imagem com Deus, por meio da assunção de nossa natureza, devemos também nos tornar semelhantes a ele em graças e em virtudes, se queremos ser um com Deus em nossa imagem eterna que é o próprio Deus.

Desta maneira também, a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo foi e permanece elevada na Sabedoria Divina, com a qual ela é una. Sua alma e todas as suas forças foram e são cheias da plenitude de todos os seus dons e ele mesmo é para nós como uma fonte viva de onde recebemos tudo o que nos é necessário.

Ele mesmo disse:

“Meu Pai me enviou para viver como Deus e humano, para todos aqueles que me desejarem. Saiba, meu bem-amado que elegi: eu sou inteiramente seu. Foi por você que eu vivi. Foi por você que ensinei, preguei e sofri a morte. Eu o ofereci a meu Pai através de minha morte e eu paguei sua dívida com meu sangue precioso. Eu ressuscitei gloriosamente em corpo e alma, para que você possa ressuscitar gloriosamente no último dia, com sua alma e seu corpo e possa contemplar, eternamente e sem fim, minha glória e a glória do meu Pai. Eu subi para a direita do meu Pai, acima de todos os coros e de todas as hierarquias dos anjos e dos humanos. Eu também prepa-

rei para cada um seu lugar, segundo sua dignidade e segundo os méritos de suas virtudes e de sua vida e descerei em minha glória, no último dia, com meus anjos e meus santos, para julgar todos os bons e todos os maus, cada um de acordo com seus próprios méritos e segundo minha justiça.

"Observe agora, meu bem-amado, o que eu também fiz por você. Eu lhe dei e deixei minha carne e meu sangue vivos, como alimento e como bebida, para derramar um gosto celeste que penetra cada um segundo tudo o que ele pode desejar, gostar ou sentir. Eu alimentei e saciei seus desejos e sua vida afetiva com meu corpo torturado e glorificado. Seu amor e seu ser racional, eu os alimentei e enchi com meu espírito e com todos os meus dons, assim como com todos os méritos com os quais agrado meu Pai. Eu dei minha própria pessoa como alimento para sua contemplação e para seu espírito elevado, para que você possa viver em mim e eu, Deus e humano, em você, na semelhança das virtudes e na unidade da fruição.

"Meu Pai e eu enchemos o mundo com nosso Espírito, com nossos dons e com nossos sacramentos, segundo os desejos e as necessidades de cada um.

“Criatura! Olhe o que sou e veja como vivi por você, como eu o servi, o que sofri por você e o que eu lhe prometi. Seja reconhecido e dê-me uma resposta com tudo o que estiver em seu poder”

CAPÍTULO 10

O primeiro modo da verdadeira contemplação.

“Ó Senhor! Sede-me propício. Eu sou nada, tenho nada e nada posso sem vossa ajuda e vossa graça. Vejo na luz da minha natureza que vós sois Criador e Senhor do céu e da terra e de todas as criaturas. Vejo e creio na fé cristã e em tudo o que pertence à fé e desejo cumprir, com vossa ajuda e vossa graça, vossa Lei e vossos preceitos, em tudo o que estiver em meu poder.

“Senhor! Isto é comum a todos os vossos membros e a todos os cristãos que serão salvos. Senhor! Vós convidais meu espírito internamente para que vos olhe como vós me olhais e para que eu vos ame como vós me amais”.

Agora se trata de me compreender bem. Quando uma pessoa boa e interiorizada se recolhe a ela mesma, desapegada e livre de todas as coisas terrenas e respeito-

samente mantém seu coração aberto para o alto, com uma verdadeira reverência para com a bondade eterna de Deus, então o céu oculto se revela e a face do amor divino resplandece, rápido como um relâmpago. É uma luz que penetra o coração dessa pessoa e, nessa luz, o Espírito do Senhor fala abertamente ao coração que ama e lhe diz: “Eu sou seu e você é meu. Eu permaneço em você e você vive em mim”.

Sob a ação dessa luz e desse toque, a alegria e as delícias para a alma e para o corpo são tão grandes, nesse coração elevado, que a pessoa não compreende o que lhe aconteceu e não sabe como suportar isto e isto é o que se chama *jubilus*, o que ninguém pode expressar em palavras e nem conhecer, a menos que tenha experimentado.

Isto vive no coração amoroso que está aberto para Deus e fechado para todas as criaturas e daí provém a *jubilatio*, que é um amor do coração, uma chama ardente de devoção, com ação de graças e louvor, em eterna reverência para Deus.

Mas aquele que desfruta da doçura, se detém nela e busca satisfação nela, invés de agradecer a Deus e louvá-lo, se engana completamente.

Assim é o primeiro modo e o mais humilde, segundo

o qual Deus se mostra na vida contemplativa.

Eu quero dar, àqueles que não o conhecem, um exemplo familiar. Pegue um espelho côncavo e aproxime-o de uma matéria seca e inflamável. Depois, exponha o espelho aos raios do Sol. A matéria seca se inflamará e queimará, por causa do calor do Sol e da concavidade do espelho.

Da mesma forma, se, em seu recolhimento, você tiver um coração vivo e aberto, se elevando para Deus com reverência, a luz de sua graça brilhará nesse coração aberto e elevado, purificará a consciência e queimará, no fogo do amor divino, todos os defeitos que estão nessa pessoa.

É este então o modo menos elevado da vida contemplativa, tal como é praticado pela pureza do coração e a elevação do olhar para as coisas divinas e onde o amor afetivo se traduz, com devoção e desejo, na ação de graças e no louvor diante da face de Deus.

CAPÍTULO 11

O segundo modo da verdadeira contemplação.

Em seguida vem o segundo modo da vida contem-

plativa. As pessoas que, pelo amor e o respeito que têm por Deus, são elevadas na pureza simples do seu espírito e mantém a face descoberta e sem véu na presença de Deus e da face do Pai, brilha uma luz simples no olhar do seu pensamento desprovido de imagens e que a pureza do espírito elevou acima dos sentidos, acima das imagens, acima da razão e fora da razão.

Essa luz não é Deus, mas é intermediária entre o pensamento que vê e Deus. Chama-se essa luz de olhar divino ou espírito do Pai. Nessa luz, Deus se mostra de uma maneira simples, não segundo a distinção ou o modo das Pessoas, mas no absoluto de sua natureza e de sua substância.

Nessa luz, o espírito do Pai fala ao pensamento elevado e desprovido de imagens: "Olhe-me como eu o olho".

Imediatamente então, graças à simples luz infusa do Pai, os olhos se tornam simples e claros e contemplam a face do Pai, ou seja, a substância ou a natureza divina, em um simples olhar acima da razão e sem consideração.

Essa luz e a revelação que Deus faz dele mesmo dão, ao espírito contemplativo, uma segurança certeira de que ele vê Deus, na medida em que se pode vê-lo neste mun-

do, em nossa condição de mortais.

Para que me compreendam bem, quero dar uma comparação sensorial.

Quando você está na luz clara do Sol e você afasta seus olhos de toda cor, de toda consideração, de toda distinção e de todas as coisas que o Sol ilumina, para seguir simplesmente, com seu olhar, a luz e os raios que saem do Sol, então você é absorvido somente pela luz do Sol.

Da mesma forma, se você seguir os raios resplandecentes que, da face de Deus, brilham em seu olhar simples, eles o conduzirão até o princípio do seu ser criado, onde você não encontrará nada além do que Deus somente.

CAPÍTULO 12

O terceiro modo da verdadeira contemplação.

Vem em seguida o terceiro modo que se relaciona a uma vida contemplativa. Este modo é chamado de *speculatio*, o que significa olhar em um espelho, pois o intelecto da pessoa contemplativa é como um espelho vivo, no qual o Pai com o filho infundem seu Espírito de

Verdade, para que a razão seja iluminada e possa conhecer toda a verdade que ela é capaz de entender em modos, em formas, em imagens e em comparações.

Mas o modo segundo o qual se vê a face de Deus é acima da razão e fora da razão, no intelecto despojado e no pensamento sem imagens. Nenhuma consideração ou razão podem alcançá-la.

É desta forma que a águia, sem pestanejar, pode fixar a luz do Sol, graças à visão perfurante dos seus olhos, enquanto que o morcego não pode suportar a claridade, por causa da fraqueza dos seus olhos e do seu olhar.

O olho simples da alma, transformado na unidade, que, acima da razão e fora dela, é elevado a uma visão simples e pura, contempla sempre a face do Pai, como fazem os anjos que nos servem, pois o olho simples da alma não tem nada diante de si além da imagem que é o próprio Deus. Lá, ele vê Deus e todas as coisas, enquanto elas são unas com Deus em uma simples visão e isto lhe basta e é chamado de *contenplatio*, ou seja, olhar Deus de uma maneira simples.

É desta maneira que a força intelectual da alma é como um espelho vivo, onde Deus habita com sua graça e ela recebeu dele seu Espírito de Verdade e, sob a influên-

cia de sua luz, o olho da razão é iluminado, de maneira a poder conhecer, em formas, em imagens e em semelhanças, Deus e todas as criaturas, na medida em que Deus lhe queira mostrar.

Este mesmo Espírito ordena à razão assim iluminada que ela reja e ordene a vida dos sentidos, segundo a Lei de Deus e segundo os preceitos da Santa Igreja, na caridade e no verdadeiro discernimento.

Em seguida, a pessoa dotada de inteligência, que recebeu de Deus o Espírito de Verdade, deve caminhar diante da face do Senhor, ordenar sua vida interior e ornamentá-la segundo a caríssima vontade de Deus. Assim, ela poderá ouvir a doce voz do Pai que fala em seu espírito: “Olhe-me e conheça-me como eu o conheço. Observe atentamente o que sou e quem eu sou”.

Com este convite, a alma se rejubila com todas as suas forças interiores e, com os olhos do intelecto grandemente abertos e iluminados, ela deseja ver o que Deus a convidou e estimulou a ver. Deus então se mostra à alma no espelho vivo do intelecto. Não como ele é em sua natureza, mas em imagens e semelhanças, segundo o que a razão iluminada pode compreender e entender.

A razão sábia e iluminada por Deus vê claramente e

sem discurso, em imagens intelectuais, tudo o que ela ouviu de Deus, da fé e de toda verdade, segundo seu desejo. Mas a imagem de Deus mesmo, mesmo que ela lhe seja apresentada, a alma não pode compreender. Os olhos do seu intelecto devem ceder diante dessa luz incompreensível.

Sábia e iluminada que ela é pelo Espírito de Verdade, ela vê Deus em imagens intelectuais e compreende que ele é força, sabedoria, verdade, justiça, bondade e clemência, misericórdia, riqueza e liberalidade, fidelidade viva, consolação e doçura. Ela vê também a distinção das Pessoas. Ela vê que cada uma é Deus e o onipotente, igual na virtude da natureza, unidade na Trindade e Trindade na unidade, fecundidade segundo a natureza e repouso simples segundo a essência. Cada uma das Pessoas sendo Deus e divindade segundo sua substância comum, pois a razão, iluminada pelo Espírito de Verdade, vê Deus em seu espelho, no tanto de modos, formas e imagens que ela mesma pode conceber e em qualquer maneira que ela deseje ver.

A força intelectual é então inclinada e convidada por Deus a ver o que é Deus e quem ele é e é por esta razão que a alma contemplativa diz: “Senhor, mostre-nos vossa

face acima de imagens e semelhanças, sem véu e à descoberto. Então seremos salvos e isto nos bastará”[1].

A isto, o Espírito do Senhor responde à razão iluminada: “Olhe-me e veja quem eu sou e o que sou”.

O olho do intelecto se abre então para ver o que deseja e isto é o que Deus o convida a olhar. O olho simples vê, com uma visão simples, na luz divina, tudo o que Deus é, de uma maneira simples e o olho do intelecto o segue, querendo saber e experimentar, na mesma luz, o que Deus é e o que ele é. Mas, diante da face do Senhor, a razão desfalece, assim como toda consideração distinta e a força intelectual se vê elevada a um despojamento de todo modo, ou seja, sem maneira, sem isto e nem aquilo, sem aqui e nem lá, pois o ser sem modo a invadiu toda e sua vida está ultrapassada e transbordada. Ela mesma não sabe onde se fixa seu olhar e não pode apreender seu objeto, pois sua visão é sem modo; ela lhe escapa completamente e isto é sem volta.

O que ela compreende, ela não pode avaliar suficientemente e nem apreender totalmente, pois ela compreende sem modo e sem forma e é por isto que ela é com-

[1] Cf. Salmo 79: 4 (*Mostrai-nos serena a vossa face e seremos salvos*) e João 14: 8 (*Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*).

preendida por Deus de uma maneira muito mais alta do que ela mesma pode compreender.

Observem que a prática desta contemplação sem modo é intermediária entre a contemplação em imagens intelectuais ou similitudes e a contemplação pura, acima de toda imagem, na luz divina.

CAPÍTULO 13

O quarto modo da verdadeira contemplação.

Vem, por fim, o quarto modo que leva à perfeição da verdadeira vida contemplativa, segundo todos os modos que pertencem à contemplação. Este modo é chamado de exercício elevado e iluminado no amor, segundo a caríssima vontade de Deus. Este modo, assim praticado, é nascido de Deus, como Nosso Senhor diz no Evangelho: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*[2].

O Espírito Santo é uma fonte viva onde os espíritos amorosos são batizados, onde eles vivem e onde eles permanecem e ele dá, em nosso espírito, a água viva de

[2] João 3: 5.

sua graça, onde somos purificados de todos os nossos pecados e ele habita em nós com sua graça e nós habitamos nele através das virtudes e a vida santa.

Comparamos o Espírito do Senhor a uma fonte de água viva, onde vivemos acima de nossa natureza criada e de onde jorram os veios vivos da graça, cujas ondas fazem fluir dons múltiplos em nosso espírito e é assim que o Espírito do Senhor vive e habita em nós e o Senhor nos toca com seu dedo, ou seja, com seu Espírito e nos diz: “Ama-me como eu o amo e como eu o amei desde toda eternidade”.

Esta voz e este convite interior são tão terríveis de ouvir que tudo é agitado em uma tempestade de amor. Todas as forças da alma respondem e dizem entre elas: “Amemos o amor sem fundo que nos ama eternamente”. O coração se abre cheio de desejos e todas as forças sensoriais o seguem em um amor afetivo por Deus. A alma viva sobe acima dela mesma, em uma intenção correta, no recolhimento profundo, no esquecimento e no desprezo por tudo o que pode perturbar ou diminuir o amor do Senhor. O entendimento iluminado e a vontade livre progridem em ações de graças, em louvores, em reverência e soberana estima perante a face do eterno amor.

Todo aquele que nasceu de Deus é Deus e espírito. Ele é Deus com Deus, um só amor e uma só vida com ele, em sua imagem eterna. Ele é também espírito e semelhante a Deus através da graça e uma adesão amorosa a Deus. Ele é santo, forte, livre e vencedor de todas as coisas, ao praticar o amor e, entre estas duas coisas, ser um com Deus através do amor e lhe assemelhar através da graça, o amor é praticado de toda maneira, pois Deus toca e move nosso espírito e exige de nós que o amemos como ele nos ama e seu amor é sem medida, pois ele mesmo o é e nosso amor tem uma medida, de sorte que não podemos cumprir o que seu amor exige de nós, mas caímos em desfalecimento e nosso amor se torna sem modo e sem forma diante do seu amor.

O amor não é frio e nem quente, nem claro e nem escuro, ele não é alimento e nem bebida e não há nada no mundo que se possa, propriamente, comparar ao amor.

O amor de Deus por nós é um impulso ou um toque espiritual em que ele comunica sua graça e seus dons de uma maneira particular e na medida em que é útil a cada um para levar uma vida virtuosa.

CAPÍTULO 14

Quatro modos de amor.

Há quatro modos de amor, nos quais consiste toda santidade. O primeiro modo, que é de preceito, pertence aos amigos. O segundo é de conselho e ele pertence aos espíritos elevados que vivem segundo os conselhos de Deus. O terceiro modo não é de preceito e nem de conselho e é próprio dos filhos de Deus, que suportam a ação divina no puro amor. O quarto modo consiste em ser um com Deus no amor.

Compreendam-me bem. O primeiro modo de amor consiste no temor e no amor a Deus acima de todas as coisas e na obediência a ele e à Santa Igreja, segundo a fé cristã, através das virtudes e a prática das boas obras. Aqueles que agem assim são os amigos de Deus e lhe agradam no grau mais humilde em que se pode viver por Deus.

Em seguida vem o segundo modo de amor, em que se vive apegado a Deus em espírito e em verdade. Isto existe quando a pessoa virtuosa se aplica mais à intenção e ao amor de Deus do que à prática das boas obras exteriores por Deus. Assim, ela é movida e convidada pelo Espírito do Senhor a amar sempre mais e quanto mais ela

ama, mas ela é movida e, desta maneira, ela chega a uma experiência bem-aventurada sem modos, que é o amor desprovido de modos e assim ela é um espírito puro e está fixada em Deus através de um amor sem modo e, a todo momento, ela tende a sair dela mesma até o pleno despojamento e novamente ela sente o toque divino e também é levada para fora dela, pois todas as suas forças falham no amor sem modo e isto é amar Deus e ser amado por ele.

O que o amor é propriamente, ninguém pode compreender, mas suas obras aparecem, como segue. O amor dá mais do que se pode receber e exige mais do que se pode pagar.

A exigência do amor é, às vezes, no coração, como um fogo ardente e ávido. Na alma e no corpo, ele é ardente e cheio de impaciência. No espírito, ele é uma avidez devoradora que consome.

A avidez do amor consome as obras do espírito e o estabelece no repouso simples e é lá que começam uma contemplação intelectual e uma inclinação amorosa, em uma atmosfera bem-aventurada e suave. É lá que o amor sem modo encontra sua perfeição, pois a contemplação intelectual e a inclinação amorosa são como duas flautas

do céu que produzem seu som sem ligação com tons ou notas. Elas vão sempre em frente na vida eterna, sem o-lhar para trás e nem voltar. Elas guardam o tom e se harmonizam com toda a Santa Igreja, pois é o próprio Espírito Santo que emite o som que elas produzem e elas ficam no meio entre o amor sem modo e o amor puro e ocioso.

Segue o terceiro modo, que é do amor elevado e i-luminado na luz divina. Segundo este modo, os espíritos são ociosos e puros, elevados acima de toda operação, em um puro entendimento e um puro amor. Eles não agem, mas são moldados e operados pelo Espírito do Senhor e, de acordo com o que eles experimentam, eles mesmos são graça e amor e são chamados de filhos de Deus todos a-queles que estão mortos para eles mesmos, em Deus e que colocaram toda a vontade própria na caríssima von-tade de Deus.

A vida deles está escondida com Cristo em Deus e incessantemente eles nascem novamente do Espírito San-to, filhos de predileção do amor divino, acima da graça e acima de todas as suas obras.

Eles estão aptos a se aniquilarem e a se fundirem no amor, pois são deiformes, são transformados no Cristo e

são mudados pelo Espírito do Senhor, como o ferro incandescente é mudado em fogo e se torna um com ele. Há tanto de fogo quanto de ferro e tanto de ferro quanto de fogo. No entanto, o ferro não se torna fogo e nem o fogo se torna ferro. Cada um deles mantém sua matéria e sua natureza próprias.

Da mesma maneira também, o espírito humano não se torna Deus, mas ele é deiforme e se sente com largura, comprimento, altura e profundidade e em toda a proporção onde Deus é Deus, o espírito amoroso está unido a ele em amor.

Assim, o quarto modo é um estado de repouso em que o espírito está unido a Deus em um puro amor e na luz divina. Ele é desapegado e livre de toda prática de amor, acima das obras e suportando o amor uno e simples que consome o espírito humano e o aniquila nele mesmo, de sorte que ele se esquece dele mesmo e não conhece mais ele mesmo, nem Deus e nem nenhuma criatura, exceto o amor, que ele desfruta e experimenta e que possui em um simples repouso. Ele mesmo se sente uma largura com o amor que é sem medida e que abrange todas as coisas, mas que permanece sempre acima de toda compreensão. Ele se vê unido ao comprimento da eterni-

dade, que é imóvel, sem começo e nem fim e que precede e segue todas as criaturas. Ele se sabe erguido com Deus a uma altura que domina e reina no céu, na terra e em todas as criaturas. Ele se vê também profundidade e erguido até sua superessência que é a própria essência de Deus. Lá, ele se vê, com Deus e com todos os santos, uma beatitude sem fundo, essencial a Deus, mas superessencial a nós mesmos.

Essa beatitude domina todas as coisas e está na base de todas as coisas e ela é um fundamento imóvel, ou seja, um apoio sem fundo de Deus e de tudo o que é criado e ela jamais é conhecida de outra maneira além de por ela mesma e por Deus. Ela é um conhecimento essencial e tranquilo que, para nós, é um não saber incompreensível.

Lá onde sabemos e conhecemos, lá somos bem-aventurados e unidos a Deus em amor. Mas, lá onde ignoramos, somos uma mesma beatitude tranquila com Deus, acima de nossa natureza criada. Lá, somos todos arrebatados sem ajuda do nosso espírito e fora dele, até nossa beatitude superessencial com Deus, acima do nosso ser criado, em um abismo sem fundo que é a essência divina jamais abalada por Deus e nem pelas criaturas.

Assim, compreendamos certa distinção e diferença,

segundo nossa razão, entre Deus e divindade, operação e repouso.

A natureza fecunda das Pessoas, segundo a qual a Trindade está na unidade e a unidade na Trindade é eternamente agente na viva distinção. Mas a simples essência de Deus, enquanto essência simples, é um eterno repouso de Deus e de todas as criaturas e lá somos todos, segundo nossa superessência, um abismo de beatitude sem diferença, somente essencial para Deus e superessencial para nós. Lá, estamos acima da nossa natureza criada. Lá, somos todos arrebatados, sem a ajuda do nosso espírito e fora dele, em nossa beatitude superessencial que é um abismo e que não pode jamais ser conhecida de outra maneira que não seja por ela mesma e se somos todos ___ segundo nossa superessência, acima de nossa natureza criada ___ uma unidade essencial com Deus, eternamente em repouso e inativa, somos também com Deus uma Trindade fecunda de pessoas, vivas e ativas acima de todo ser de criatura. Compreendemos que somos uma vida eterna com nosso Pai celeste, nessa fonte de onde fomos criados.

Nós nos encontramos também em seu Filho, a Verdade Eterna, que é nossa imagem, em quem vivemos to-

dos acima de nós mesmos, criados cada um separadamente, ordenados e conhecidos em sua Sabedoria Eterna.

Temos também a segurança no Espírito Santo, que nos amou desde toda eternidade e que nos predestinou para possuir todas as virtudes e a ser um com ele no amor. Ele nos envia, ornamentados com graças e dons, para cumprir sua vontade através de todas as virtudes e todas as boas obras, para viver segundo sua caríssima vontade e para seguir Cristo, em todas as maneiras que possamos conhecer.

Assim como o Pai enviou seu Filho Jesus Cristo para nos servir e para viver e morrer por nós, assim também Jesus Cristo seu Filho nos envia também e nos dá seu Espírito, para que vivamos em caridade mútua, em virtudes e em todas as boas obras. Assim, somos seus discípulos se guardamos sua Lei e seus preceitos e a caridade mútua e se somos fiéis, uns em relação aos outros. Então, podemos crescer e progredir na graça e na virtude e reproduzir a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e, desta maneira, crescem em nós, cada vez mais, a graça de Deus e a fome e a sede de virtude e de verdade, assim como mostrei acima, ao falar do progresso na vida santa.

CAPÍTULO 15

Como o Espírito do Senhor opera em nós.

Assim como o Espírito do Senhor nos envia para praticar as virtudes e todas as boas ações, assim também ele nos atrai para os exercícios da vida interior e nos convida e estimula a darmos graças a Deus, a louvá-lo, a amá-lo e a glorificá-lo eternamente e para sempre, como eu ensinei acima e, quanto mais conhecemos e amamos, mais desejamos conhecer e amar e assim ultrapassamos nossos sentidos.

O Espírito do Senhor nos atrai para dentro e nos mostra a face do amor. Ele nos torna desapegados e libertos de nós mesmos, da alegria e da tristeza e de todas as criaturas e ele nos dá a plenitude de sua graça e nos ensina a prática do perfeito amor, ou seja, o olhar mútuo entre nós e Deus, o gosto e o conhecimento, o amor e a complacência recíprocos, a fusão e a efusão do amor, pois Deus se dá a nós, mas nós não conseguimos apreendê-lo. Dele fluem em nós múltiplos dons para a alma, o corpo, o coração, os sentidos e todas as nossas forças. Desfrutamos e sentimos a consolação e a doçura do seu amor. Ele come e bebe conosco e nós com ele.

Isto ultrapassa a compreensão dos sentidos; quanto

mais comemos, mais temos fome; quanto mais bebemos, mais temos sede; e mais o amor paga toda a despesa.

Os dons de Deus consomem e alimentam, pois eles mesmos são comida e bebida. Eles transbordam e enchem todas as nossas forças. No entanto, nos ficam uma fome e uma sede secretas, pois languescemos e suspiramos pelo bem que é o próprio amor, acima de todos os dons e sem medida.

Este é o modo segundo o qual o Espírito de Deus se dá, se podemos alcançá-lo. Ele nos atrai também para dentro de nós mesmos e nos pede que sejamos um só amor com ele, pois todas as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo se realizam.

Ora, ele desejou e intercedeu junto ao seu Pai celeste para que fôssemos um com ele e com seu Pai[3], assim como ele, segundo sua humanidade, é um com Deus em amor, não por natureza, mas pela graça e ele desejou e quis também que estejamos onde ele está, para que possamos contemplar a glória e a honra que seu Pai celeste lhe deu[4].

[3] Cf. João 17: 20 e 21. *Rogo para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós*.

[4] Cf. João 17: 24. *Pai, quero que, onde EU SOU, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me concedeste*.

Nestas palavras podem ser distinguidos seis pontos diferentes, segundo os quais se manifesta o mais elevado conhecimento que existe entre nós sobre Deus.

CAPÍTULO 16

Os seis pontos segundo os quais existe o mais elevado conhecimento entre nós sobre Deus.

O primeiro ponto mostra como podemos ser um com Deus no amor e no Espírito Santo. O segundo, como somos diferentes de Deus na graça e na virtude. O terceiro, como somos unidos a Deus acima de nós mesmos. O quarto estabelece como permanecemos em nós mesmos e não podemos ir acima de nós mesmos. O quinto, como devemos permanecer em nós mesmos com a fome e a sede e como não podemos compreender Deus. O sexto, como, acima de nós mesmos, estão a saciedade, a superabundância e a beatitude no amor eterno.

Observem com cuidado estes seis pontos, pois vou desenvolvê-los e explicá-los.

Observem primeiro e compreendam que somos todos, acima da nossa natureza criada, uma só vida em

Deus, em nossa imagem eterna. Formamos também uma só humanidade que Deus criou e temos uma só natureza humana, na qual Deus imprimiu a imagem de sua Trindade e que, por amor, ele assumiu, de sorte que ele é, conosco, Deus e humano e isto, todas as pessoas receberam igualmente, más ou boas, pois esta é a nobreza e a dignidade da nossa natureza. Com isto, no entanto, não somos nem santos e nem bem-aventurados.

Mas, quando a graça e a virtude nos elevam até à nobreza despojada e simples do nosso espírito, onde Deus reina, nós nos vemos um com Deus e com todos os santos. Lá, somos todos consumados e finalizados em um só amor, que é o próprio Deus, o princípio e o fim de nossa vida eterna.

Por outro lado, somos diferentes de Deus e não podemos nos tornar um só ser com ele, mas, eternamente, permaneceremos em outra natureza, onde subsistimos em nós mesmos, cada um em sua própria personalidade. É lá que Deus nos faz semelhantes a ele na simplicidade da nossa natureza, segundo nossa força mais elevada, mas essa semelhança, que Deus nos deu a todos comumente na natureza, não nos torna santos e nem bem-aventurados. É a graça e os dons de Deus que, vindos do

alto até nós, nos dão uma vida virtuosa e é por isto que Deus vive em nós e nós nele. Assim, nos assemelhamos a Deus acima de nossa natureza e permanecemos semelhantes a ele na graça e na glória.

Em seguida vem o terceiro ponto, ou seja, como somos um com Deus acima de nós mesmos, com tudo nele permanecendo eternamente semelhante em nós mesmos. Isto é o que nos ensina o toque divino que ilumina nossa razão e nos envia para fora e deseja de nós uma vida virtuosa e nos atrai para dentro e nos quer unidos a Deus.

Ora, esse toque é um eterno intermediário vivo entre nós e Deus, de sorte que permanecemos eternamente semelhantes a Deus em nós mesmos e, acima da semelhança, um com Deus.

Segue o quarto ponto. Com esse toque do Espírito Santo somos subitamente movidos no interior, o que nos dá um desejo insaciável e uma fome ávida que nem a razão e nem nenhuma criatura podem refrear e nem saciar, pois o Espírito de Deus convida nosso espírito a nos jogarmos inteiramente em Deus e acolhermos e apreendermos Deus inteiramente em nós e estas duas coisas nos são igualmente impossíveis.

Não podemos também compreender Deus em nós

mesmos, pois ele é grandeza sem limites e nem persegui-lo até alcançá-lo, pois ele é de comprimento infinito, profundidade imensa, altura acima de tudo o que ele criou.

Mas, o que nos é impossível está em seu poder, pois onde nosso espírito e todas as nossas forças falham em suas operações, o Espírito do Senhor age acima de nossas forças e de nossas operações. Então, somos operados pelo Espírito do Senhor e suportamos sua ação acima de todas as nossas operações e, ao suportarmos assim sua ação, nós o apreendemos e somos apreendidos por ele.

Com nossas próprias operações não podemos conseguir isto e somos incapazes de apreendê-lo. Mas, acima dessas operações, lá onde ele opera, enquanto sofremos sua ação, apreendemos passivamente, acima de todas as operações. Isto é compreender Deus de uma maneira incompreensível, ou seja, sofrendo sua ação sem compreendê-la.

Depois vem o quinto ponto, onde está em perfeição o exercício do amor eterno de que falei acima e que consiste, acima de todas as nossas operações próprias, em sermos operados pelo Espírito do Senhor. Somos então despojados de nós mesmos e de todas as coisas e unidos a Deus em amor.

Mas, entre nós e Deus, a união se renova sempre e sem trégua, pois o Espírito de Deus flui e, ao mesmo tempo, atrai para ele, move e toca nosso espírito e nos inspira viver segundo a caríssima vontade de Deus. Ele quer que amemos Deus da maneira que ele é digno disto.

Esse toque, que é intermediário entre nós e Deus, não podemos penetrá-lo. Quanto a saber o que é esse toque em seu fundo e o que é o amor propriamente, isto nos é impossível e onde a operação nos ultrapassa, devemos recomeçar, pois os dons de Deus não nos deixam em repouso.

O influxo do Espírito Santo nos enriquece e preenche todas as nossas forças, ávidas pelos dons celestes, por um alimento celeste e uma bebida espiritual. No entanto, a fome e a sede permanecem e, ao mesmo tempo, um desejo constante de buscar e alcançar Aquele que é imenso e isto ultrapassa nosso poder.

É por isto que precisamos nos esforçar sempre em todas as nossas ações, cheios de uma fome e de uma sede insaciáveis e então, mesmo que tomássemos em Deus o alimento, que aspiremos, suspiremos por ele e o chamemos com nossos desejos, não podemos, no entanto, apreendê-lo, nem absorvê-lo e nem consumi-lo. Sempre de-

vemos nos esforçar e permanecermos aquém. A fome, a sede e o desejo insaciável não podem ser apaziguados.

Mas, assim como Deus nos envia, carregados com seus dons, para vivermos segundo sua caríssima vontade, da mesma forma, o Espírito nos atrai para dentro, para amá-lo segundo ele é digno e sua dignidade exige de nosso espírito um amor sem medida, pois ele mesmo é sem medida e nos ama com ele todo, tal como ele é. Seu amor é tão terrível, tão atraente, tão consumidor de tudo o que ele toca, que, onde nós o sentimos __ ou seja, acima da razão, onde nosso amor é sem medida e sem modo, pois não podemos e não sabemos como responder ao seu amor, que é tão ávido __ ele devora e consome nele mesmo tudo o que se aproxima dele.

A este amor, nosso amor deve responder, pois não podemos nos defender contra ele, pois lá, nosso amor é completamente despojado, livre e sem atividade. O amor de Deus é um fogo devorador que nos consome fora de nós mesmos e nos absorve, com Deus, na unidade.

Observem que lá somos saciados e estamos na abundância e somos com Deus, acima de nós mesmos, uma plenitude sem fim. No entanto, permaneceremos sempre famintos em nós mesmos nessa região onde per-

manecem outros além de Deus e somos presos aos preceitos das virtudes. Assim, sempre saciados acima de nós mesmos na unidade com Deus e famintos em nós mesmos, onde amamos e vivemos segundo a equidade, levamos juntas a satisfação e a fome, segundo o esforço e o prazer e vivemos na correção.

Acima está o sexto ponto, que é a fruição nela mesma. A fruição de que desfruta Deus e a fruição sobrenatural de nós todos, que somos um com ele em amor, é uma unidade de repouso. Unidade gloriosa e essencial, fora da distinção de pessoas. Lá, não há influxo e nem atração de Deus. As Pessoas estão nela em repouso e unidade, no amor fruitivo. Uma unidade tranquila e gloriosa das Pessoas.

Lá é o repouso, a fruição e a alegria sem fim. Lá, todos os espíritos amorosos estão, em sua sobrenatureza, em uma só e mesma fruição bem-aventurada com Deus, sem distinção. Essa fruição divina é a unidade das Pessoas, o repouso absoluto, a alegria transbordante, a beatitude sem limites, a coroa e a recompensa para a eternidade do perfeito amor.

Lá, onde somos unidos a Deus em amor, por meio de sua graça e das nossas obras, cada um recebe sua parte

especial em graça e em glória, mais ou menos, segundo o que lhe for digno e o que mereceu, com a ajuda da graça de Deus.

Observem que lá somos todos distintos e cada um em particular recebe graças, méritos, ordem e favor, conforme a justiça e segundo a ordenação da Sabedoria Divina. Tudo isto na ordem sobrenatural.

Mas, onde somos um com Deus sem intermediário e sem diferença, lá Deus é o objeto da nossa fruição e da dele própria, em uma beatitude eterna sem fundo.

É preciso saber que, se são dados a Deus muitos atributos, segundo nosso ponto de vista, sua natureza é uma em três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. Uma só natureza fecunda na Trindade de Pessoas.

Observem que é a isto que devemos conformar nosso pensamento, nossa fé e nossa vida. Com este objetivo, Deus criou e chamou tudo o que é nascido da descendência de Adão, mas os pagãos, os judeus e todos os infiéis desprezam o chamado de Deus e são malditos por esta razão.

Os maus cristãos, que vivem em pecado mortal e os hipócritas que, sob uma aparência de bem, vivem e morrem no mesmo estado, são igualmente reprovados por

Deus e condenados, mesmo que os cristãos, que são batizados no sangue de Cristo, sejam todos chamados e mesmo convidados para a alegria eterna de Deus.

Mas, para ser recebido e eleito na alegria eterna de Deus é preciso estar revestido com a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e estar unido a ele interiormente, por meio de sua graça e de nossas boas ações, pois assim, ele vive em nós e nós nele, na medida de suas graças e da santidade de nossas vidas.

Devemos também, acima de nós mesmos, nos unir a Deus em amor e em fruição. Assim, somos um com ele. Um só amor e uma só fruição, inundados de beatitude sem fim.

Entre a semelhança com Deus em nós e a nossa unidade com ele, está, como intermediário, a centelha viva da nossa alma, ou seja, a luz e o fogo do Espírito Santo. Essa luz nos mostra que somos um com Deus em amor e em fruição e que nos assemelhamos a ele por meio de sua graça e das nossas virtudes.

O fogo do Espírito Santo arde e consome toda dessemelhança em nós e nos mantém em um conhecimento e um amor constantes. Ele nos dá, ao mesmo tempo, a consolação e o antegosto da glória de Deus e ele é o pe-

nhor da nossa beatitude eterna.

Aqueles que ouvem isto, vivem isto e acreditam nisto são as pessoas de bem que Deus elegeu.

Que Deus __ Pai, Filho e Espírito Santo __ o único Deus verdadeiro em três Pessoas, nos conceda isto a todos. Ele que é nossa recompensa e nossa coroa. Amém.

Segunda Parte

Os diversos exercícios falsos e verdadeiros do amor.

CAPÍTULO 17

Quem são os bons cristãos e quem são os condenados.
Uma breve descrição da vida tríplice, ou seja, a vida ativa, a vida contemplativa e a vida composta pelas duas.

A Sabedoria Eterna, Jesus Cristo, Deus e humano, nos deu no Evangelho de São Mateus este ensinamento: *Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles*[5].

Ora, todos os bons cristãos estão reunidos em uma só fé na Lei dos Evangelhos e dos preceitos divinos, em um só querer e um só amor, na graça, nas virtudes, no louvor divino e, enfim, na verdadeira vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas aqueles que são incrédulos em algum ponto,

---

[5] Mateus 18: 20.

que duvidam ou têm uma opinião contrária à fé comum da santa cristandade estão todos condenados e todos aqueles que vivem em pecado mortal e não obedecem aos seus prelados e nem à Santa Igreja, com uma boa conduta e práticas devotas estão todos separados e divididos por causa de seus múltiplos pecados e maldades. Eles são reprovados e desprezados por Deus e por todos os santos. Se eles perseverarem e morrerem neste estado, o diabo será o senhor deles e eles irão para o fogo do inferno.

Agora, compreendam-me bem e considerem atentamente o que vou dizer, o que lhes é necessário se querem, de verdade, viver para Deus sem desvio espiritual.

Todas as pessoas de bem que são iluminadas pela graça de Deus, quando se recolhem acima da razão, em sua própria essência, encontram lá o Reino de Deus nelas e Deus em seu Reino e isto é chamado de uma vida contemplativa, que nos é desejada e aconselhada pelo Espírito do Senhor.

Depois, na saída de nós mesmos, empregamos nossos sentidos na prática da virtude e das boas ações, segundo o discernimento e em sincera caridade e isto é chamado de uma vida ativa, que nos é recomendada e nos é necessária a todos, se queremos ser salvos.

Mas agir e contemplar ao mesmo tempo de uma maneira bem ordenada na mesma pessoa é uma vida bem-aventurada e santa.

CAPÍTULO 18

Certos heréticos detestáveis e seu quádruplo erro.

Compreendam bem, pois isto é muito útil. Há certas pessoas perversas e desviadas que não possuem a vida contemplativa e nem a vida ativa e que, no entanto, acreditam ser os mais sábios e os mais santos do mundo inteiro. São aqueles que, desprovidos de imagens em todas as coisas na única natureza e fora da graça e das virtudes se recolhem em suas próprias essências, acima da razão. Lá, eles encontram a ociosidade, o repouso e o despojamento de imagens e isto é cume da natureza, aonde se pode chegar sem a graça e sem a virtude.

Mas, como não são batizados no Espírito do Senhor e na verdadeira caridade, eles não podem ver e nem encontrar Deus, nem possuir seu Reino glorioso neles mesmos, mas o que eles descobrem é a própria essência deles, um lazer tranquilo acima das imagens e lá eles pensam

ser eternamente bem-aventurados.

Ora, daí provém quatro espécies de incredulidade, de erros e de todos os males que se cometem comumente no mundo.

A primeira espécie de mal vai contra o Espírito Santo e contra sua graça. A segunda, contra o Pai celeste e sua soberania. A terceira se opõe a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua santa humanidade. A quarta, por fim, é contrária a Deus e a toda a santa cristandade.

CAPÍTULO 19

O primeiro erro, que se opõe ao Espírito Santo.

Desmascare os falsos profetas, para não ser enganado por eles. Eles afirmam ser a essência divina, acima da distinção das pessoas e se dizem estabelecidos em um repouso tal, que eles nem mesmo "são" mais, por assim dizer, pois a essência divina não opera mais, mas sim o Espírito Santo.

Eles pensam então estar acima do Espírito Santo e não precisarem dele e nem de suas graças, pois eles dizem que essas graças não podem ser dadas e nem retiradas

por nenhuma criatura e nem mesmo por Deus.

Há aqueles que ousam dizer que a alma deles é criada da essência divina e que, quando eles morrerem, eles serão essa mesma substância que eles eram antes, da mesma forma como a água de uma fonte que foi colocada em um vaso e que, derramada de volta na fonte, volta a ser o que era antes.

Eles dizem também que, se fosse percorrido o céu inteiro, não se encontraria nele diversidade de anjos, nem de almas, ordem, glória e nem recompensa, pois, segundo eles, só há lá uma essência simples e bem-aventurada, sem operação e eles acrescentam que nós todos, maus e bons, o próprio Deus, seremos, depois do último dia, uma só e única essência divina, em repouso e sem operação por toda a eternidade. A partir de então, nada de saber ou conhecimento, de querer ou amor, de ação de graças ou louvor, de desejos ou posse.

Eles querem estar acima de Deus e se passarem por ele, não buscar e nem encontrar Deus no que quer que seja e serem livres de todas as virtudes. Isto é o que eles chamam de perfeita pobreza de espírito.

Mas uma pobreza assim não é encontrada no Reino dos Céus, nem em Deus, nem nos anjos, nem nos santos,

nem nas pessoas de bem do mundo inteiro. Então, esta é uma pobreza diabólica e infernal, pois, no inferno, não há conhecer, nem amar, nem agradecer, nem louvar, nem verdade, nem sabedoria, nem justiça, mas vergonha e dor, fogo infernal e infelicidade sem fim.

Mas aqueles que nasceram do Espírito Santo e vivem dele praticam todas as virtudes. Eles conhecem, eles amam, eles buscam, eles encontram, eles desfrutam e possuem a graça e a glória, a alegria eterna imensurável que é o próprio Deus. Estes são os verdadeiros pobres em espírito, mortos para eles mesmos no amor, que vivem no Espírito Santo e desfrutam da beatitude eterna.

Aqueles que, pelo contrário, querem ascender por eles mesmos, sem o Espírito do Senhor e sem sua graça, encontrariam o vazio em seus próprios fundos, mas não o encontrariam acima de suas próprias essências e naturezas, onde reside a beatitude eterna, pois eles pecam contra o Espírito Santo, autor de toda graça e de todo dom, de toda glória e de todos os modos de beatitude.

Esta é a primeira espécie de incredulidade em que pessoas insensatas e cegas se desviam e encontram sua própria condenação.

CAPÍTULO 20

O segundo erro ou heresia, que vai contra Deus Pai.

Em seguida, vem outro tipo de incredulidade, que vai contra o Pai celeste e contra sua soberania absoluta. Este é o erro daqueles que acreditam ser Deus por natureza.

Cada uma dessas pessoas malditas ousa dizer:

“Quando eu residia em meu ser de origem, em minha essência eterna, não havia Deus para mim, mas o que eu era, eu quis ser e o que eu quis ser, eu fui e foi por livre vontade que eu saí e me tornei o que sou. Se eu tivesse desejado, eu não teria me tornado nada e não seria uma criatura, pois Deus não conhece, não quer e nem pode nada sem mim. Com Deus, eu criei a mim mesmo e criei todas as coisas e é minha mão que suporta o céu e a terra e todas as criaturas. Assim, toda glória que se presta a Deus é a mim que é prestada, pois em meu ser, eu sou Deus por natureza.

“Eu não tenho esperança, nem amor, nem confiança ou fé em Deus. Eu não posso rezar, nem adorar, pois não posso dar a Deus glória ou superioridade acima de mim. Em Deus, não há distinção de Pai ou Filho ou Espírito

Santo; há somente um só Deus e, com ele, eu sou um, o mesmo um que ele mesmo. Com ele, eu criei todas as coisas e sem mim nada existe”.

Que incredulidade blasfema! As pessoas que pensam assim delas mesmas não podem ser ensinadas e são inaptas a compreender a correta verdade na fé cristã, pois o orgulho espiritual delas é muito grande e muito indignamente estúpido, mesmo que elas participem de missas e ouçam sermões todos os dias sobre os ensinamentos da fé cristã consignada pelos santos Apóstolos em seus escritos. Ensinamentos que lhes dizem que Deus Pai celeste criou e tirou do nada o céu e a terra e tudo o que existe.

Isto é o mesmo que Moisés o profeta diz sobre a origem do mundo. Deus criou e fez o céu e a terra, o Sol e a lua, todos os elementos e todas as criaturas e que, acima de tudo, colocou os anjos do céu e o primeiro ser humano, que ele formou do barro da terra, lhe infundindo o espírito de vida. É deste ser humano que todos viemos segundo o corpo, mas, como Deus criou e formou a alma, isto é à sua Sabedoria e à sua Verdade que remetemos.

O Profeta Davi também nos diz: *Sabei que Javé é*

Deus. Ele nos fez e não nós mesmos[6].

É nossa fé comum, desde a origem do mundo, que Deus criou os anjos e todas as criaturas e que nós não somos feitos por nós mesmos. Assim, quando o anjo Lúcifer, que tinha sido colocado por Deus acima de todos e tinha recebido a maior glória, quis se igualar a Deus, por isto mesmo, ele caiu nos abismos do inferno.

Quanto a estas pessoas que, não contentes em querer se igualar a Deus, pretendem ser o próprio Deus, elas são piores e mais condenáveis do que Lúcifer e todo seu cortejo.

CAPÍTULO 21

O terceiro erro, que é se levantar contra o Filho de Deus e sua humanidade.

A terceira espécie de incredulidade pertence àqueles que pecam contra Cristo, o Filho de Deus e contra sua humanidade adorável. A algumas verdades, eles misturam uma falsa crença, pois a verdade e a fé cristãs nos atestam que há um só Cristo no céu e na terra, eterna-

[6] Salmo 99: 3.

mente nascido do Pai segundo sua natureza humana, de sorte que ele é Deus e humano em uma só pessoa.

Diz o incrédulo:

"E comigo é a mesma coisa, em todas as maneiras, sem nenhuma exceção, pois, como ele, sou vida e sabedoria eternas, nascido do Pai na natureza divina, exatamente como ele. Nascido também, como ele, no tempo, segundo a natureza humana e, exatamente como ele, também sou um com ele, Deus e humano, em todas as maneiras, sem nenhuma diferença, pois tudo o que Deus lhe deu, ele deu a mim, como a ele e não menos do que a ele.

"Mesmo que ele tenha nascido de uma Virgem, eu considero isto como nada, pois não passa de algo acidental, de que não depende nem a santidade e nem a salvação. Ele poderia muito bem também ter nascido de uma mulher comum e ele foi enviado em uma vida ativa para me servir, para viver e morrer por mim, enquanto que eu, eu fui enviado a uma vida contemplativa, que é muito superior, para que eu me recolha em mim mesmo, vazio e livre de toda forma e imagem e assim, eu me descubro ser a Sabedoria de Deus, que ele mesmo é em sua pessoa e, tivesse vivido mais tempo, sua alma teria chegado a uma vida contemplativa, aonde eu já cheguei.

"Observem que toda honra que lhe prestam é a mim que prestam e a todos aqueles que chegaram a esta vida superior. De fato, formamos um só com ele, na natureza divina e na natureza humana e é por isto que toda honra que lhe prestam é a mim que prestam. No sacramento, quando se faz a elevação do seu corpo no altar, sou eu que elevam e quando carregam seu corpo, carregam a mim também, pois, como ele, eu sou carne e sangue e uma mesma pessoa que ninguém pode dividir".

Observem que esta incredulidade é a maior que eu já pude ouvir. A refutação dela é dada pela Santa Escritura, pela fé cristã e pelo próprio Cristo, ao mesmo tempo em que por toda pessoa de bem.

Escute agora e fique atento, criatura sem razão, cega e incrédula. É um enorme espanto que você seja tão louco e insensato para acreditar que você é o Filho de Deus por natureza. Nosso Pai celeste gera seu Filho eternamente dele mesmo, Pessoa distinta na natureza divina e, por este mesmo Filho, que é sua Sabedoria, ele formou e criou, do nada, o céu e a terra e todas as criaturas e, para isto, ele não lhe pediu conselho, pois então você não existia ainda e mesmo que você estivesse lá, ele não precisaria de você.

Quando ele formou o primeiro ser humano, ele já o conhecia bem, mas você não pensava nisto e no último dia, quando ele julgará o mundo, ele o conhece bem, mas você o ignora e ele conserva, governa e ordena o céu e a terra e tudo o que é criado, mas ele não lhe pergunta nada. Ele conhece tudo o que existe e tudo o que pode existir, enquanto que você não conhece nem mesmo você mesmo.

Se é verdade que você tem uma vida eterna na Sabedoria de Deus, fora de você, você não é, no entanto, a Sabedoria de Deus e se é verdade que Deus vive em todas as criaturas e que todas as criaturas vivem em Deus, no entanto, as criaturas não são Deus e nem Deus é as criaturas, pois o criado e o incriado permanecem sempre duas coisas e afastadas imensuravelmente da unidade e, mesmo que Deus tenha se tornado humano e humano Deus, no entanto, a divindade não é a humanidade e nem a humanidade é a divindade. Eternamente, elas permanecem duas coisas distintas __ o criado e o incriado, Deus e a criatura __ e, se é verdade que o Verbo Eterno do Pai tomou nossa natureza, a carne e o sangue e uma alma viva, permanece o fato de que Cristo é Deus e humano em duas naturezas.

De fato, eternamente, ele é nascido da substância do seu Pai, Filho de Deus, Deus verdadeiro e, no tempo, ele é nascido da substância de sua Mãe, a Virgem Maria, verdadeiro humano em nossa natureza. Por isto é que ele é o Filho de Deus e Filho de Maria, ambos por natureza, pois, em sua natureza humana, Cristo é o Filho de Maria, a Virgem toda pura e seu corpo foi formado do seu sangue nobre e precioso, pela operação do Espírito Santo, de sorte que ele é seu Filho único em nossa natureza e ninguém mais além dele e ele é o Filho eterno de Deus, nascido da natureza divina e ninguém mais além dele. De sorte que Cristo é Filho de Deus e Filho de Maria, Deus e humano, duas naturezas em uma só pessoa divina, que é o próprio Filho de Deus e sua humanidade é elevada, alma e corpo, em glória e em dignidade, no céu e na terra, acima de tudo o que Deus criou ou jamais criará.

Assim, você pode observar, criatura cega e incrédula, que você não é Cristo, o Filho de Deus, Deus e humano em duas naturezas, mas você está inteiramente no erro. E você ainda ousa afirmar que tudo o que Deus deu à humanidade do Senhor, ele lhe deu também, sem diminuição e nenhuma exceção!

Isto é uma mentira grosseira! Pode-se vê-la, tocá-la,

senti-la, pois Deus deu à humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo todo poder, no céu e na terra, acima de todas as criaturas e é por isto que ele perdoou, aos pecadores, seus pecados, como eles desejavam e lhe rogavam e, além disto, ele lhes concedeu sua misericórdia e sua graça. Ele devolveu a vida aos mortos; chamou as almas dos infernos e os corpos dos túmulos; todos aqueles que ele tocou de alguma maneira ou que se aproximaram dele com fé, foram curados de todos os seus males. Ele tinha o poder de realizar tudo o que ele queria e, por aqueles que acreditaram nele, tudo o que eles queriam, tanto para a alma quanto para o corpo, segundo lhes era útil.

Então, observe bem agora, pobre criatura insensata, que Deus não lhe deu tal poder. A alma de Cristo era, ao lado dos dons de Deus, tão plena de sabedoria que ela conhecia Deus seu Criador, assim como todas as criaturas no céu e na terra.

Cristo sabia as palavras, as obras, os pensamentos de todas as pessoas e cada uma das coisas que ele queria saber. Ele conhecia todo o passado, o presente e o futuro, desde o começo do mundo até o último dia e nada estava oculto à sua alma, no céu e na terra. Ele predisse claramente sua Paixão e sua morte, seu martírio, a maneira

como ele sofreria e padeceria, sua ressurreição no terceiro dia e sua subida ao céu na glória, o envio do seu Espírito Santo a todos aqueles que queriam se dispor a isto e sua vinda no último dia, para julgar os bons e os maus.

No entanto, você ousa dizer, miserável, que Cristo foi enviado em uma vida ativa para servi-lo e para morrer por você, assim como para todas as pessoas, mas que, se ele tivesse vivido mais tempo, ele teria chegado a uma vida contemplativa, que é superior e mais nobre e que você pretende ter atingido.

Compreenda então, em sua abjeção e sua cegueira, que a alma de Cristo era mais iluminada pela Sabedoria Divina e tinha uma contemplação mais clara e mais elevada do que todas as pessoas já foram ou serão jamais. Quanto a você; você não possui nem vida contemplativa e nem vida ativa, nem mesmo virtude que possa agradar a Deus e salvá-lo.

Assim, está contente o cão que dorme e sonha ter na goela um pedaço de carne. Mas, quando ele acorda, vê que não tem nada. É isto o que acontece com você, pois um falso despojamento de imagens o colocou no erro, de sorte que você pensa possuir a contemplação divina, quando você não conhece nada ou muito pouco de Deus.

Quando você se recolhe a você mesmo, além das imagens, da razão e de todo olhar distinto e acima de todas as forças da sua alma, você encontra a essência pura da sua alma, despojada e vazia de imagens por natureza, tal como Deus a criou. Você pensa então que esse ser puro é Deus e que você vê Deus e que você mesmo é a Sabedoria de Deus, ou seja, Cristo, Deus e humano.

Nisto, você está bem enganado, pois pensa ser Cristo ou ser um com ele e acredita que toda honra que se presta a Cristo é prestada a você mesmo, ao memo tempo que a ele e isto é um erro ímpio.

É Cristo que adoramos. É nele que acreditamos e que esperamos, pois ele é nosso Deus e se agíssemos assim com relação a você, seríamos como você: incrédulos e malditos.

Você também afirma, indigno mentiroso, que o corpo de Cristo é seu próprio corpo. Você pensa ser sua carne e seu sangue e um com ele e quando se consagra seu corpo sagrado, quando ele é elevado e carregado no sacramento, você acredita ser ele.

Assim, você não sente nenhum desejo e nem nenhuma reverência pelo corpo do Senhor, nem também mais alegria em contemplar o santo sacramento, do que

teria um cão ao acompanhar sua dona na missa. Você tem tanto interesse pelas paredes da igreja quanto pelo santo sacramento nas mãos do sacerdote.

Escute então, asno sem razão, pois vou lhe dizer a verdade exata. Na Ceia, quando Cristo consagrou seu santíssimo corpo e seu sangue precioso, ele tomou o pão em suas mãos santas e veneráveis e, levantando os olhos para o céu, para seu onipotente Pai celeste, ele lhe deu graças e o louvou. Ele abençoou o pão, o partiu e o deu aos seus discípulos, dizendo: *Tomai e comei. Isto é o meu corpo*[7].

Ora, Jesus Cristo é a Verdade Eterna. Ele não pode mentir e nem nos enganar.

Depois, da mesma maneira, ele tomou o cálice de vinho em suas mãos santas e veneráveis, deu graças e louvou novamente seu Pai celeste e abençoando esse cálice, ele disse aos seus discípulos: "*Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue; o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos em remissão dos pecados*[8]. *Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em minha memória*[9], ou seja, em memória do meu amor, da minha Paixão e da minha morte".

[7] Mateus 26: 26, Marcos 14: 22, Lucas 22: 19 e 1 Coríntios 11: 24.
[8] Mateus 26: 27 e 28.
[9] 1 Coríntios 11: 25.

Observem que este sacrifício foi instituído inicialmente pelo próprio Jesus Cristo, em seu corpo sagrado e seu precioso sangue. Isto é o que nos atestam os quatro Evangelhos e a prática da santa cristandade, desde o tempo em que Cristo enviou seu Espírito Santo aos Apóstolos e a todos os fiéis dispostos a recebê-lo.

Todavia, jamais um santo personagem teve a audácia e nem a pretensão de dizer: “O corpo de Cristo é meu corpo e seu sangue é meu sangue”. A própria Maria Mãe de Deus não pode dizer: “O corpo do meu Filho é meu corpo”, pois este corpo é somente Daquele que é Deus e humano juntos e de mais ninguém.

Assim, veneramos e adoramos seu corpo no Sacramento e o oferecemos a Deus, já que ele foi torturado por amor, em expiação de nossos pecados e para a utilidade da santa cristandade.

Mas você, você recusa a Cristo todo privilégio que o honra e que o louva. Que ele tenha nascido de uma Virgem, você não vê nada além de um acidente e você não pensa ser inferior a ele por isto, já que, segundo você, uma mulher comum bem que poderia também ter sido a mãe dele.

Tivesse você cometido somente esta impiedade e já

mereceria o inferno e a morte, neste mundo, pelo fogo, pois você é um incrédulo, um excomungado, maldito e rejeitado por Deus e por todos os santos, assim como pela Santa Igreja.

Mas a misericórdia de Deus é grande e ultrapassa toda medida. Ele encheu e cumulou Cristo seu Filho com seus dons e toda a riqueza das graças e das virtudes. Assim, Cristo tem poder sobre todas as criaturas no céu e na terra e ele morreu por amor.

Tenha piedade de você mesmo e core-se de vergonha. Humilhe seu coração que sente orgulho, mas não se desespere. Busque, pelo contrário, graça e misericórdia. Caia aos pés de Nosso Senhor Jesus Cristo e se incline diante da grandeza de sua Mãe Gloriosa. Então, você encontrará, sem nenhuma dúvida, o perdão de todos os seus pecados.

CAPÍTULO 22

O quarto erro ou heresia, que ataca Deus, as divinas Escrituras e toda a Santa Igreja.

Aqui está a quarta espécie de heresia, que compreende nela todos os outros tipos de erros. Ela ataca Deus, a

Santa Igreja e toda a santa cristandade. Ela despreza a sabedoria e a ignorância, a ação, a contemplação, o desejo, o conhecimento, o amor, a ciência, a posse, as práticas da Santa Igreja e todos os sacramentos, preceitos e conselhos, o santo Evangelho e a vida de Cristo, sua doutrina, sua santa Paixão, seus sofrimentos e sua morte, as pessoas divinas e todas as obras que Deus já realizou ou que ainda realizará.

Aqueles que professam estes erros desprezam a vida eterna que possuímos na Sabedoria de Deus, segundo estas palavras de São João: *Tudo foi feito por ele e nele havia a vida*[10].

Eles ultrapassam sua própria existência e tudo o que é criado, Deus e a divindade e dizem: "Deus não é, tanto quanto nós mesmos. Não há beatitude e nem condenação, nem atividade e nem ociosidade, nem Deus e nem criatura, nem bem e nem mal".

Observem como eles perderam o próprio ser deles, para se tornarem nada, assim como Deus, de acordo com o pensamento deles, é nada. O céu e a terra e tudo o que Deus fez tem ser e existência, mas estes incrédulos dizem: "Não somos e nosso Deus não é".

[10] João 1: 3 e 4.

No entanto, a Sabedoria Divina nos diz: *Eu sou o princípio e o fim. Aquele que é, que era e que vem*[11]. E Deus disse a Moisés: *Eu sou aquele que sou. Eis como responderás aos israelitas: "Aquele que se chama EU SOU envia-me junto a vós". E Deus também disse: "Assim falarás aos israelitas: 'Javé é o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó que me envia junto de vós'"*[12].

São Bernardo ensina que Deus não é uma parte, mas que ele é um todo. Da mesma forma, o Profeta nos ensina que as pessoas insensatas dizem: *Não há Deus*[13]. Este é o seu caso, quando você afirma que Deus é nada e que neste nada você encontra todas as coisas. Isto é um erro manifesto, pois, se você não é, você não busca e se você não pode encontrar e se você não é e se Deus não é, não pode haver aqui nenhuma criatura.

Deus, de fato, é um apoio vivo para tudo o que foi criado. Ele vive em nós e nós vivemos nele. Ele é um agente vivo e que age sempre. Ele nos dá sua graça e reclama de nós, incessantemente, ações de vida, que consistem em confessá-lo, em conhecê-lo, em amá-lo, em agra-

[11] Apocalipse 1: 8.
[12] Êxodo 3: 14 e 15.
[13] Salmo 13: 1.

decê-lo e em louvá-lo. Estas são ações contínuas de vida, que ele opera em nós e conosco. É nele, de fato, que elas têm sua fonte e é nele também que, com sua ajuda, elas são realizadas.

Acima destas ações só há o desfrutar com ele dele mesmo na beatitude eterna, pois Deus é nossa vida e ele é tudo o que precisamos e que desejamos, para o tempo e para a eternidade. Ele é o eterno e o vivo, que ultrapassa em altura, em profundidade, em comprimento e em largura, tudo o que ele criou ou pode fazer. Compreenda então que tudo o que é é Deus ou criatura.

Mas então essa gente em delírio nos diz que eles não são e que Deus não é também e isto é algo impossível, pois ser e não ser é algo de contraditório em si mesmo.

No entanto, isto aconteceu neles, pois Deus fez todas as coisas do nada e esse nada que eles são, isto é o que lhes resta. Deus não podia fazê-lo, pois esse nada é o pecado, a falsa ociosidade e a desobediência. Esse nada é a eles que ele retorna. Tudo o Deus fez, é do ser. Mas, o *nada* do pecado foi feito sem Deus, diz São João[14].

O primeiro nada do pecado foi feito no céu. Ao criar as ordens e as hierarquias dos anjos, Deus lhes ordenou

[14] Cf. João 1: 3. *Sem ele* "o" *nada foi feito*.

agir em total obediência e amá-lo, agradecê-lo e louvá-lo. Aqueles que agiram assim permaneceram firmes em suas obras e estão eternamente felizes na glória de Deus. Aqueles que não obedeceram e que, em seu orgulho, desprezaram a ordem de Deus, suas obras caíram do céu no nada tenebroso do pecado e no falso repouso, de sorte que não poderão jamais conhecer e nem amar Deus, agradecê-lo, louvá-lo e nem praticar nenhuma virtude, pois o nada do pecado e a falsa ociosidade colocam um obstáculo entre eles e Deus e os impedem de se unirem a ele.

No entanto, é preciso observar que o nada, propriamente, não é bom e nem mau, nem feliz e nem infeliz, nem pobre e nem rico, nem Deus e nem criatura. No entanto, essa gente, em sua loucura, diz que a essência da alma é o nada e que a essência de Deus é esse mesmo nada das almas que chegaram ao repouso.

Isto é falso e contra a fé, pois Deus é tudo em tudo, o ser eterno, onipotente, infinito e incriado, autor de todas as criaturas. Isto é o que testemunha aos olhos do intelecto e confessa de muitas maneiras tudo o que ele criou. Ele vive, através de sua graça, nas forças da nossa alma e nos ordena realizar obras de salvação eterna, já que ele mes-

mo é uma operação eterna.

É através dessas boas obras da eternidade que nós nos assemelhamos e permanecemos sempre com ele, crescendo e progredindo em graças sempre mais abundantes.

Acima da graça e das boas obras, ele vive também por ele mesmo na própria essência da alma. É lá que somos unidos a ele e somos elevados na vida santa e bem-aventurada.

Mas, entre essa união com Deus acima de nós e a semelhança com ele dentro de nós mesmos, é preciso colocar o intermediário das obras abençoadas que atraem sua complacência e que ele nos ordenou e aconselhou. Não podemos, de outra maneira, alcançar a união com Deus, nos tornarmos santos e nem bem-aventurados.

CAPÍTULO 23

Quatro modos de amor.

As obras abençoadas que nos tornam santos e bem-aventurados acontecem e são levadas à perfeição de quatro maneiras. Elas têm sua origem em Deus e são terminadas com sua ajuda. Elas se renovam e recomeçam sem-

pre e permanecem eternamente e sem fim.

Estes são os quatro modos de amor tais como nos foram ordenados e aconselhados. Precisamos exercê-los e praticá-los com a graça de Deus, pois, entre nós e Deus, só há a prática do amor, ou seja, o dar e o receber. Isto é o que dá ao amor sua estabilidade.

O amor nos torna semelhantes a Deus e um com ele no amor. Não que possamos nos tornar Deus ou semelhantes a ele em poder ou em sabedoria, em conhecimento, em amor e em tudo o que ele é por natureza. Mesmo a alma de Nosso Senhor Jesus Cristo, como tudo o que é criado, permanece aquém de Deus e menor do ele.

Deus nos ordenou e ensinou a prática do amor em quatro maneiras, quando ele disse: *Ouve, ó Israel! Javé nosso Deus é o único Senhor. Amarás Javé, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças*[15].

Estes são os quatro modos de amor eterno, em que podemos perceber o que Deus nos dá e o que nós devemos prestar a ele com toda justiça, se queremos ser salvos.

---

[15] Deuteronômio 6: 4 e 5.

CAPÍTULO 24

O primeiro modo de amor a Deus e como devemos praticar o verdadeiro amor e devolver algo a Deus.

O primeiro modo de amor é definido assim: *Amarás Javé, teu Deus, com todo o teu coração*. Observem então como é preciso praticar o amor verdadeiro, para responder ao amor de Deus.

Foi livremente que ele nos amou desde toda a eternidade. Ele criou nossa natureza e ele deu, ao primeiro ser humano da nossa ascendência, nobreza e liberdade, para que ele pudesse amar e realizar obras livres, adquirir a liberdade e se fixar nela por toda a eternidade.

Isto, o primeiro ser humano desprezou e, por isto, ele foi expulso do Paraíso e condenado à miséria deste exílio, que podemos experimentar e encontrar em cada dia.

Depois, o Pai celeste considerou nossa grande miséria e sua própria bondade insondável e, por amor, ele enviou em nossa natureza seu Filho único, que nos amou tanto que se rebaixou e se humilhou, para elevar nossa

natureza e fazê-la subir com ele até acima dos Serafins.

Ele quer ser inteiramente nosso. Ele se pôs ao nosso serviço, ele viveu por nós, nos ensinou e, por amor, morreu por nós. Ele nos deu e deixou sua carne e seu sangue, tudo o que ele é, com todo seu poder, Deus e humano e ele nos espera, tendo nos preparado a glória e a vida eterna e ele quer que nós o amemos de volta, com todo nosso coração.

Assim, devemos abandonar o pecado e rejeitar tudo o que poderia nos ser um entrave em seu amor e seu serviço, todo temor descontrolado e todo amor destemperado, alegria ou tristeza sobre coisas perecíveis, angústia e preocupação de coração e todas as coisas estranhas capazes de nos deprimir.

Com uma alma livre, uma caridade sincera e com afeição no coração, devemos servi-lo e observar suas palavras e seus mandamentos. Assim, saberemos que Cristo vive em nós através da graça e que vivemos nele por meio das virtudes e do amor sincero do coração que lhe dedicamos.

Então, poderemos dizer, como São Paulo: *Eu vivo, mas* não, todavia, segundo os desejos da natureza, pois *é*

Cristo que vive em mim[16].

Quem ama é amado. Ele habita em Deus e Deus habita nele.

Depois, buscaremos, encontraremos e amaremos Cristo acima de nós, no céu, onde ele está sentado à direita de seu Pai, na glória de Deus. É lá que devemos habitar e nos manter, com todos os santos, em presença de Deus.

Com uma alma livre, nos elevaremos acima de todos os céus, através de uma vontade sem partilha, através de preces íntimas, uma devoção ardente e a afeição de um coração que se derrama diante da face gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Lá, veremos, com os olhos do intelecto e com a razão iluminada, o Pai no Filho, o Filho no Pai e o Filho em sua humanidade, sentado à direita do seu Pai, revestido de poder e de majestade, acima de tudo o que está no céu e na terra. Lá, nosso coração amoroso se rejubilará e permanecerá elevado com Deus.

Poderemos então dizer como o Apóstolo: *Nós, porém, somos cidadãos do céu*[17]. Nossa vida se passa no céu, com alegria e afeto no coração e não na terra, na an-

[16] Gálatas 2: 20.
[17] Filipenses 3: 20.

gústia da tristeza e das misérias.

Devemos ainda buscar Cristo dentro de nós mesmos e no santo sacramento. Lá, sua carne é um alimento eterno para seus bem-amados e seu sangue é uma bebida gloriosa. Precisamos buscar estes santos alimentos com um grande desejo, reconhecê-los com uma fé verdadeira, comê-los e degustá-los com uma alegria sempre ávida. É assim que nos libertamos do pecado, que crescemos e progredimos em todas as virtudes.

Cobiçamos e somos cobiçados. Devoramos Deus e Deus nos devora. Desejamos ser consumidos por ele, para nos tornarmos, com ele, um mesmo Cristo perante a face do Pai. Lá, nosso desejo e o de Cristo serão um só, pois, com o amor de nosso coração, fluiremos nele e com ele nos perderemos na felicidade eterna de Deus e lá se consuma e se aperfeiçoa o amor que Deus nos ordena lhe dedicar com todo nosso coração.

CAPÍTULO 25

O segundo modo do amor divino.

Depois vem o segundo modo, que consiste em amar Deus com toda nossa alma.

O Pai e o Filho nos deram o Espírito Santo, ou seja, o amor mútuo deles e o próprio Espírito Santo se comunica a nós com todos os seus dons.

O Espírito Santo __ ou seja, o amor de Deus __ exige nosso amor e nada mais. Mas os dons que ele faz fluir em nós nos ordenam praticar, no interior, as virtudes e, no exterior, as boas obras, segundo a caríssima vontade de Deus.

Devemos então obedecer ao seu amor eterno com um retorno eterno de amor e devemos livremente obedecer à sua livre vontade e aos seus dons gratuitos, no exterior e no interior, pelas virtudes e pelas obras, de sorte que possamos cumprir livremente tudo o que ele nos ordena e sofrer sem resistência tudo o que ele nos envia de fardos. Estaremos então firmemente estabelecidos, não querendo e nem podendo querer nada além do que Deus quer.

Então, nos tornamos semelhantes ao nosso caríssimo Senhor Jesus Cristo, que cumpriu a vontade do seu Pai e se submeteu a ela até a morte amarga e se sua alma e seu nome são gloriosos acima de todas as criaturas, é porque ele viveu e morreu segundo a caríssima vontade de Deus. Ele satisfez ao amor com toda sua alma.

A nós também é dado o mandamento de amar com toda nossa alma. É por isto que precisamos elevar o mais vivo de nossa alma acima da vida sensorial, lá onde ela é totalmente espírito. Lá também devemos nos despojar de nós mesmos e de tudo o que não está segundo a obediência.

Desta maneira, temos nossa alma em nossas mãos e em nosso poder e, por isto, nos é permitido nos recolher, aderir com amor ao Amor e nos deixar fluir com toda nossa alma, através do amor, no Amor Eterno, do qual somos nascidos. Lá, habitaremos, pelo amor, no Amor, pois, *Deus é amor e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele*[18], diz São João.

Assim, nossa alma deve, sem trégua, fluir, através do amor, no Amor Eterno e sempre permanecer aquém e recomeçar sempre. Isto é a vida eterna e assim ela se torna, com Deus, um só amor vivo e, na simplicidade do seu amor, ela não vê mais diferença entre amar e ser amada, pois onde ela habita no amor, ela é despojada dela mesma e de toda sua operação, já que o amor a estabelece em Deus, acima dela mesma e acima de toda operação.

Observem que é assim que é preciso amar Deus com

[18] 1 João 4: 16.

toda nossa alma.

Este é o segundo modo de amor.

CAPÍTULO 26

O terceiro modo de amor a Deus.

O terceiro modo, que vem em seguida, é quando amamos Deus com todas as nossas forças. Deus é um em sua natureza e essa natureza é fecunda segundo a Trindade das Pessoas. Incessantemente, ele flui, vive e age segundo a distinção de Pessoas. Ele conhece e ama. Ele cria e modela o céu, a terra e todas as criaturas.

Mas, eternamente e sem trégua, ele se retira nele mesmo, no repouso absoluto de sua essência, pelo Amor Eterno, na unidade do Espírito Santo. É lá que, acima de nós mesmos, somos um só amor e um só prazer com ele.

Ao derramar sua graça, ele nos torna semelhantes a ele e, ao entrar nele mesmo, ele nos recolhe com ele na unidade do seu Amor. Lá, o Espírito Santo __ ou seja, o Amor Eterno de Deus __ nos ordena amar com todas as nossas forças, para que possamos nos tornar um com Deus no Amor.

Para isto, é preciso que o coração e os sentidos, a

alma e o corpo e todas as nossas forças, tanto espirituais quanto físicas e tudo o que somos se recolham em nós e nos elevem ao mais alto cume que possamos atingir. Lá, encontramos a unidade de todos os espíritos amorosos, na fonte da graça de Deus, que é a plenitude de todos os dons e bem perto do Amor Eterno de Deus. Lá, todos os espíritos amorosos constituem uma unidade espiritual na qual Deus vive através de sua graça, dando, a todos aqueles que amam, graça e misericórdia, segundo cada um for digno.

Ninguém pode descobrir e nem desfrutar dessa unidade, a não ser aqueles que empregam todas as suas forças com vistas a este amor tranquilo que se assemelha ao dos Serafins, pois ele se eleva acima de todas as hierarquias nas práticas do amor e ele constitui a plenitude de todas as graças, onde começam e terminam todas as práticas das virtudes.

O amor tranquilo está acima de tudo. Ele se dedica somente ao amor e a nada mais. Ele é um ornamento consumado de toda virtude. Ele ultrapassa todo ardor inflamado, semelhante a um braseiro de carvões inflamados que consome em si toda escória e tudo o que não é ele e ele mesmo é o mais alto grau do amor. Nele, não há ir e

vir, nem aquecimento do amor ou da virtude.

Quando o óleo que ferve queimou e consumiu todo elemento estranho, ele fica tranquilo, puro, ardente e superando todo calor.

O amor tranquilo vive em Deus e Deus nele. Nada mais pode entrar nele. Ele alimenta e mantém todas as virtudes e, estando nele mesmo acima de tudo, ele não toma alimento a não ser em Deus apenas. Pode-se compará-lo ao Sol, que envia seu calor e torna, assim, fértil, a terra inteira, sem, no entanto, dar a si mesmo.

Da mesma forma como a fonte transborda em seus fluxos e permanece sempre em seu fundo vivo, assim também acontece com a nobre união dos espíritos amorosos, onde Deus vive através de sua graça e nós com ele, no amor tranquilo e, de lá, emanam para nós todos os dons e toda santidade, onde vivemos, enquanto que a união permanece nela mesma, imóvel acima de tudo.

Na medida em que nós nos desgastamos, com todas as nossas forças, no amor, encontramos a união de todos os espíritos amorosos e Deus mesmo, unido conosco no amor tranquilo.

Acima dessa união não há nada além da unidade do Espírito Santo, na qual a união de nós todos e nosso amor

tranquilo têm suas raízes, como em seu fundo vivo. É então que, ao amarmos até o desgaste total de nós mesmos e de todas as nossas forças, na unidade do nosso espírito, nosso amor se torna tranquilo. Lá, percebemos Deus e nós com Deus e todos os espíritos amorosos unidos a Deus em uma visão totalmente simples e assim, ele é amado por nós, com todas as forças da nossa alma.

CAPÍTULO 27

O quarto modo do amor a Deus.

Por fim, vem o quarto modo, que consiste em amar Deus com todo nosso pensamento simples.

Você deve saber, de fato, que nossa alma racional é dotada de três forças distintas, por meio das quais praticamos a vida interior e todas as virtudes e quando ultrapassamos, através do amor, essas forças, na unidade do nosso espírito, encontramos em nós mesmos o amor tranquilo e a união amorosa com Deus no amor, pois, acima do nosso pensamento simples não há nada além do Amor Eterno, que é o próprio Deus.

Devemos então ultrapassar, através do amor, nosso pensamento simples e nosso espírito, se queremos nos

encontrar com Deus na unidade do amor e mesmo que sintamos acima de nós mesmos a unidade com Deus no amor, permanecemos, no entanto, eternamente em nosso espírito e nosso pensamento simples, que é diferente de Deus.

Entre a unidade com Deus e a distinção dele, que nos é própria, vive um êxtase de amor, no qual se encontra nossa beatitude, pois o Espírito de Deus convida nosso espírito a se perder nele através de um êxtase de amor e nosso espírito mesmo quer se abandonar e ser um só amor com Deus.

Mas o êxtase do amor e, por outro lado, a distinção entre nós e Deus, são obras eternas, das quais não podemos nos desfazer e é por isto que devemos permanecer eternamente em nós mesmos, como seres criados.

Teremos êxtase de amor no Espírito Santo, que nos amou eternamente e nós gastaremos nós mesmos no Pai celeste, que desde o princípio da nossa existência nos deu o ser e faremos remontar nossa vida até a Sabedoria Eterna de Deus, em quem, sem começo, temos imagem eterna.

Destas três maneiras, há para nós uma saída de nós mesmos, um fluir para Deus e novamente um refluir para

nós mesmos e estes atos se renovam sempre e sem interrupção. Assim, permaneceremos sempre distintos de Deus em nosso ser criado, pois nosso pensamento simples é uma imagem criada de Deus e, ao entrarmos em nós mesmos, descobrimos sempre uma diferença e uma distinção entre nós e Deus, exceto quando estamos fora do espírito, no amor, pois então perdemos toda distinção entre nosso amor e o amor de Deus e não sentimos nada além do que o amor de Deus.

Mas, na prática das obras, quando superamos nós mesmos no amor por Deus, compreendemos e sentimos que há uma diferença e uma distinção entre nosso amor e o amor de Deus, pois, se não fosse assim, isto seria uma prova de que toda obra e prática de amor entre nós e Deus teria desaparecido e assim, não seríamos nem santos e nem bem-aventurados.

Deus então nos fez à sua imagem e semelhança e se morremos para o pecado e abandonamos a nós mesmos e à nossa vontade própria pela vontade de Deus, somos então semelhantes a Deus e capacitados para crescer e progredir em uma semelhança sempre maior, de sorte que, entre nós e Deus, não há outro intermediário além de sua graça e nossas boas obras e assim, Deus toma em

nós suas complacências e nós, de volta para ele e essa complacência mútua entre nós e Deus é o verdadeiro exercício do amor. Com ele, operamos todas as nossas virtudes e todas as nossas boas obras e, sem ele, não podemos nada de bom e, se nossa vontade não se prontificar a colaborar com ele, não podemos nos assemelhar com Deus e nem Deus nos tornar santos ou bem-aventurados.

Desejemos então nos assemelhar a Deus através das virtudes e uma caridade sincera, para que Deus viva em nós e nós nele e para que nossa alma racional, com todas as suas forças, seja cheia de graça e todos os dons espirituais, pois assim permaneceremos sempre ricos em virtudes e semelhantes a Deus e atrairemos sua complacência eterna e, acima dessa semelhança, permaneceremos unidos a ele através de um amor que não conhece volta.

CAPÍTULO 28

A unidade de natureza de Deus onipotente e da Trindade das Pessoas.

Observem bem que a alta natureza de Deus, um em três Pessoas, opera eternamente todo bem e toda virtude em cada pessoa, segundo suas necessidades e seus dese-

jos. Ele criou a alma racional dotada de três faculdades e se elas são cheias de graça, a pessoa se torna semelhante a Deus e ela está apta, suficientemente sábia e poderosa para vencer todos os pecados e realizar todas as virtudes. Ela pode assim se reger e se ordenar, externa e internamente, em todos os bons hábitos e em todas as virtudes, segundo a caríssima vontade de Deus e assim, ela é semelhante a Deus, por sua graça e pela vida virtuosa que ela leva, mas, acima da semelhança em graça e em virtudes, Deus formou o ser humano à sua própria imagem. Sendo a imagem dele mesmo e de todas as criaturas, ele se conhece, por ele mesmo e nele mesmo e todas as coisas com ele. Ele é a superessência de todos os seres e sua divindade é um abismo sem fundo. Aquele que cai nele se perde para sempre.

Deus é um em sua natureza e trino em Pessoas. A Trindade permanece eternamente na unidade da natureza e, a unidade da natureza, na Trindade das pessoas. É desta forma que a natureza é viva e fecunda por toda a eternidade.

A essência divina é ociosa, na medida em que ela é chamada essência e, ao mesmo tempo, eterno princípio e fim e suporte vivo de tudo o que é criado e essa mesma

essência é natureza e fecundidade e domínio próprio da personalidade.

Esse domínio próprio é personalidade e personificado em três propriedades: a paternidade, a filiação e a terceira propriedade, que é oculta, ou seja, a expiração voluntária.

Ora, nem a natureza pode ser sem as Pessoas e nem as Pessoas sem sua substância, que é o suporte vivo das Pessoas e assim, a natureza é una nela mesma, fecunda na Trindade e a Trindade vive na unidade e a unidade na Trindade.

A Trindade, de fato, é fecunda nela mesma e ela não é distinta realmente da natureza, mas segundo a razão, pois a Trindade é a unidade da natureza. A natureza produz as Pessoas distintas, segundo a razão e segundo também a realidade, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. São três Pessoas distintas e, no entanto, uma só divindade, que não se pode separar e nem dividir de nenhuma maneira.

Assim, confessemos um só Deus em três Pessoas e as três Pessoas não existem segundo a distinção pessoal, mas elas são uma só essência, uma só natureza, um só Deus, sem separação e nem divisão de nenhum tipo. No

entanto, cada uma das Pessoas é Deus, porque cada uma compreende a natureza inteira. Mas não podemos dizer três deuses, como dizemos três Pessoas, pois elas são uma só unidade de natureza, indivisa e indivisível.

Entre as Pessoas, o Pai é um princípio eterno e este princípio é, ao mesmo tempo, essencial e pessoal. As outras Pessoas são, com o Pai, este mesmo princípio. Elas são eternas, sem antes e nem depois, sem mais e nem menos, mas são iguais em todas as maneiras quanto ao ser, a vida e a operação.

Mas, segundo a razão, segundo a ordem da natureza e também segundo a maneira de falar da Santa Escritura, o Pai é, na divindade, a primeira Pessoa. Ele gera sua Eterna Sabedoria, ou seja, seu Filho igual a ele mesmo e uma só substância com ele e ele conhece seu Filho único, eternamente inato nele, incessantemente nascendo dele novamente, sempre gerado como Pessoa distinta e sempre um só Deus com ele na natureza.

O Filho, que é a Sabedoria do Pai, fixa, por sua vez, seu princípio, o Pai e ele o conhece e se vê inato no Pai segundo a natureza e emanando da substância do Pai por distinção pessoal, como outra Pessoa distinta do Pai e sempre, na mesma natureza, um com o Pai.

Desse olhar mútuo entre o Pai e o Filho jorra uma complacência eterna, ou seja, o Espírito Santo, a terceira Pessoa, que procede das outras duas juntas, pois ele é uma só vontade e um só amor dentro deles, jorrando eternamente do Pai e do Filho, mas novamente refluindo na natureza da divindade e assim, a natureza sublime de Deus consiste em uma Trindade de Pessoas realmente distintas e em uma unidade de natureza, que é simples e sem distinção.

Desta maneira, você se apegará e acreditará firmemente no Filho com o Pai na unidade do Espírito Santo. Três Pessoas em uma natureza. Verdadeiro Deus que vive e reina no céu e na terra acima de todas as criaturas, no tempo e por toda a eternidade.

Terceira Parte

O universo em relação com a vida espiritual do ser humano.

CAPÍTULO 29

Como Deus nos criou corpo e alma e a tríplice vida, ou seja, contemplativa, interior e ativa.

Acreditamos e confessamos, de Deus onipotente, nosso Pai celeste, que ele é, por natureza, um ser eterno, vida, conhecimento e vontade e que foi por livre vontade e mediante sua Sabedoria Eterna que ele criou todas as coisas do nada, segundo o exemplo que é ele mesmo.

Ora, ele nos deu, quanto ao corpo, uma vida mortal como aos animais, pois este corpo é composto de diversos elementos e ele nos deu, segundo a alma, uma vida imortal, semelhante à dos anjos acima do firmamento.

Observem que Deus criou o ser humano com duas naturezas que não se parecem e se contrariam uma à outra. É a alma e o corpo, a carne e o espírito, a animalidade e a razão, a vida e a morte, o tempo e a eternidade, uma natureza que morre na terra e outra que vive no céu, infe-

rior a Deus e semelhante a ele, imagem de Deus e sua figura e Deus é, ele mesmo, eterno e incriado, sua própria beatitude e a de todos aqueles que o amam. Ele é também a superessência de todos os seres e a felicidade de todos os bem-aventurados, o primeiro objeto dos espíritos elevados desprovidos de imagens.

Essa pura e superessencial beatitude abrange, nela mesma, as Pessoas divinas e, segundo sua superessência, todos os espíritos elevados, sem distinção, em uma simplicidade vazia de toda composição. Lá, não há tempo e nem espaço, nem antes e nem depois, nem via e nem trilha, nem posse e nem desejo, nem dar e nem pegar, nem vícios e nem virtudes, nem prática de amor, nada leve e nem pesado, escuridão ou claridade, noite ou dia, nada, enfim, que se possa expressar com palavras.

Lá, estamos mortos para nós mesmos em Deus e nossa vida esta escondida em Deus. Lá, não há começo e nem fim, ninguém nela pode nos encontrar e nossa morada é em lugar nenhum.

É, acima de tudo, para o que é criado que somos arrebatados com Deus em nossa superessência, em uma beatitude totalmente simples que jamais é conhecida de forma diferente do que por ela mesma, pois ninguém po-

de encontrar ou possuir esse repouso na superessência, a não ser as pessoas amorosas, iluminadas pela luz divina, unidas a Deus em amor e arrebatadas com ele na beatitude superessencial e no repouso que é o próprio Deus, pois Deus é um ser eternamente em repouso segundo a essência. Sua natureza é onipotente. Conhecer, amar e querer são sua obra eterna, que é ele mesmo. Nele, nada é passado e nem futuro, mas todas as coisas lhe estão à descoberto e presentes.

Vejam que, desta maneira, seu ser está em repouso segundo a essência e sua natureza opera todas as coisas através de sua fecundidade. Ora, é para esta mesma dignidade que Deus fez os anjos e os humanos. Desde a origem do mundo, ele nos deu seu Reino, se quisermos viver bem para ele e seu Reino é ele mesmo.

Ele é todo nosso, se quisermos servir somente a ele. Ele formou o céu e a terra e todas as criaturas para nós e ele nos dá, acima da razão, liberdade de espírito e despojamento das imagens do pensamento.

Se então, com um espírito amoroso, nós nos apegarmos livremente a ele, somos elevados acima da nossa própria natureza e nos tornamos um só espírito com ele e nos unimos a ele através do amor eterno que é ele mes-

mo.

Observem que isto se chama vida contemplativa, que está ao alcance de todos aqueles que sabem se libertar das imagens e que servem e amam Deus somente, na liberdade do seu espírito e assim, ele permanece em nós e nós nele.

Ele nos deu também uma alma racional e uma vontade livre e se abandonamos e rejeitamos os pecados, nossa razão é iluminada e esclarecida do alto e assim, possuímos uma vida graciosa na qual Deus se compraz.

Deus vive em nós através de suas graças e nós nele através de nossas virtudes e assim, podemos sempre crescer e evoluir em sua complacência e ornamentar nossas faculdades interiores, fazê-las resplandecer e enriquecê-las com novas virtudes. Isto é uma vida interior e virtuosa, que todos precisamos para sermos salvos.

Ele nos criou também sensoriais e mortais, de carne e sangue e ele revestiu nossa alma viva com um corpo mortal, nascido de um pai e de uma mãe, para que vivamos para ele e o sirvamos na abstinência e na penitência, na honestidade de costumes e nas santas obras exteriores, assim como ele veio nos servir, Deus e humano, vivendo e morrendo até expirar na cruz.

Ora, assim como Cristo foi obediente ao seu Pai celeste, da mesma forma, devemos segui-lo, se queremos ser seus discípulos e carregarmos nossa cruz e nos renunciar de todas as maneiras. Assim, podemos ir livremente para Cristo, nele e com ele, para seu Pai e nosso Pai, servi-lo e obedecê-lo até a morte, obedecer também aos mandamentos e à nossa razão, aos Evangelhos e às santas Escrituras, à fé e à Lei cristã, humildemente e nos submetendo às boas práticas e a todos os bons costumes que são praticados pelos bons cristãos.

Observem que esta é uma vida ativa que é necessária a nós todos, se queremos seguir Cristo e reinar com ele em seu Reino eterno.

Quando estes três modos de vida se encontram em uma pessoa e são praticadas por ela, ela se assemelha a Cristo e é seu discípulo e o segue até a vida eterna. Isto é o que eu quero agora provar através da natureza e através de todas as criaturas, através da Verdade que é Deus mesmo e através de tudo o que ele criou desde o início do mundo.

CAPÍTULO 30

Porque tudo foi criado por Deus. O céu empíreo e o primeiro móbile. Algumas observações sobre a unidade de Deus e a Trindade das Pessoas.

À frente das santas Escrituras, o profeta Moisés nos ensina que, na origem do mundo, Deus criou o céu e a terra para nosso serviço, para que o sirvamos, em troca, neste mundo, na terra, através de boas obras e costumes honestos no exterior. No céu, ou seja, na parte superior, através das virtudes espirituais, uma santa vida e exercícios interiores. Por fim, no céu mais elevado da alma, através de uma vida contemplativa e a união a Deus, desfrutando dele e o amando.

É por isto que todas as coisas foram criadas e isto nos testemunham nossa natureza, os exemplos e as figuras, a santa Escritura e a Verdade Eterna, que é o próprio Deus.

Deus, de fato, criou o céu mais elevado à sua própria semelhança, com uma claridade simples, sem mistura, totalmente de fogo, pela sua própria natureza e sua essência, eternamente silencioso e imóvel. Imóvel em sua simples essência, mas movido incessantemente na natu-

reza. Transparente, luminoso e claro, grande, alto e largo, acima de tudo. Incorruptível, esfera eterna que envolve tudo o que Deus fez de material.

Observem que este é o céu em sua mais alta natureza, morada, sede e trono da divina majestade, onde Deus vive e reina com tudo o que forma sua família. Mas, ele mesmo é um céu escondido e espiritual na unidade da Trindade de sua natureza e assim, ele está acima de todos os céus, de todas as criaturas e de tudo o que foi criado à sua semelhança e assim, podemos segui-lo acima de nossa natureza criada, na fruição do eterno amor e em nossa beatitude superessencial que é ele mesmo. E ainda que ele esteja acima de todos os céus e de tudo o que ele criou de corpóreo e de espiritual, ele está também presente a todos os céus, ao mundo inteiro e a todas as criaturas, que ele rege e ordena segundo sua vontade.

Mas, de uma maneira totalmente especial e acima de tudo, ele está no céu mais elevado, na natureza sublime desse céu, que ele criou a seu exemplo e a sua semelhança, o ornamentando com ele mesmo e com sua própria glória, pois a pura essência do céu mais elevado é imóvel, inativo, tranquilo e ocioso, estável acima de tudo o que Deus criou de material, no céu e na terra.

Mas essa natureza sublime do céu mais elevado, chamado também de primeiro motor, move, ele mesmo, tudo o que é móvel nas criaturas materiais e assim, a natureza suprema do céu é, ao mesmo tempo, móvel e imóvel, transparente e penetrada por uma claridade sensorial, que é tão grande e tão singularmente clara que nenhum olho pode contemplá-la, a não ser os olhos gloriosos dos bem-aventurados.

Observem que este é o Reino dos Céus onde Deus vive e reina com todos os santos, pois este Reino se assemelha a Deus de três maneiras: ele está eternamente em repouso segundo a essência, mas incessantemente agindo segundo a natureza e estas duas estão totalmente cheias e penetradas por uma claridade simples.

Ora, desta forma, é preciso considerar e entender que o ser soberano da divina Trindade está eternamente no repouso, é inativo e imóvel segundo sua essência. Mas esta natureza das Pessoas é fecunda, eternamente agente quanto as Pessoas, pois o Pai gera, de sua natureza, o Filho, como uma segunda Pessoa e o Filho nasce do Pai como a Sabedoria Eterna de Deus, distinto enquanto Pessoa e um com o Pai pela natureza e, do Pai e do Filho, emana o Espírito Santo, que é uma só natureza com os

dois e assim, encontramos aqui a unidade de natureza e a distinção das Pessoas, pois, nas relações entre as Pessoas, há o conhecimento e o amor recíprocos, fluxo e refluxo entre o Pai e o Filho, por meio do Espírito Santo, que é seu amor mútuo.

Essa unidade do Espírito Santo, na qual vivem e reinam as Pessoas, quando ela flui para fora, é ativa e fecunda, formando todas as coisas segundo a livre generosidade, a sabedoria e o poder das Pessoas.

Mas, no refluxo das Pessoas, essa unidade do Espírito Santo é atração fruitiva e habitação das Pessoas, acima da distinção, em uma fruição de amor sem fundo, que é o próprio Deus em seu ser e sua natureza. Observem que, assim, Deus vive com ele mesmo nele mesmo, pelo conhecimento, o amor, a posse e a fruição dele mesmo acima de todas as criaturas.

Este é o mais alto grau de vida que se possa expressar de Deus. Desta maneira, ele vive na natureza suprema do céu e, no que nos diz respeito, de uma maneira mais próxima e mais nobre, no mais alto da nossa natureza criada.

Ele nos chamou e elegeu. Se então, nós o buscarmos, o encontraremos em nós mesmos e acima de nós

mesmos, lá onde ele desfruta dele mesmo em sua glória, com seus eleitos, contemplando, conhecendo e amando, desfrutando e fluindo em todos, em beatitude eterna.

Agora, eu deixo este tema da vida contemplativa, que Deus é ele mesmo e que ele confere àqueles que renunciaram a eles mesmos e seguiram seu Espírito lá onde ele desfruta dele mesmo em seus eleitos, na glória eterna.

Se você quer subir, com seu entendimento, da terra até o céu supremo, você deve ultrapassar os elementos e todos os céus que estão entre os dois. Então, você encontrará, com sua fé, Deus em seu Reino.

Da mesma forma, se você quer subir acima da fé até o cume da sua natureza criada, que é um céu escondido, você deve ser ornamentado com todas as boas obras externas e virtudes e práticas internas. Então, você ultrapassará seus sentidos e sua imaginação e todas as imagens, corpóreas e espirituais, racionalizações, conceitos e toda observação.

Elevado assim até o olhar sem imagens e véu, na luz divina, você contemplará o Reino de Deus em você e Deus em seu Reino e você poderá observar claramente isto no exemplo que segue.

CAPÍTULO 31

O céu estrelado, a estrelas fixas e as errantes e a influência delas.

Moisés nos ensina que Deus formou o firmamento, ou seja, o céu com suas estrelas. Esse céu está acima dos elementos, pois ele fez a divisão e está como intermediário entre a natureza dos elementos e a natureza do céu, entre as águas daqui de baixo sob o céu e as águas que estão acima do céu, ou seja, o céu cristalino, que é como que de água congelada.

Este é o céu que é intermediário entre o firmamento e o primeiro móbile no céu e ele flui em claridades e poeiras celestes, tal como um mar selvagem e ele é de uma claridade transparente, como o firmamento onde estão as estrelas.

Os planetas não são transparentes, mas são iluminados pela claridade do Sol e do céu, que eles refletem. As estrelas, com o firmamento, sobem e descem, cada uma em seu lugar, de acordo como elas foram enfileiradas por Deus.

Os sete planetas, pelo contrário, estão fixos nos sete círculos, que são movidos pelo primeiro móbile do céu e não à maneira e segundo a marcha do firmamento. Cada

um é movido por si, segundo o que ordenou a Sabedoria Divina, que bem ordenou todas as criaturas conforme as nossas necessidades.

É por isto que os planetas não são semelhantes, mas são diferentes uns dos outros, segundo sua natureza, sua operação, sua forma e sua figura e isto devia ser necessariamente, já que eles devem reger os elementos e as naturezas de todas as criaturas que estão aqui em baixo.

Não é, todavia, que os planetas e as estrelas sejam eles mesmos quentes ou frios, secos ou úmidos, mas eles derramam aqui em baixo sua virtude em todas as criaturas e operam nelas tudo que acontece e se faz segundo o curso do céu e as propriedades de cada um e é por isto que, segundo as pessoas sejam inclinadas mais ou menos, pela compleição e pela natureza, ao bem ou ao mal, é a natureza superior do céu que opera para que elas possam agir segundo a inclinação de suas naturezas.

Mas, sobre nossa vontade livre, ninguém tem poder. Nem a natureza do céu, nem nenhuma criatura, mas somente Deus e nós mesmos. Ele nos inclina sempre para todo bem e nos retira e nos guarda de todo mal, desde que consintamos em segui-lo segundo o que ele nos ensina, por ele mesmo e por todas as suas criaturas.

CAPÍTULO 32

Todas as criaturas nos ensinam como é preciso viver. A vida espiritual e interior. A má e a boa vontade.

Vocês devem compreender e observar com atenção que todas as criaturas nos mostram e nos ensinam como é preciso viver. Assim, a natureza dos céus e a ordem que Deus ali estabeleceu nos são um exemplo e uma imagem fiel da maneira como devemos viver para Deus acima dos elementos que estão no céu, por meio de uma vida espiritual interior e oculta, que ninguém conhece e sente, senão aquele que a vive, a exercita e a pratica e essa vida espiritual interior começa assim.

Nosso Pai celeste cria, no mais profundo de nós mesmos, um firmamento interior espiritual, desde que sigamos a inclinação natural da nossa alma, que Deus nos deu a todos e que, por natureza, deseja sempre o bem. Isto foi a primeira coisa que Deus criou em nossas almas e que, de sua natureza própria, tende sempre para o bem.

Mas ela é muitas vezes obscurecida pela grosseria dos pecados e mesmo que a natureza que Deus criou seja

boa e que, pela pura natureza, ela agrade a Deus, ela precisa, no entanto, do socorro da graça para poder se elevar acima dela mesma e é por isto que, se deixamos de pecar gravemente e se buscamos e desejamos a graça divina, isto é o máximo que podemos fazer pela natureza.

Mas, na medida em que a vontade é má e quer permanecer má, a pessoa se opõe a Deus e a todos os seus dons e ela não pode praticar e nem compreender a virtude, a sabedoria e nem a verdade. Ela é então rejeitada por Deus e não tem nenhuma parte em todo bem que se realiza no céu e na terra.

Uma vontade má é o fundamento e o princípio de todo mal e aquele que persevera nela e morre nela, não encontra espaço em nenhum lugar, a não ser no inferno, com os espíritos condenados.

Por outro lado, a boa vontade, onde Deus vive e reina com seus dons, é totalmente semelhante ao firmamento do céu, pois ela é sempre movida do alto, pelo Espírito Santo, que é o primeiro móbile de toda santidade. Este firmamento é transparente e envolvido pela claridade da habitação de Deus e do Sol da Sabedoria, que ali vivem.

Assim, esse firmamento é um intermediário espiritual que estabelece a divisão e a separação entre as águas

do céu e as águas da terra, ou seja, entre as virtudes e as obras da virtude, entre o tempo e a eternidade, entre a vida ativa exterior e a vida espiritual no interior, entre a graça e a natureza, entre o sinal e a realidade, entre as obras dos sentidos que perecem e as obras do espírito feitas pela graça e que permanecem eternamente.

CAPÍTULO 33

A tríplice descrição do céu e das estrelas.

O mundo celeste é composto de três céus principais. O primeiro é chamado de firmamento, o segundo é o céu cristalino e o terceiro é o céu empíreo e eles são todos de uma claridade transparente, o lar e a morada onde Deus reina e vive com todos os seus santos.

O céu superior, com a habitação divina, é para nós a imagem da vida contemplativa, como eu já disse antes. Os dois outros céus representam a vida espiritual interior e escondida, onde vivemos com Deus e Deus conosco por meio de sua graça ou da glória.

O primeiro céu, no qual estão fixadas as estrelas, simboliza o poder eterno de nosso Pai celeste, que nos atrai e nos eleva acima de todas as operações dos sentidos

até uma experiência interior e espiritual, onde todas as virtudes vivem e se praticam.

Lá, nos assemelhamos às estrelas do céu, bem grandes, no alto, diante de Deus, mas que parecem pequenas, vistas daqui de baixo pelos olhos humanos, porque eles só conhecem os indicadores das virtudes percebidas por eles nas boas obras exteriores.

As estrelas não são transparentes como os céus. Elas têm uma forma redonda e giram com o firmamento no qual elas estão fixadas, cada uma em seu próprio lugar, mais alto ou mais baixo, diferentes em grandeza, nome e aparência, poder e claridade, aqui em baixo e lá em cima, segundo elas foram adornadas e ordenadas por Deus.

Elas não dão luz por elas mesmas, como fazem os céus, mas elas recebem sua luz e sua claridade do Sol e dos céus e elas brilham e resplandecem como vasos de ouro na claridade do Sol. Elas iluminam a noite e indicam aos navegadores o porto desejado, mas, durante o dia, elas se apagam diante da claridade do Sol e elas dão suas virtudes aqui em baixo aos elementos e a tudo o que vive e cresce sobre a terra e, acima da terra, às águas e ao ar.

Escutem agora e aprendam como os céus e as estrelas reúnem para nós um ensinamento de vida interior e

celeste.

CAPÍTULO 34

O ensinamento de vida interior e celeste que nos dão os céus e as estrelas.

Os céus são de uma claridade transparente e, da mesma forma, nossa vida interior possui uma claridade espiritual totalmente transparente, em razão da graça e da habitação de Deus em nós, que nos une a ele.

Mas as forças da nossa alma não são transparentes. Semelhantes a vasos de ouro ou a um espelho de cristal, em face do Sol da Sabedoria Eterna de Deus, elas recebem claridade e cor, cada uma diferentemente, segundo sua natureza e segundo a nobreza das virtudes que elas apresentam a Deus.

As estrelas giram com o firmamento onde elas estão fixadas e, da mesma forma, as forças interiores das almas de bem seguem sempre, através das virtudes e das boas obras, a sabedoria e o poder de Deus, em quem elas fixaram sua vida.

As estrelas do céu têm uma forma esférica que não têm fim e nem começo e as forças das almas nobres, em

suas obras, são da mesma forma, pois todas as virtudes que elas praticam vêm de Deus e vão para Deus e assim, elas vivem em Deus, que não tem começo e nem fim.

Toda vida interior que não tem esta forma apresenta saliências e ângulos, que vêm das intenções e dos afetos estranhos e isto é falso e enganador. Deus não pode se comprazer com isto.

Algumas estrelas são mais pálidas, outras, mais brilhantes e outras ainda, de um vermelho de fogo. É assim que, quando recordamos de nossa memória nossos pecados e nossas faltas, diante da justiça soberana de Deus, a coragem se vai do nosso coração e a palidez aparece em nossos rostos, por causa da ansiedade de saber como poderemos sofrer o julgamento de Deus, na hora da nossa morte e no último dia e assim, somos semelhantes às estrelas do céu que são mais pálidas.

Mas quando elevamos nossa faculdade racional além das imagens, para a Sabedoria Eterna de Deus, a verdade que é Deus brilha sobre a face da nossa alma.

Observem que há olhares recíprocos entre nós e Deus, como se o Sol se refletisse em um cristal entre duas montanhas de ouro e isto é para nós uma fonte de inocência, de pureza e de claridade, igual às estrelas que se

mantém no céu e quando elevamos nossa força amorosa cheia de desejos até à bondade de Deus, nosso espírito se inflama. Então, jorram centelhas de ardor e de impaciência de amor, que devem queimar até que o espírito desfaleça no amor e assim, os espíritos amorosos se assemelham às estrelas de fogo que brilham no céu.

CAPÍTULO 35

Os sete planetas e, em primeiro lugar, Saturno e seu significado místico.

Deus fez no firmamento como que sete anéis, onde foram fixados os sete planetas que ornamentam e governam o céu e a terra e lhes dão fecundidade, segundo a ordem da Sabedoria Divina.

O principal planeta do firmamento é causa de frio e seca. É Saturno, cuja natureza é fria e seca, de cor pálida, má, dura e cruel. É ele que produz neste mundo o granizo e a neve, as grandes chuvas, as tempestades e que causa numerosos males às criaturas, pois ele exerce sua influência no meio do inverno, quando o Sol se encontra no signo de Capricórnio, ou dos chifres do bode e no signo de Aquário ou do Aguadeiro, o que acontece no décimo

ou décimo primeiro mês do ano[19].

No sentido espiritual, pode-se dizer que Saturno reina agora sobre o mundo inteiro, tanto no inverno quanto no verão, pois a caridade se resfriou bem, as pessoas secaram, não têm mais o ornamento dos costumes honestos. Elas são cúpidas, avarentas, cheias de ódio e de inveja, orgulhosas, más e hábeis em enganar umas às outras.

Realmente, para aqueles que só vivem para o pecado e para a natureza, o Sol se mantém sempre em Capricórnio, nos chifres do bode, esse animal fétido por natureza, semelhante ao pecador, que espalha diante de Deus e de todos os santos um verdadeiro fedor. O chifre do seu poder e de sua beleza secou e ele só serve para o fogo eterno. Seus frutos, ou seja, os filhotes do bode estarão à esquerda no julgamento de Deus e eles serão todos condenados e enviados ao fogo eterno.

No inverno, o Sol prossegue seu curso em outro signo, que é chamado de Aquário, ou seja, o Aguadeiro. Isto é para nós a figura daqueles que vivem segundo os pendores da natureza, são lentos e preguiçosos no serviço ao

[19] Na antiguidade se começa o ano novo no mês de março. O décimo e o décimo primeiro mês correspondem então a dezembro e janeiro.

Senhor, são glutões, de gostos supérfluos, descontrolados no beber e no comer, são impuros em suas vidas e dados a tudo o que lisonjeia o corpo.

Aqueles que, de posse da juventude e da saúde do corpo, vivem fora da graça, seguem, sem consciência e nem medo de Deus, as inclinações de suas naturezas, se assemelhando bem ao Aguadeiro, pois toda a vida deles se derrama e se escoa no pecado e nos desejos de suas vontades perversas, contrariamente à vontade e ao ensinamento de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo nome seja eternamente louvado e bendito.

CAPÍTULO 36

O nome glorioso de Jesus e algumas festas principais em sua honra. A criação e a queda dos anjos e dos humanos.

O glorioso nome de Jesus é exaltado, honrado e venerado acima de todo nome, no céu e na terra, mais do que todas as criaturas e além de toda medida, eternamente e sem fim. Nosso Pai celeste e nossa Mãe da terra nos deram seu Filho, cujo nome é Jesus. Nosso Pai eterno enviou seu Filho, com seu nome, à Virgem Maria, por

intermédio do anjo Gabriel e esta acolheu o Filho assim chamado em seu ventre precioso, com um coração cheio de humildade e com grande respeito, pois Jesus, com seu nome, é nosso louvor, nossa honra e nosso título de nobreza, o princípio e o fim de toda dignidade. Isto aconteceu na primavera, no primeiro mês do ano, segundo a Lei antiga. Foi ao mesmo tempo que Deus criou o céu e a terra, o tempo, o curso dos astros, as estrelas e os planetas, tudo segundo seu beneplácito.

Nessa mesma estação, ele quis renovar e fazer subir todas as coisas nele mesmo, até um estado sublime e foi por isto que ele enviou seu Filho para tomar uma carne no ventre de Maria e ele lhe deu um nome novo, como jamais se tinha ouvido antes e a nobre Virgem escondeu nove meses seu Filho e o nome que ele tinha recebido no segredo do seu corpo puríssimo e precioso, durante a primavera, todo o verão e até o meio do inverno. Depois, do seu ventre totalmente puro, ela deu à luz seu Filho, sem dor e nem mancha e os anjos cantaram nos ares louvor e glória a Deus e o mundo inteiro ficou em paz.

Oito dias depois, quando, conforme a Lei de Moisés, se devia circuncidar a criança, Maria entregou seu Filho e manifestou o nome que ela tinha ouvido e recebido de

Deus, por intermédio do anjo Gabriel. A criança foi circuncidada e derramou seu sangue por nossos pecados e foi chamado de Jesus, como Deus havia previsto desde toda a eternidade.

A primeira festa e a maior que jamais foi celebrada em honra do nome de Jesus aconteceu na primavera, quando o Pai celeste enviou seu Filho ao ventre de Maria, com o nome que ele havia indicado. Esta festa, ninguém assistiu, a não ser Jesus e Maria, assim como o anjo Gabriel, enviado de Deus para celebrá-la. Por maior que fosse essa festa, enquanto princípio de toda nossa salvação, ela permaneceu oculta e ignorada pelo mundo inteiro.

A segunda festa aconteceu no inverno, quando Maria deu à luz seu Filho em Belém, a cidade de Davi. Nesta festa estavam presentes Jesus, Maria e José, enquanto que os anjos cantavam louvores e glória a Deus e paz a todas as pessoas de boa vontade. Os pastores vieram adorar a criança e lhe prestar homenagem, assim como à sua Mãe, com grande respeito.

Essa festa tem um dia de oitava maior e mais alegre de todos, como nunca havia sido visto antes no Antigo Testamento, pois Maria levou seu Filho para que ele fosse circuncidado e para que, ao mundo inteiro, fosse mani-

festado este nome que lhe tinha sido revelado por Deus e pelo anjo e que ela havia escondido em seu coração até esse dia.

Nessa festa estavam Jesus, Maria e José, os judeus e os parentes de Maria, que circuncidaram a criança segundo a Lei e o costume dos judeus desde os tempos de Abraão. A criança foi chamada Jesus e este nome é tão glorioso e tão grande que ele encheu o céu e o mundo inteiro com uma nova alegria, que não perecerá jamais.

O Pai nos enviou seu Filho na primavera, no momento do ano em que ele criou o céu, a terra e todas as coisas, um momento em que ele quis também restaurar e renovar tudo. Nessa época do ano, o Sol corre no signo chamado Capricórnio, do nome do animal que gera as ovelhas e Jesus não é o pai e o pastor das suas ovelhas, tendo nos adquirido e nos dado pastagem e comida com alimentos celestes, para nos conduzir depois ao redil de sua glória?

Mas, quando Jesus nasceu e foi circuncidado, era inverno e, nesta estação, o Sol corre no signo chamado Aquário, ou seja, o Aguadeiro, porque Jesus é uma fonte viva de onde fluem e se espalham no céu e na terra as águas de sua graça e da sua misericórdia. Foi por isto que,

quando Jesus recebeu a circuncisão e seu nome foi manifestado ao mundo inteiro, isto foi uma renovação universal.

Quando da criação do primeiro ser humano, todas as coisas eram novas e só estavam no começo o céu, a terra, o Sol, a lua, o tempo, os anos, os meses e os dias, os movimentos do céu, das estrelas e dos planetas.

Mas, quando Deus mesmo se fez humano em Nazaré, na flor branca como o lírio que era Maria, a Virgem toda pura, o mundo inteiro, que havia envelhecido no pecado, foi renovado e, em seu nascimento, uma estrela nova se levantou no Oriente e conduziu três magos a Belém, onde eles apresentaram dons preciosos e prestaram glória e homenagem à criança e à sua Mãe.

A criança foi circuncidada e seu nome de Jesus lhe permanecerá para sempre e a Santa Igreja teve com isto tão grande alegria que ela fez começar o novo ano, os novos meses e os novos dias nessa mesma data, o que não se fazia antes.

Assim, você pode observar que Jesus, desde seu nascimento e sua circuncisão rejubila a Santa Igreja, lhe doando a si mesmo com seu santo nome. Este nome é um óleo derramado que penetrou o mundo inteiro com sinais

e milagres, para a salvação de todos aqueles que o invocam e o desejam.

Quando Jesus entrou no trigésimo ano de sua vida humana, ele foi batizado por São João Batista, no rio Jordão. São João disse então: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*[20] e a voz do Pai se fez ouvir nos ares: *Eis meu Filho muito amado em quem me comprazo*[21], ao mesmo tempo em que o Espírito Santo se mostrou sob a forma de uma pomba e deu testemunho desta verdade e Jesus, batizado pelas mãos de São João Batista, santificou ele mesmo as águas e honrou, com este gesto, nosso batismo, nascido de suas águas e do seu sangue precioso.

Na mesma época, mas em outro ano, ele transformou a água em vinho, nas bodas de Canaã, como nos diz São João Evangelista e os discípulos, ao verem isto, se rejubilaram todos e acreditaram nele.

Uma outra vez, mas sempre na mesma época, ele alimentou cinco mil pessoas com cinco pães de cevada e dois peixes.

No entanto, o primeiro dia em que Deus se fez hu-

[20] João 1: 29.
[21] Mateus 3: 17.

mano permanece a principal festa de todo o ano, pois este dia é o princípio e o fim de toda nossa salvação e vocês vão compreender isto.

No princípio, quando Deus criou o mundo, ele instituiu uma grande festa solene que deveria durar eternamente e foi para celebrá-la que ele estabeleceu reis, príncipes e grandes senhores, os anjos no céu e as pessoas na terra. A função deles seria dar graças a Deus, louvá-lo, amá-lo e adorá-lo, como ele merece e assim, eles reinariam com ele na beatitude eterna e todas as criaturas sem razão deveriam estar ao serviço deles e lhes serem submissas, segundo a ordem estabelecida pela Sabedoria Divina.

Quando, neste princípio de todas as coisas, um grande número de anjos se encheu de orgulho e quis dominar, contra a devida honra a Deus, eles imediatamente foram precipitados do céu nas trevas exteriores, ou seja, nos pecados sem fim e nem arrependimento, que não serão jamais perdoados.

Adão, o primeiro ser humano da nossa ascendência, foi também desobediente e, porque ele renunciou ao serviço ao Senhor, ele foi jogado para fora do Paraíso, como um exilado, como se ele jamais devesse contemplar a face

de Deus, trazendo com ele e sua descendência, a pena pelo seu pecado, segundo a gravidade da falta e as exigências da justiça divina. Foi assim que nós todos caímos, em nosso primeiro pai, no pecado original e sob a vingança do Senhor.

Mas, mesmo sendo hereditário esse pecado, ele não deveria durar para sempre para aqueles que se arrependessem e buscassem, com seus desejos, a graça junto ao Senhor, pois deveria se passar mais de cinco mil anos antes que Deus se fizesse humano e, durante esse tempo, houve santos que agradaram a Deus e levaram uma vida virtuosa. Foram os Patriarcas e os Profetas como Davi, Abraão, Isaac e Jacó, Moisés e muitos outros grandes Profetas e santos personagens, que profetizaram o que tinha se passado e o que deveria acontecer, desde o começo do mundo até o último dia. Eles predisseram antecipadamente a vinda do Senhor, sua vida, suas obras, sua Paixão e sua morte e todos os seus sofrimentos, com clareza e precisão. Sua ressurreição, sua ascensão, a descida do Espírito Santo e, para o último dia, o julgamento de Deus.

Quanto às práticas da santa cristandade, eles as realizaram sob símbolos e figuras. Eles pagaram o dízimo e

todas as primícias de seus frutos em honra a Deus. Abraão e sua descendência foram circuncidados como uma figura do nosso batismo. Moisés estabeleceu um tabernáculo para a glória de Deus. Ele constituiu sacerdotes segundo a vontade do Senhor e ordenou os sacrifícios, prescrevendo a maneira e o cerimonial que era preciso seguir no serviço de Deus em seu tabernáculo, segundo os preceitos divinos, como uma figura da Santa Igreja, onde, dali por diante, se passou a servir a Deus. Davi e Salomão construíram um templo em Jerusalém, para ali servir a Deus, como uma figura da santa cristandade.

Agora, me compreendam bem e prestem atenção, para que todas as figuras de então e a verdade que existe agora sejam unidas em uma só Lei cristã.

Precisamos observar com cuidado que os filhos de Israel, nascidos da descendência de Abraão, tiveram que sofrer, na terra do Egito, duros tratamentos e um grande desprezo. Quando chegou o tempo em que Deus quis libertá-los, ele enviou Moisés ao Egito e lhe disse para ordenar, da parte de Deus, a todo o povo de Israel, que em cada casa e família fosse imolado um cordeiro com a idade de um ano, que seria assado e comido de pé, com um bastão na mão, para se estar pronto para seguir Moisés

pelo deserto.

Esta foi a primeira Páscoa celebrada no mundo e foi uma figura da nossa. Naquela noite mesma, um anjo, enviado por Deus, levou à morte todos os primogênitos do Egito, tanto humanos quanto animais e Moisés fez passar seu povo com os pés secos pelo mar, para conduzi-lo ao deserto e o faraó, querendo segui-los, foi engolido, com todo seu exército, no Mar Vermelho.

Cinquenta dias após, Moisés recebeu, no Monte Sinai, a Lei dos preceitos, escrita em duas placas de pedra pelo Dedo de Deus.

Durante quarenta anos, o povo viveu no deserto com um pão celeste que Deus lhes deu. Depois, ele derrotou todos os seus inimigos e tomou posse da terra que Deus havia prometido a Abraão e onde corriam leite e mel.

Depois, como disse São Paulo: "*Quando veio a plenitude dos tempos*, que Deus tinha fixado desde toda a eternidade, o Pai celeste *enviou seu Filho*[22] a este mundo, nascido da descendência de Davi e de Abraão, segundo a humanidade" e ele fez sair seu povo do Egito, ou seja, das trevas do inimigos e do pecado, para conduzi-lo pelo de-

[22] Gálatas 4: 4.

serto em que nós mesmos vivemos com um pão celeste.

Jesus, de fato, quanto tinham decorridos trinta e três anos desde que ele tinha tomado a humanidade (assim são contados seus anos nos registros, nas cartas e em todos os contratos), ele reuniu seus discípulos na montanha de Sião e comeu com eles o cordeiro pascal, segundo a Lei judaica e depois, ele deu a ele mesmo no sacramento, como um cordeiro pascal vivo, que deve ser assado no fogo do amor. No dia seguinte, o santo cordeiro foi torturado, levado à morte e como que assado na cruz por nossos pecados, para que ele ficasse bem ao nosso gosto e assim, ele nos conduziu através do Mar Vermelho de sua Paixão, de sua morte e do seu precioso sangue. Lá, todos os nossos pecados e todos os nossos inimigos foram engolidos e levados à morte no Mar Vermelho, ou seja, em sua morte e na efusão do seu precioso sangue.

Se nós o seguirmos no deserto de sua graça, ele nos dará, como alimento, o maná celeste do seu corpo e a gloriosa bebida do seu sangue e assim, ele morreu por amor e por causa dos nossos pecados e ele ressuscitou em sua glória e é por isto que, se morrermos para o pecado, podemos viver nele através das virtudes e com ele morrer e ressuscitar gloriosamente em nossa alma e em nosso cor-

po.

No quadragésimo dia depois de sua ressurreição, o Senhor subiu ao céu, onde ele preparou um lugar em sua glória para aqueles que o servem. Dez dias mais tarde, Jesus enviou seu Espírito Santo aos seus discípulos e a nós todos que vivemos de sua vida e ele permanecerá conosco como nossa vida, nosso ensinamento, nossa Lei na caridade e ele faz correr para nós o mel e o leite, ou seja, a doçura e a pureza, até o último dia, quando então, Jesus virá julgar os vivos e os mortos, ou seja, os bons e os maus.

Nesse dia, Saturno, o planeta terrível, reinará sobre todo o mundo, quando Jesus virá com os anjos e os santos julgar, segundo a justiça e sem misericórdia, todos aqueles que não tiverem vivido por ele e tiverem morrido em pecado mortal. Os céus se abalarão, a terra tremerá e toda criatura estremecerá com a aproximação da justiça divina. Os pecadores desejarão que as montanhas e a terra se abram, para se esconderem da face terrível do Senhor.

Agora é o momento oportuno em que todos devem, com toda justiça, temer o último dia, abandonar o pecado e buscar a graça dos seus desejos, em toda parte onde se

pode encontrá-la.

Atualmente, Jesus Cristo está totalmente pronto para dar sua graça a todo aquele que abandonar o pecado e se converter à virtude e à verdade. Seu medo não deve, portanto, ser muito excessivo, pois o medo descontrolado gera a desconfiança e o desespero e isto é um grande pecado mortal, pois a fonte dele é um fundo mau e pernicioso que se opõe ao Espírito Santo.

Isto então é o que nos ensinam a natureza do céu e o curso dos planetas, pois tudo o que Deus fez na natureza e na graça é em tudo bem ordenado e é assim que a mais elevada estrela do céu, Saturno, preside o inverno. Ela é má, nefasta, impiedosa, fria e seca, não permite produzir nenhum fruto, gera o orgulho, a ira, o ódio e a inveja em todas as pessoas que, fora da graça, vivem simplesmente segundo a natureza.

CAPÍTULO 37

O planeta Júpiter e seu significado místico. Os anjos e os humanos. Quatro espécies de pessoas más. Os filhos de Deus e os da natureza.

Em seguida vem o planeta mais próximo que Deus

criou e que é Júpiter. Ele preside a primavera e é de uma brancura esplendorosa e clara, quente e úmida. Ele torna fecundas todas as criaturas, é gracioso e benfazejo, útil a todas as coisas e não prejudica nenhuma.

É preciso observar que estes dois planetas, tão opostos entre eles por sua natureza e sua influência, possuem, no entanto, sua utilidade e seus bons efeitos, cada um em seu tempo, pois todas as criaturas são perfeitas, ao realizarem suas operações, segundo a ordenação estabelecida por Deus.

No início, Deus criou duas naturezas para louvá-lo, uma no céu e outra na terra e todos aqueles que lhe pertenciam eram nobres, livres e perfeitos segundo suas naturezas. Eles colocavam em Deus suas complacências e tinham o conhecimento do bem e do mal e Deus lhes tinha dado o poder e o livre arbítrio para escolher e fazer o que eles achassem melhor.

Aqueles que colocavam suas complacências neles mesmos e se amavam com um amor descontrolado desobedeceram a Deus e o rejeitaram, assim como sua graça, desprezando sua vontade e, ao se recusarem servi-lo, eles caíram do céu, como os relâmpagos de fogo e o pecado deles dura para sempre, sem possibilidade de arrependi-

mento, punido com as dores do inferno.

Aqueles que, pelo contrário, com toda liberdade da vontade, deram glórias a Deus, o amaram e o adoraram, receberam a graça e a glória e permanecem fixos por toda a eternidade diante da face do Senhor, cada um segundo sua ordem, cada vez mais alto, segundo a nobreza de sua natureza, o mérito do seu serviço e da grandeza de suas obras.

A primeira pessoa da nossa ascendência foi desobediente, por desprezo a Deus, à sua vontade e a seu mandamento e por isto foi jogado para fora do Paraíso, mas seu pecado não duraria para sempre, pois ele reentrou na graça e nós todos com ele, desde que busquemos, através do arrependimento e da boa vontade, o perdão por nossos pecados.

Quatro espécies de pecados reinam hoje no mundo. Aqueles que se dedicam a eles em suas vidas e morrem neste estado serão todos condenados.

A primeira categoria de pecadores é composta pelos pagãos, os judeus e os maus cristãos, que sustentam coisas contrárias à fé comum cristã em algum ponto.

A segunda é própria daqueles que, voluntária e conscientemente, vivem em pecado mortal contra os pre-

ceitos divinos e sem conformidade com a santa cristandade.

A terceira espécie são as pessoas dissimuladas e hipócritas que, sem terem a virtude interior, dão mostra exteriormente de uma aparência de santidade. Não para Deus, mas com vistas às coisas perecíveis.

A quarta espécie compreende aqueles que não servem por amor, mas por eles mesmos e com vistas aos seus próprios ganhos. São mercenários e servidores a soldo.

Quem serve Deus por um motivo que não é Deus não ama Deus. Quem quer sempre ter e jamais dar não é sábio e nem bom. Quem ama Deus encontra neste amor seu contentamento e não deseja nenhum outro.

Servir Deus é amar Deus e quem serve Deus por algum ganho ou por alguma vantagem não ama Deus, pois o verdadeiro amor não busca seu próprio interesse.

Quem se ama ou a alguma criatura mais do que a Deus não ama Deus, pois quem se busca e se procura sempre em todas as coisas age segundo a natureza e por um orgulho secreto, mesmo que ignore isto.

O que é nascido da carne é carne e natureza carnal e não pode ter Deus e nem encontrá-lo. Mas o espírito que

é nascido de Deus se eleva acima da natureza, da carne e de todas as coisas, vê Deus e encontra seu Reino escondido nele mesmo.

Observem que é assim que os filhos segundo a natureza se opõem àqueles que são nascidos de Deus, pois a natureza sem a graça é como um bastardo, mas os filhos que são nascidos de Deus são os herdeiros legítimos do Reino de Deus.

Compreendem agora quem são os filhos segundo a natureza? São todos aqueles que são submetidos aos elementos e permanecem sob a influência do curso dos céus e dos planetas, mas os filhos que são nascidos de Deus dominam a natureza e estão livres dessas influências dos céus e dos planetas e todas as coisas lhes estão submetidas.

CAPÍTULO 38

Como na natureza das pessoas se distinguem sete tipos de temperamentos e, primeiramente, os filhos de Saturno.

Na natureza das pessoas podem ser distinguidos sete tipos de temperamentos, que são recebidos no nasci-

mento, sob a influência dos sete planetas, dos quais se carrega depois a semelhança. Estes planetas dominam, de fato, nossa natureza, mas não nosso espírito que, pela graça, é nascido de Deus e elevado acima da natureza.

Os filhos de Saturno, o mais elevado dos planetas, carregam sua semelhança em suas naturezas, pois eles só têm frieza para com o amor, secura, esterilidade de virtudes, má vontade, maldade e malícia. Eles são sem claridade e nem beleza, dados às suas próprias vontades e cheios de soberba e quando querem se tornar espirituais, eles não sabem controlar seus medos, suas preocupações e a ansiedade que eles têm de serem condenados, pois eles só buscam e só amam a eles mesmos e somente seus próprios interesses, segundo os gostos da natureza e é por isto que a vontade deles é fria, o zelo deles, o sentido espiritual deles é sem fervor. Eles são muitas vezes frios e úmidos, ou seja, sem gosto e sem fervor divinos, fundamentalmente inquietos por natureza, sempre sob o peso de dúvidas e medos vãos, pois a vida deles é um tipo de inverno, sob o signo de Saturno.

Este planeta é frio e seco, desde o início do seu curso, como o chifre de um bode. Frio e úmido no seu declínio, quando ele entra no signo do Aguadeiro, gerador de

chuva e neve, de grandes inundações e muita devastação.

É por isto que essas pessoas devem detestar e desprezar o triste temperamento que receberam ao nascer. É preciso que elas renunciem à vontade e ao julgamento próprios delas, assim como a um medo descontrolado da justiça divina. Elas devem fechar os olhos para a justiça de Deus e não ter, para o Espírito Santo e sua graça, desprezo e desconfiança, pois a desconfiança é um pecado do inferno que Deus detesta mais do que qualquer outro pecado. Elas devem ter fé na santa Escritura, totalmente repleta de consolação celeste e acreditar que Cristo morreu por todos os pecadores, sem nenhuma exceção e se submeterem, por fim, às pessoas de bem e acreditar nelas mais do que nelas próprias. Então, elas abrirão seus corações e todas as suas forças, desejosas de receberem a graça divina.

CAPÍTULO 39

Júpiter e seus filhos.

O segundo planeta se chama Júpiter e, diferentemente do primeiro, ele é de natureza quente e fresca, branca e clara, doce e suave como o leite. Júpiter preside

o mês de fevereiro, quando o Sol se encontra no signo que se chama Peixes.

O Sol então sobe ao zênite, o ar se reaquece e as águas se espalham, enquanto os peixes, que durante o frio do inverno dormiam em grupo, nadam alegremente. Este planeta é gracioso e agradável, ele tem efeitos felizes sobre todas as criaturas que estão na terra e aqueles que nasceram sob seu signo se assemelham a ele, ou seja, possuem o ardor dos bons propósitos, o frescor das boas obras externas, a beleza e a brancura de uma vida amável, são humildes, gentis e benévolos, alegres, sociáveis e de fácil relacionamento, educados, atraentes e de natureza afetuosa.

Observem, todavia, que, se o nascimento corpóreo é nobre e bom, ele é, no entanto, carne e sangue e não sabedoria eterna ou prudência, pois, por ele mesmo, ele não se coloca ao lado de Deus, do seu Reino e dos bens eternos, mas ele busca, escolhe e ama no mundo o que passa e o que deverá se perder.

Aqueles, pelo contrário, que renunciam a eles mesmos, morrem para o mundo e para o pecado e abandonam todas as coisas, recebem de Deus um novo nascimento e se tornam cheios de graça, de riqueza e de alegria

e, com os santos e os anjos, eles são herdeiros da glória divina.

CAPÍTULO 40

Marte e aqueles que são nascidos sob este signo.

O terceiro planeta, a contar de cima, se chama Marte. É um astro quente e seco, mau, nocivo e maléfico, que se assemelha em muitos pontos a Saturno.

As pessoas que são nascidas sob este signo são secas de natureza, apaixonadas, impacientes, inquietas, pouco sociáveis, sem amigos, só fazendo o bem àqueles que lhes parecem amigos e que fazem o bem a eles mesmos. Elas são impetuosas e de mau humor, impacientes por natureza, sensíveis, irritáveis, que se zangam fácil, amargas, lentas em perdoar, desejosas de vingança, facilmente perturbadas, duras em palavras, sempre pensam ter razão, pois um orgulho cego se esconde nelas.

Quando essas pessoas querem ser devotas, elas assumem maneiras exteriores para agradar os outros, fazendo grandes obras de penitência pouco comuns às pessoas de bem, mantendo um silêncio afetado ou uma bus-

ca de palavras sublimes. Se elas são sutis por natureza, elas julgam todas as outras pessoas de bem e condenam aquelas que não gostam do seu tipo de santidade.

Observem que se trata de orgulhosos hipócritas, incapazes de receber a graça divina. No entanto, o que é impossível aos humanos, continua possível a Deus todo poderoso.

CAPÍTULO 41

O Sol e aqueles que são nascidos sob este signo.

O quarto astro que aparece em seguida no céu é o Sol, que ocupa o centro de todos os astros e é comum a todos eles. Ele é brilhante e claro, de cor de ouro, seco e ardente quando está em seu signo, que é o Leão, no meio do verão.

Ele tira sua luz dele mesmo e ilumina os três planetas que estão acima dele e os três que estão abaixo, assim como todas as criaturas acima e abaixo.

Ele faz germinar os frutos e dá a vida, o crescimento e a maturidade. Ele é o olho e a luz do mundo e a fonte viva de toda claridade e de todo calor e, sem ele, nenhum

fruto pode crescer, dar sabor ou proveito. Ele faz por nós o dia e a noite, o verão e o inverno. Ele é oito vezes maior do que a terra. Ele ilumina todas as estrelas, mas, durante o dia, quando o próprio Sol brilha e ilumina com toda sua claridade, não podemos percebê-las. Ele faz mal aos olhos enfermos e, para aqueles que são saudáveis, ele é agradável de se ver.

Seus filhos, ou seja, aqueles que são nascidos sob seu signo, participam de sua claridade, do seu esplendor e da sua beleza. Eles são sóbrios, comedidos no comer e no beber, reservados em todas as suas maneiras, sabendo vencer os desejos descontrolados. Eles têm ardor no sangue, são intrépidos e ousados, corajosos como o leão que é o príncipe e o rei de todos os animais selvagens, assim como o Sol é o rei e o príncipe de tudo o que vive e cresce na natureza.

Essas pessoas se mostram prontas e dispostas a prestar serviço a todos aqueles que precisam delas, sobretudo àqueles que são mais dignos disto, pois elas desejam tudo o que é bom e bem ordenado e elas são gentis e humildes de temperamento e de natureza. Elas amam o dia da virtude e da verdade e têm horror da noite dos pecados e do mal. Elas são de espírito alegre, de coração generoso,

polidas, amáveis e benevolentes na conversa. Frequentemente, elas são amadas pelos grandes e alcançam uma posição elevada. Elas são dóceis, hábeis e sábias para compreender a virtude e a verdade e, por natureza, elas são aptas a receber a graça divina.

CAPÍTULO 42

Vênus e aqueles que nascem sob este signo.

Abaixo do Sol, há um quinto planeta, que se chama Vênus. Ele é muito brilhante, claro e com reflexos luminosos, seco e frio por natureza.

Ele também é chamado de Lúcifer, ou seja, o que carrega a luz, porque ele se levanta na aurora e se mostra luminoso e claro e o Sol o segue. É por isto que ele é chamado também de estrela da manhã. Mas, à noite, como ele segue o Sol, ele é chamado de Véspero ou Héspero, ou seja, a estrela da noite. Vênus é a mais brilhante das estrelas.

Ele é benevolente, gentil e benfazejo. Ele interrompe e tempera a maldade de Saturno e qualquer outro malefício dos planetas. Ele brilha quando o Sol corre no signo de Touro e também quando ele se encontra em Libra, ou

seja, na Balança, no mês de setembro.

Ele suaviza, durante seu curso, a ira e a inveja. Ele fortifica e confirma o amor e a fidelidade em todas as pessoas, na medida em que seu poder natural permite.

As crianças nascidas sob seu signo se assemelham, em muitos pontos, com os filhos de Júpiter. Elas são brilhantes, claras, graciosas e de aspecto alegre, amáveis, distintas e livres em suas maneiras, de uma natureza ardorosa e cheia de humor, o que as tornam facilmente impuras e gulosas, inclinadas para todos os prazeres descontrolados e os desejos dos sentidos. Elas temem a raiva e a inveja e, o quanto podem, elas estabelecem a paz e a concórdia entre as pessoas.

No entanto, apesar de serem nobres, boas de natureza, bem ordenadas segundo o mundo e aos olhos das pessoas, elas não podem agradar a Deus sem a graça.

Elas são nascidas na aurora e receberam o temperamento da estrela da manhã, pois têm os olhos sensíveis à luz do Sol e do céu e vivem segundo os pendores dos sentidos, pois são quentes e ardentes.

É por isto que elas amam o mundo, com tudo o que ele contém. Por causa disto, elas são cegas de espírito e os olhos de seus intelectos não podem receber a luz da gra-

ça.

A estrela da manhã precede a luz do Sol e o dia que ilumina o mundo.

Aqueles que, jovens e cheios de saúde, servem o mundo sem temor ou consciência são alegres de coração e fazem tudo o que lhes agrada. Eles cantam e dançam e procuram como passar o dia até à noite.

A estrela da noite se põe. Ela segue sempre o Sol. Seus filhos desaparecem também.

Aqueles que morrem em pecado mortal permanecem eternamente acorrentados. Eles nunca mais verão um dia feliz. Ser condenado; esta é a sorte deles.

Se você se observar cuidadosamente, você tem sabedoria.

A prudência interior é útil para tudo.

CAPÍTULO 43

Como a natureza inclina para os vícios e como se pode expulsá-los e obter a graça.

A natureza faz a pessoa conhecer o pecado. Derramar sangue pelo pecado era um costume da Lei judaica.

A prece íntima, a penitência constante e a firme

confiança em Deus é o que pode expulsar os pecados, obter a graça e dar, à pessoa, a união com Deus. Somos instruídos sobre isto pela nossa natureza, pelas figuras da Lei judaica e, sobretudo, pela Santa Escritura.

Que a natureza nos faz conhecer o pecado, é o que se pode observar quando o Sol entra em conjunção com o planeta Vênus, no signo chamado de Touro, que é um animal impuro e de natureza tempestuosa.

Quando essa conjunção acontece no mês de abril, o tempo do ano é quente e úmido e todas as criaturas se rejubilam pelo verão que se aproxima. A terra se cobre de verde e de múltiplas plantas, as árvores dão folhas e flores, os peixes nadam nas águas com entusiasmo, os pássaros voam nos ares e cantam. Todos os seres da natureza estão alegres com a aproximação do verão e as pessoas que estão cheias de saúde, de calor e de alegria se sentem facilmente inclinadas ao pecado.

Foi por isto que Deus ordenou aos judeus que imolassem, queimassem e oferecessem a Deus touros, bodes e carneiros, que são todos animais impuros e fétidos e a Santa Igreja nos ordena, em nome de Deus, fazer penitência nessa época do ano, jejuar, fazer vigília e rezar durante quarenta dias, pelos nossos pecados passados, pre-

sentes e futuros.

Moisés jejuou durante quarenta dias no Monte Sinai, sem comer e nem beber, para se tornar digno de receber a Lei divina. O profeta Elias jejuou também quarenta dias, depois dos quais, ele foi conduzido em um carro de fogo até o Paraíso terrestre. Jesus Cristo jejuou, por sua vez, no deserto, durante quarenta dias e quarenta noites, por nossos pecados e depois, ele escolheu seus discípulos e lhes ensinou, com sua vida, a jejuar, a fazer vigília, a rezar e, ao mesmo tempo, a praticar a pobreza, a sobriedade e a pureza. Depois de sua ascensão, seus discípulos viveram e ensinaram, da mesma maneira e assim age a Santa Igreja, desde seu berço, bem como todas as ordens religiosas.

Mas agora, essa graça inicial se resfriou, pois, em todas as ordens religiosas se come e se bebe de bom grado o que há de melhor, o que custa mais caro e o que mais agrada. Veste-se como no mundo, com tecidos de lã colorida, se isto estiver ao alcance.

Apesar da aparência de regulares, não se tem mais a regra dos Apóstolos. Que eles os seguem na glória de Deus, os santos Evangelhos não demonstram de forma alguma.

Recebemos também do céu um ensinamento, quando em setembro o planeta Vênus entra em conjunção com o Sol no signo chamado Balança. Nessa época do ano, a terra está rica, toda coberta de trigo, de vinhas e tudo o que é necessário à nossa natureza. Isto é consequência do amor de Deus, que supera todas as coisas e que dá, aos seus servidores, plena abundância.

CAPÍTULO 44

A quádrupla balança do amor de Deus e, mais especialmente, a primeira.

A nobre balança do amor de Deus se divide em quatro modos distintos, que Deus ordenou, abençoou e santificou para sua glória e nossa salvação eterna.

O primeiro modo, ou seja, a primeira balança de amor, que jamais foi empregada, nos revela que Deus nos tirou do nada e que ele se deu a nós com tudo o que ele fez. Esse amor, que é Deus, é comum a nós todos e particular e inteiro a cada um daqueles que amam. Esse amor é único, acima e fora de todo número. Ele é eterno, acima e fora de todo tempo, acima de toda medida e sem medida e ele é um puro espírito, fora de todo bem.

Observem que esta é a nobre balança do amor que Deus nos deu e tudo o que está em seu poder e é por isto que devemos abandonar e deixar todas as coisas, se queremos responder à balança do mais alto amor, pois o amor é um fluxo que jorra e se eleva acima de toda virtude. Sua ação é um braseiro ardente que arde tudo na alma amorosa.

É da natureza do amor dar e tomar incessantemente, mas ele mesmo é um ser inativo. Dar e tomar são eternamente distintos no exercício do amor.

Esta é a mais alta balança do amor, que nenhum estranho pode conhecer, nem sentir e nem imaginar.

CAPÍTULO 45

A segunda balança do amor.

Depois vem a segunda balança do amor, que pesa exatamente qualquer coisa e dá, a cada um, o que lhe é devido.

O amor de Deus nos confere a graça, as virtudes e o tempo e cada uma destas três coisas dividida em duas partes iguais. Observem agora a verdade disto.

O amor de Deus se dá a nós com sua graça e ele re-

clama de nós, em troca, que nos doemos a ele, em virtude e em verdade, com toda correção da intenção e do amor. Se respondemos assim ao amor, a balança está equilibrada e igual, pois o amor se coloca, com sua graça, em seu prato e nós nos colocamos no outro, com nossas virtudes praticadas com correção de intenção e de amor.

Assim, a balança está igualmente em equilíbrio dos dois lados e, na medida em que nossas virtudes e nosso amor crescem no prato que oferecemos a Deus, nesta mesma medida, a graça de Deus e seu amor crescem naquele que ele nos apresenta em troca e assim permanecemos em equilíbrio e pesos iguais, sempre com Deus em seu amor e semelhantes em graças e virtudes.

O amor de Deus dividiu também o tempo em duas partes iguais e equilibradas, pois o Sol começa a subir no meio do inverno e ele se eleva sempre mais alto até o meio do verão. O tempo está então em seu meio e os dias se alongam, enquanto que as noites diminuem. Depois, o Sol vai novamente até o meio do inverno e chega ao mesmo signo de onde partira e então o ano e seu ciclo estão terminados.

Da mesma maneira, o pecador vive sempre no meio do inverno. Sua vontade é má, fria, seca e sem frutos de

virtudes. Mas quando ele entra nele mesmo, se arrepende e se humilha; quando ele acredita, espera e implora seu perdão, o Sol da graça se levanta em seu coração e este é o primeiro dia do ciclo da graça. Depois, se ele se levanta com o Sol da graça e o segue em seu curso, através da virtude e das santas práticas, ele chega até o coração do verão, ou seja, ele adere então a Deus em amor, sem temor, livre e liberto dele mesmo, assim como de todas as criaturas. Esta é a mais alta virtude na subida da graça divina. Em seguida, ele desce com o Sol da graça através de um humilde abandono dele mesmo em todo sofrimento e em tudo o que Deus quer fazer dele e de todas as criaturas, pois ele está livre e inteiramente submisso.

Assim, ele encontra nele mesmo o fundo da humildade e da mansidão, que não quer ser deprimido por nenhum sofrimento da vida presente. Lá, reinam juntos o inverno e o verão. A paz, os repousos do coração e da consciência são possuídos e o Espírito Santo repousa e permanece nesta pessoa no fundo do seu humilde abandono e nós nos repousamos e permanecemos no Espírito Santo, com uma adesão amorosa em livre reverência e assim a balança do amor está em equilíbrio e igual entre nós e Deus.

CAPÍTULO 46

A terceira balança do amor e a imensa caridade de Deus para conosco.

Vem em seguida a terceira balança do amor, que coloca como que três divisões em todas as coisas, o tempo, a vida e a substância e esta é nossa vida neste mundo.

Observem com atenção como Deus se colocou a nosso serviço, nos amou e cumulou com honras no tempo, de três maneiras.

Desde o início, ele criou o ser humano à sua imagem e sua semelhança. Este foi um grande serviço e uma honra ainda maior. Mas seu amor supera isto, sem proporção, acima de tudo.

Depois, no meio do tempo, ele veio pessoalmente em nossa natureza, nos serviu e viveu por nós, ensinando e nos amando até a morte na cruz. Por nós, ele quis morrer por amor e, em sua própria morte, ele imolou a nossa, causada pelo pecado. Depois, ele ressuscitou em sua glória, subiu para seu Pai e enviou seu Espírito, que vive e permanece em nós e em quem somos recriados e renovados no tempo da graça e ele nos deu e entregou sua carne

e seu sangue como alimento e como bebida e se nós o servirmos, o honrarmos e o amarmos, podemos desfrutá-lo.

Por fim, ele nos prometeu, com toda fidelidade, que ele retornará um dia, ou seja, no fim do mundo, com seus anjos e com grande poder. Então, ele nos ressuscitará gloriosamente segundo a alma e o corpo e ele nos conduzirá, com ele, para seu Pai, onde nos rejubilaremos e reinaremos, com eles dois, na unidade do Espírito Santo, eternamente e sem fim.

Observem que esta é a balança do amor que recebemos de Deus e que devemos lhe retribuir como estiver em nosso poder. Ele nos deu o que somos, o que possuímos e o que está em nosso poder e, por outro lado, ele nos deu o que ele é, o que ele possui e tudo o que está em seu poder. Ele se colocou, além disto, ao nosso serviço e nos cumulou com honras, porque ele nos ama imensuravelmente.

Esta é então a balança do seu amor, que ele nos deu, mas ele exige que nossa balança seja igual e esteja em equilíbrio, para que nossa vida lhe seja agradável. É por isto que ele distribuiu o tempo do ano em três partes, para nos propiciar o que é necessário à nossa vida sensorial e mesmo propiciar sua graça de três maneiras, para nos

tornar poderosos, nos ensinar e demonstrar como podemos viver para ele através de uma vida virtuosa. Essa vida virtuosa possui, ela também, três modos que nos consumam no amor e nas virtudes e que nos conduzem à vida bem-aventurada da eternidade.

CAPÍTULO 47

Mesmo após o pecado, pode-se retornar à graça com Deus. A vida interior e contemplativa.

Observem ainda o exemplo e a figura que seguem. No meio do inverno, quando o Sol começa a subir, o tempo está frio e seco e não há frutos. Da mesma forma, o pecador está frio, seco e sem frutos de virtudes. Se ele morrer fora da graça, no meio do frio do inverno dos pecados, ele está condenado para sempre.

Servir o pecado é perder tempo, abandonar a vida e preferir a morte. Por isto, se queremos combater e vencer, com a ajuda de Deus, o frio do inverno do pecado, poderemos, no calor do verão da graça divina, produzir frutos para a vida eterna. Isto é o que ensinam o curso do Sol e as diferentes épocas do ano, pois, quando perdemos,

com nossos pecados, a graça de Deus que tínhamos recebido no batismo, somos traidores e infiéis a Deus.

No entanto, ele não nos abandona se buscamos e desejamos a graça, pois, no meio mesmo do inverno glacial dos nossos pecados nasce o tempo da graça, da mesma forma como, no céu, o Sol começa a subir desde o meio do inverno e ele combate durante quatro meses, até abril, antes de ter completamente derrotado o inverno.

É assim que devemos nós mesmos, com a ajuda da graça divina, lutar contra o pecado e as oportunidades para o pecado, contra os maus hábitos e contra todo amor descontrolado, contra a carne e o sangue, o demônio e suas tentações, *porque todo aquele que nasceu de Deus vence o mundo*[23], diz São João e não apenas o mundo, mas tudo o que se encontra nele: alegria, sofrimento e tudo o que pode perturbar, entravar ou distrair, com imagens, a livre subida íntima do amor para Deus.

Este desejo elevado por Deus e por todas as virtudes é muito semelhante ao Sol que sobe em abril e faz tudo germinar e florescer, rejubilando o mundo inteiro e preparando todas as criaturas, cada uma segundo sua natureza, para gerar frutos, sob o efeito do calor do verão que

[23] 1 João 5: 4.

vai chegar.

Acontece o mesmo com o livre desejo elevado, que é livre e desprovido de todas as criaturas, fechado para o mundo e aberto para Deus e seus dons. Quando o Sol da graça penetra nesse coração aberto e elevado, ávido por Deus e por todas as virtudes, todas as forças da alma se rejubilam nessa nova experiência da graça de Deus, pois Deus nela se mostra à alma elevada, tal como ele é em sua natureza, ou seja, sem figura e nem imagem, sem forma e nem modo, sem medida e sem fim. É desta forma que ele é o objeto dos desejos elevados e da alma despojada.

Deus está acima de todo nome e sua natureza não conhece nome. No entanto, o coração amoroso o nomeia de muitas maneiras em suas obras, pois Deus é tudo o que ele deseja, muito mais mesmo do que ele pode desejar. Ele é, para cada um, superabundância e saciedade de amor. Ele é plenitude de todos os bens para aqueles que só desejam a ele.

O coração intimamente unido a Deus é, ao mesmo tempo, ávido e generoso, sempre pronto para dar e receber. Ao dar, ele toca Deus e, ao receber, ele é tocado por Deus e estes dois toques devem sempre crescer e aumentar. Este toque mútuo é o júbilo, que vive no coração en-

riquecido pelos dons de Deus.

O desejo livre e generoso, disposto a tudo reportar a Deus, dá, àquele que o sente em si mesmo e o compreende bem, uma vida plena de delícias e de felicidade. Dar mutuamente e receber, entre nós e Deus, é um movimento comum que cresce até a vida eterna.

Mas, aqueles que servem Deus de uma maneira puramente natural e para sua própria vantagem não podem saber nada e nem desfrutar de Deus, pois eles são gananciosos e vorazes e querem receber sempre de Deus o que desejam, ao mesmo tempo em que não sabem dar nada em troca.

O Sol, no céu, espalha calor e luz e a terra produz a vida e os frutos e isto é toda a vida natural. Deus nos dá sua graça e nós lhe damos em troca tudo o que podemos em homenagens, virtudes e todo tipo de boas obras e é nisto que consiste toda nossa vida espiritual.

Mas, esta não é nossa vida mais elevada, pois, como vocês podem observar, enquanto o Sol sobe no céu, até o signo que é chamado de Câncer, todos os frutos da terra brotam e crescem. No entanto, eles não estão ainda maduros e nem suficientemente no ponto para nosso consumo.

Mas, é quando o Sol começa a descer, no signo chamado Leão, que ele espalha seus raios com mais calor, dando, a todos os frutos, plena maturidade, tornando-os aptos a suprir as necessidades e a utilidade de todas as criaturas.

Da mesma forma, quando a pessoa está livre e desapegada de todas as criaturas e se eleva, com plena liberdade de desejo, para Deus, tão alto quanto ela pode, o Sol da graça derrama então sua luz e lança seus raios para esse desejo elevado e livre e todas as forças da alma se movem para responder à graça de Deus que as atrai e esta é a causa de uma inquietude e de uma impaciência de desejos, pois tudo o que a alma dá a Deus ou recebe dele parece, aos seus olhos, muito pouca coisa. Ela sente entre ela e Deus um intermediário e uma diferença e isto é a graça de Deus, que ela não pode vencer, pois ela se ama e ama Deus e é por isto que ela vive em ardor e em impaciência. Falta-lhe o que ela deseja dar e receber e ela diz, como o Apóstolo, em sua impaciência e grande desejo: *Desejo me desprender para estar com Cristo*[24].

Ela entrou, de fato, no signo de Câncer, o mais alto que ela pode subir com o Sol da graça divina e, porque ela

[24] Filipenses 1: 23.

encontra uma diferença entre ela e Deus e ela ama e deseja a unidade, ela possui, com justo título e mérito, a honra e a graça sublime de Deus, de que sua vida está inundada, mas ela não desfruta o mais alto grau de amor, pois nela reina ainda alguma coisa do seu próprio querer e é por isto que, não podendo subir mais alto por meio da graça, ela se humilda e diz, como Cristo: *Pai, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres*[25].

Este é o ápice de sua vida e então ela retorna a ela mesma e pratica seus exercícios com a graça de Deus, como ela fazia antes, mas, se ela deixa resfriar suas práticas, ela perde a graça de Deus e tudo o que ela tinha obtido através da graça e das virtudes.

Por isto, se queremos desfrutar, da maneira mais elevada, o fruto do amor, devemos nos elevar, através da graça e do desejo, com todas as nossas forças, tão alto quanto pudermos atingir, ou seja, até o signo de Câncer, onde todas as nossas forças desfalecem no ardor e na impaciência do amor.

Lá, devemos nos perder inteiramente, para que o mais alto espírito de amor venha a nós e possamos dizer, como Cristo, ao nosso Pai celeste: *Pai, nas tuas mãos en-*

[25] Mateus 26: 39.

trego o meu espírito[26] e então, nos abandonamos à livre disposição de Deus todo poderoso e assim, entramos no signo de Leão, que é o rei e o chefe de todos os animais selvagens.

O leão tem os dentes tão agudos que ele come os ossos com a carne e nisto, ele se assemelha bem ao amor de Deus, que tudo devora, consome e queima o que vem a ele e quando somos elevados até nosso puro espírito, acima de tudo o que Deus criou, o Espírito Santo dá ao nosso espírito seu raio eterno, que é luz e fogo e nosso espírito se assemelha a um óleo ardente e vivo que vive e ferve no amor divino.

Enquanto o óleo produz espuma, crepita e ferve, porque há nele mistura. Mas, quando o fogo consumiu e queimou toda a escória, o óleo ficou puro e, mais do que quente, ele está tranquilo e sem movimento, como o próprio fogo.

Isto é o que podemos experimentar em nosso espírito, que comparamos ao óleo. Quando somos elevados acima da impaciência dos desejos e das práticas das virtudes, na pureza do nosso espírito, nos tornamos desprovidos de atividade e então, o Espírito Santo espalha seu

[26] Lucas 23: 46.

brilho eterno em nosso puro espírito. Lá, somos ativos e passivos, pois o Espírito Santo é um fogo devorador que consome e absorve nele tudo o que ele apreende.

O mais alto grau de calor é obtido quando nosso espírito é abrasado e suporta o ardor do amor divino, mas o que ultrapassa todo calor é realizado quando o espírito é todo abrasado e possuído pela transformação divina. Quando ele é assim, todo devorado pelo fogo e um só espírito com Deus, ele se torna o amor essencial e vazio de qualquer outra coisa.

Este é o ponto alto do prato da balança do amor, de que falo agora.

CAPÍTULO 48

Os bens temporais que Deus nos dá e de que devemos fazer uso.

Deus nos deu também, para suprir nossa vida, bens exteriores, com que ele nos honrou e serviu. Ele no-los deu de três tipos: os frutos e os animais da terra, os numerosos tipos de peixes nas águas e todos os tipos de pássaros nos ares.

É com estes bens que devemos servi-lo e lhe prestar

homenagem de três maneiras, oferecendo em nosso altar os dízimos, as primícias e o que há de mais nobre no que possuímos e isto nós lhe daremos com reverência e grande alegria, para a manutenção dos edifícios sagrados, os ornamentos e os vasos preciosos empregados para o serviço de Deus, para seus sacerdotes e suas santas almas, que carregam nossos pecados e que, com suas santas vidas e suas preces devotas são intermediários entre nós e Deus e isto foi praticado desde o início do mundo.

A segunda parte dos nossos bens nos ajudará a viver com temor, medida e sobriedade na alimentação e na bebida, nas roupas e em tudo o que é útil ao nosso corpo.

A terceira parte será para os pobres e nós lhes daremos alegremente, com generosidade e discernimento, pensando que eles são membros de Cristo, que, no último dia, dirá àqueles que socorreram os pobres: *Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes. Vinde, benditos de meu Pai! Tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[27].

---

[27] Mateus 25: 40 e 34.

CAPÍTULO 49

A quarta balança do amor e como Deus nos dá sua graça de quatro maneiras e nós lhe prestamos nosso serviço de muitos modos e como o pecador deve estar revestido, se ele quer retornar à graça com Deus.

Depois, é a quarta balança de amor, que é aquela dos preceitos divinos, onde devemos todos colocar nosso peso, para sermos salvos. Ela se apresenta a nós de quatro maneiras que, juntas, constituem uma vida virtuosa, na qual Deus se compraz.

Segundo a natureza, o céu divide o tempo do ano, onde decorre nossa vida, em quatro estações: o verão e o inverno, o outono e a primavera. Estas quatro estações do ano se sucedem desde o início do mundo até o último dia.

Da mesma forma, Deus nos confere sua graça, acima do tempo e da natureza, segundo quatro maneiras, que regulam nossa vida e nosso serviço até o dia da nossa eternidade e este serviço é prestado de uma maneira permanente segundo quatro modos de virtudes, que não podem jamais faltar e este serviço só pode ser prestado por aqueles que são humildes e obedientes.

Quantos às pessoas orgulhosas e indóceis, elas são rejeitadas para longe do céu e do paraíso e colocadas para

fora da Santa Igreja, a menos que desejem obter misericórdia e receber a graça e consintam em praticar os seguintes preceitos.

O primeiro é o temor natural diante da justiça divina. O segundo consiste em detestar o pecado e em desejar a justiça, conforme a Verdade, que é o próprio Deus. O terceiro faz buscar e desejar o perdão, com um coração humilde, diante da bondade eterna de Deus. O quarto é confiar sem hesitação, sem medo, nem preocupação, na generosidade infinitamente rica de Deus.

Quando se percebe que se age assim, é o inverno dos pecados que passou e o tempo da graça que chegou. Então se pode praticar o primeiro tipo de virtude, que consiste em amar Deus acima de todas as coisas, em amar a si mesmo para Deus e para seu serviço e o próximo, como a si mesmo, por amor a Deus, com toda verdade e sinceridade.

Este é o primeiro mandamento e a primeira maneira de praticar a obediência devida a Deus e é também a primeira balança do amor que deve nos salvar, pois este mandamento resume *toda a Lei* divina e todos *os Profe-*

tas[28].

Então se pode dizer que se está na primeira porção do ano segundo a natureza, segundo a graça e segundo as virtudes, pois nesta estação o Sol começa a subir, é o meio do inverno e também podemos desfrutar do Sol da graça divina, que nos ilumina e nos ajuda a progredir em todas as virtudes.

O Sol jamais para. Assim que o inverno passou, ele marca a estação seguinte do ano, a primavera, que se desperta e dá fecundidade a todos os elementos.

A primavera é a mais alegre de todas as épocas. Ela é quente, úmida e suave. Os pássaros cantam nela, cada um segundo seu modo.

Como a graça de Deus é nobre e delicada!

Deus quer que o obedeçamos, sobretudo na primavera da vida, quando ___ Deus seja bendito! ___ Cristo morreu por nossos pecados, para que sejamos purificados. Ele nos adquiriu com seu sangue precioso e quer nos guardar para ele.

Assim, devemos nos purificar de todos os nossos pecados, para sua honra e depois viver na penitência, jejuar, fazer vigília, dar esmola, confessar e acusar nossos peca-

[28] Cf. Mateus 22: 37-40.

dos, seguir os conselhos do sacerdote e obedecer sempre a Santa Igreja, através da virtude e das boas obras. Então, podemos receber o santo sacramento e progredir em uma vida santa.

A terceira estação do ano é o verão. O Sol atinge então seu mais alto grau, quando se está no meio do verão e no centro do ano. O tempo nele é claro, quente e seco e os frutos crescem e amadurecem rapidamente.

O verão tem uma duração de doze semanas, durante a metade das quais o Sol sobe incessantemente no céu e depois, na outra metade, ele desce para a terra. Enquanto o Sol sobe, os frutos amadurecem e atingem seu fim no Oriente e quando ele desce, é no Ocidente que os frutos se tornam maduros, nestas regiões em que habitamos.

O que significam estas imagens? No terceiro tipo de graça e de vida espiritual, Deus nos ensina a obedecer à razão e à nossa consciência e é por isto que, quando somos elevados, por meio da graça e da nossa vida virtuosa, no mais alto grau das nossas forças, em ação de graças, em louvor, em amor, em reverência, então, todas as nossas forças desfalecem ao subirem e ao progredirem.

Nossa memória é elevada até o despojamento de imagens; nossa força racional, até a claridade divina; e

nossa força amorosa, até o amor puro e essencial que se inclina para Deus.

O despojamento de imagens nos tornam semelhantes aos Tronos, plenamente vitoriosos. Pela claridade, nos assemelhamos aos Querubins, que receberam neles a clara luz divina. Pelo amor essencial e afetivo, nos tornamos semelhantes aos Serafins, que são unidos a Deus através do puro amor.

Assim se manifestam a graça de Deus e a vida santa, quando se quer praticar a subida. Todos os frutos das virtudes amadurecem e obtém no Oriente seu pleno desenvolvimento, ou seja, na reverência que se eleva para Deus.

O verão da graça e nossa razão iluminada ordenam ao nosso espírito que subamos como o Sol, por meio de todas as nossas forças e tudo o que podemos dar, até a soberania infinita de Deus, de sorte que, em todo momento, devemos desfalecer no desejo e na vontade de ser um com Deus no amor e esta mesma graça e nossa razão nos convidam e ordenam que nos abaixemos como o Sol, em nós mesmos e que nos abandonemos ao beneplácito de Deus, com toda abnegação e sem nada escolher, deixando-o livre para vir ou ir, dar ou pedir, fazer, enfim, conosco, tudo o que lhe agradar, no tempo e na eternida-

de, pois, se, quando se sobe no amor, pode ficar alguma coisa da própria natureza, quando se desce, se renuncia a si mesmo, para deixar agir o beneplácito de Deus.

É então que o fruto dos exercícios do amor está em plena maturidade e a balança do amor entre nós e Deus está em equilíbrio, plenamente igualada de parte a outra. Desta maneira, encontramos a paz em Deus e em nós mesmos, por meio da livre subida e descida em verdadeira caridade.

Segue a quarta estação do ano, que é o outono, intermediário entre o verão e o inverno. Por sua natureza, é uma estação bem ordenada, em que se medem o calor e o frio, o seco e o úmido. Ela é fecunda e rica em frutos de todo tipo, liberal, abundante para todos, benevolente com relação a todas as criaturas: pessoas, pássaros e animais, pois, tendo recebido largamente __ de Deus, da influência dos planetas, do Sol e da lua __ suas liberalidades são iguais para todos, ricos e pobres e cada um em conformidade com suas necessidades. O que não impede que o rico avarento atraia para ele, do bem comum, o que não lhe pertence.

Dividir em três partes seus bens terrenos, isto foi o que eu lhes mostrei acima, para constituir a terceira ba-

lança do amor.

CAPÍTULO 50

Algumas instituições perfeitas.

Por amor ao Senhor, sede submissos, pois, a toda autoridade humana[29], diz o Apóstolo, como Deus condescende nos obedecer, através dele mesmo e através de suas criaturas, segundo todas as nossas necessidades.

Todas as criaturas sem razão que Deus fez lhe obedecem e estão ao seu serviço e ao nosso. Da mesma forma, as criaturas dotadas de inteligência __ os anjos, os santos e as pessoas que vivem na graça com Deus __ lhe são submissas, bem como a nós mesmos, enquanto nós o somos com relação a eles e assim, somos todos juntos uma só família, realizando um mesmo serviço e uma mesma homenagem a Deus.

Os pecadores, pelo contrário, que desprezam Deus e seu serviço e se entregam ao pecado, têm de Deus licença para perseguir as pessoas de bem, para oprimi-las e matá-las, lhes dando motivo para uma maior recompensa.

[29] 1 Pedro 2: 13.

Desta maneira, os pecadores mesmos estão também a serviço de Deus e das pessoas de bem que eles perseguem, sem saber disto, aliás.

Perseguir e fazer o mal é viver como um demônio. Aguentar, sofrer e suportar tudo por Deus é viver como um bom cristão.

Queira ser discípulo de Cristo, busque se assemelhar a ele, ser inocente e generoso como ele, sem ceder ao pecado. Você deve renunciar a você mesmo e se mortificar, para que o espírito de Cristo prospere em você.

Você deve amar o pecador e odiar seus pecados[30], pois esta é a Lei de Cristo. Tenha amor a Cristo e ódio a si mesmo e, depois, deixe-se conduzir por ele em todas as coisas. Ame todas as pessoas e não odeia ninguém, pois odiar seus inimigos merece maldição, porque isto é viver longe da caridade.

Não despreze, oprima, julgue ou condene ninguém, o que fazem costumeiramente os hipócritas.

Despreze-se, julgue-se, acuse-se, mas não se condene, pois Deus está próximo e quer a volta do pecador.

Admita seus erros, confesse-se culpado e rogue a

[30] Cf. Santo Agostinho: *Em uma pessoa, ame a pessoa e deteste o erro, pois a pessoa é obra de Deus, enquanto que o erro é feito pelo ser humano. Ame nela o que Deus fez, mas não ame o que fez o ser humano* (*Primeira Epístola de São João*, Conferência 07, Cap. 11).

Deus com confiança e fé, para que ele lhe seja propício.

Se você é pobre, desprezado e vive na miséria, você pode se rejubilar, pois assim viveu Cristo na terra.

Em sua pobreza, não peça nada aos avarentos, que só sabem dar com tristeza. Dirija-se com confiança aos ricos generosos, pois eles têm alegria em doar.

Ame sempre e deseje a humilde submissão e você viverá com o espírito tranquilo.

Se a vontade não for rebelde, a força irascível permanece em paz.

Ser igualmente contente no suportar e no agir é ser simples, sábio e sensato.

Não busque dominar, julgar e nem governar os outros, pois o orgulho se esconde naqueles que querem carregar as preocupações alheias.

Mas quem for colocado acima dos outros, sem que buscasse ou quisesse isto, deve obedecer e manter silêncio. Se ele permanecer humilde e apagado, ele ganhará o favor dos seus inferiores e poderá fazer com eles o que desejar, pois o humilde é amado e apreciado por aqueles que são bons. O orgulho, pelo contrário, que se ignora e que não se domina se infiltra em todos os pecados.

Quem despreza os pequenos, sem consciência ou

temor, faria muito mais aos grandes, se pudesse.

Aqueles que reclamam e se queixam no sofrimento não podem jamais crescer e nem progredir sob o peso da humildade.

Aqueles que observam de perto os outros para criticá-los se parecem muito com os hipócritas. Eles são maus, externa e internamente, incapazes de vencer o orgulho.

Quem deseja superar os outros em honra não é digno de ser honrado.

Se lhe invejam, oprimem ou caluniam, é preciso suportar alegremente por Deus, pois lhe dão assim dias de graça.

Evite sempre a maledicência, que coloca as pessoas em fúria. Desta forma, você será sábio, prudente e subirá rapidamente em virtude.

Suporte todas as coisas e não se vingue, seja o que for que lhe façam ou lhe aconteça.

Aprenda a se comportar humildemente.

Queira repreender, apontar e ensinar com mansidão e você tornará mais sábias as pessoas de boa vontade.

A complacência com você mesmo acaba por surpreendê-lo, pois ela é uma perigosa tentação.

Ao sentir em você pensamentos de orgulho, segure sua boca e cale todos os seus sentimentos e se você não puder afastar esse orgulho, fique confuso com ele e aprenda a se exercitar e a se calar.

Aqueles que, através da humildade, entram em luta contra o orgulho são bacharéis em teologia. Mas, para ganharem a luta e se tornarem mestres, eles devem esmagar o orgulho com os pés.

O orgulho é uma serpente perigosa que leva seus discípulos ao inferno.

Quem encontrou, em seu espírito, a humildade, sabe colocar a doçura em sua vida, pois a verdadeira humildade dá, acima de todas as práticas da virtude, o repouso em todo sofrimento, uma doce paciência e, através de toda tribulação, a paz de espírito, que faz suportar e aguentar todas as coisas com mansidão.

Aqueles que, com pureza de espírito, encontram a humildade, superam, em toda sua vida, qualquer esforço, o que é o fundamento e a raiz de toda santidade.

Busquemos e desejemos a perfeita humildade, que é simplicidade imutável, na pureza do nosso espírito. Ela só é encontrada nela mesma. Isto é a simplicidade de todos os santos, a constância de todas as pessoas de bem, a pa-

ciência em todo sofrimento, o começo e o princípio de todas as virtudes. Em todas as honras sem elevação, ela é a paz sem fim, a vitalidade de toda vida santa, onde todas as virtudes terminam e começam no ápice de nossa inocência.

Essa mesma vida, obtida e possuída na pureza do nosso espírito não pode afastar a inconstância da sensibilidade. É preciso sentir fome e sede e muitos desejos descontrolados.

É preciso mesmo beber e comer e muitas vezes nos esquecemos de Deus. É preciso se calar e falar e se cai em mil faltas. Esta é nossa vida sensorial, em que cada dia caímos[31], embora nosso espírito seja mortificado, porque vivemos sem preocupações, profundamente escondidos em Deus.

CAPÍTULO 51

O duplo modo de exercício do nosso espírito.

Se queremos experimentar e viver o mais alto grau da vida em que se pode atingir no tempo, nosso espírito

[31] Cf. Provérbios 24: 16. *O justo cai sete vezes, mas se ergue, enquanto os ímpios desfalecem na desgraça*.

deve ser separado da nossa alma e se elevar acima da razão, acima das imagens, acima das práticas da virtude, com um olhar simples, na luz divina, com uma visão elevada do nosso espírito e uma adesão a Deus através do puro amor.

Na ação, sentimos, entre nós e Deus, uma distinção e uma diferença, mas lá onde somos arrebatados em Deus, acima do espírito, em sua majestade infinita, lá, temos repouso e habitação com Deus, em uma unidade essencial, que permanece sempre com Deus, imóvel e sem ação, em um repouso da eternidade e assim devemos incessantemente possuir repouso e ação, o que é viver sem esforço.

Este é o mais alto modo segundo o qual podemos experimentar em nós uma vida divina e iluminada da verdade eterna. Este é o primeiro modo do nosso espírito em livre elevação, através do puro amor, até a altura infinita de Deus.

O segundo modo de vida espiritual, que vem em seguida, é o humilde desprezo de nós mesmos abaixo de todas as pessoas e abaixo de todos os modos de humildade que não poderiam tranquilizar nossa razão, de sorte que estejamos humildemente contentes, na renúncia a

nós mesmos e na morte sem escolha em um humilde abandono e um olhar que se engole e se perde incessantemente na profundeza do abismo de Deus, abaixo da qual não há nada. Lá, em nossa humildade totalmente abandonada, nos tornamos o reino onde ele vive e reina e nós nele, fora de tudo o que é criado.

Este é o segundo modo de vida espiritual, que consiste em descer e em nos perder na profundeza do abismo de Deus.

Segundo estes dois modos, o espírito é elevado acima da alma. No entanto, o espírito e a alma são uma só vida. Mas, para a alma, a vida está nas graças, nas observâncias e nas muitas práticas da virtude e o espírito vive acima da razão e das práticas da virtude, unido a Deus e livre de imagens no puro amor.

CAPÍTULO 52

A alma racional pecadora.

A alma racional, repleta da graça divina, é semelhante à fonte viva do Paraíso, que jorra e forma quatro rios de grande utilidade. A alma racional faz o mesmo no estado de pura natureza. Ela possui, abaixo dela mesma,

a natureza mortal, com seus cinco sentidos: a audição, a visão, o olfato, o gosto, o tato ou faculdade de sentir. Mas ela mesma é espiritual, racional e imortal.

Nela mesma há três forças: a memória, o intelecto e a vontade e, por natureza, ela pode escolher o que ela quer, o bem ou o mal e, acima dela mesma, ela possui Deus e sua graça. Se ela escolhe o mal, ela é distorcida e desordenada e não age, de forma alguma, segundo a ordem e a justiça, pois, na alma de vontade perversa, a sabedoria e a verdade não podem penetrar, mas ela precisará, na morte, suportar a justiça divina.

O corpo pecador se torna presa dos vermes. Quanto à alma escrava do pecado, ela está atada por correntes de ferro, seus pecados permanecem para sempre e estão em poder dos demônios.

O espírito que não amou Deus é rejeitado e desprezado por ele e jogado nas trevas exteriores que jamais terão fim.

CAPÍTULO 53

A alma racional cheia de graça e os quatro rios que fluem dela, especialmente o primeiro deles e o triplo modo como se exercita.

A alma racional que Deus encheu com a fonte de suas graças vê jorrar nela quatro rios de graças, que são quatro modos de virtudes.

O primeiro rio da graça divina nos ensina os três modos segundo os quais se pratica o serviço de Deus. O primeiro é sensorial, o segundo é espiritual e o terceiro é divino.

O primeiro modo, que é sensorial, é comum aos maus e aos bons. Ele nos ensina nos aplicarmos ao serviço de Deus de uma maneira sensorial, segundo a razão e a ordem, em conformidade com os regulamentos da Santa Igreja, em nossas palavras e nossas ações, voltados para o Oriente e isto pertence sobretudo aos sacerdotes, pois, na missa, nas orações e nas preces, eles se mantém, com o rosto descoberto, voltados para o Oriente, como aqueles que desejam e esperam o advento de Nosso Senhor Jesus Cristo.

No entanto, é preciso saber bem que as práticas sen-

soriais e corpóreas, por mais importantes e respeitáveis que elas sejam, não podem nos tornar santos ou bem-aventurados, já que os maus e os bons as realizam igualmente.

Mas a intenção e o amor nos atos realizados para a glória de Deus tornam este modo de serviço corpóreo santo e bem-aventurado e todas as pessoas, tanto as ignorantes quanto as letradas, devem, sobretudo na missa, se elevar para Deus com o coração, com a intenção correta e o amor, pois, lá se oferece ao nosso Pai celeste a Paixão e a morte ignominiosa com a santa efusão de sangue do seu Filho para o resgate dos nossos pecados e este é o modo sensorial de exercício que devemos a Cristo, que nos resgatou, com sua morte, da morte eterna do pecado.

A mesma fonte da graça nos ensina também outro modo de virtude, ao qual todos nós estamos ligados ao nosso Pai celeste e ela exige de nossa alma racional um modo superior de virtude, que foi praticado desde o começo do mundo por todos aqueles que foram objeto das complacências divinas, anjos e santos, desde o primeiro até o último.

Este modo é eterno e bem-aventurado e ele nos ensina a elevar ao céu nossa alma racional para o Pai celes-

te, acima de todas as práticas sensoriais e de todas as boas obras exteriores.

Isto é o que nos ensina a razão, ajudada pela natureza, pelas Escrituras, as leis judaicas e pagãs e os santos Evangelhos. Todas as criaturas nos ensinam e nos mostram, através delas mesmas, que devemos buscar e encontrar nosso Criador acima de nós, no céu e Cristo mesmo diz, como todos: *Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome*[32].

É por isto que a alma racional deve, por meio da graça divina, se elevar acima de todas as coisas, até o céu, em face de Deus e lá ela se entregará à fé e à confiança, à esperança e ao desejo, ao amor e ao temor, à ação de graças e ao louvor. Ela honrará, confessará, bendirá, invocará e adorará seu santo nome.

É lá que correm os rios da graça, que convidam a alma para o interior, para dispender todas as suas forças em amor, pois assim ela obtém a vitória.

O Pai fala à alma e esta lhe responde, sem saber bem como. Entre a palavra e a resposta, ela desfalece e cai na impotência. Ela deve se calar e se inclinar para o Pai. Assim, ela mantém sua ação. Sua irradiação e seu

[32] Mateus 6: 9.

toque fazem brilhar o dia de amor.

Quando ele fala e a alma desfalece, é pago o tributo do amor.

A hora passa e a alma torna a descer, para se entregar às virtudes como antes.

Depois, vem o terceiro modo que decorre do primeiro rio da graça. Ele nos conduz a Deus e nos une a ele.

Este modo pode ser melhor chamado de sem modo do que modo. Ele se inicia quando a alma racional esgotou todas as suas forças e todo seu poder no amor. Então, começa o amor sem modo, acima do amor ordenado, com o entendimento puro e despojado, acima das virtudes, a virtude fundamental, acima das práticas das virtudes, a inação, acima de todo modo de ser sem modo, acima das práticas interiores racionais da vida contemplativa, pois na revelação de Deus, quando Deus se mostra, a razão da alma é como o olho do morcego, que se torna cego com a claridade do Sol. Lá começa o espírito amoroso, a verdadeira vida da alma, que incessantemente adere a Deus através do amor.

Ele se parece com a águia cheia de nobreza, que, sem vacilar contempla e fixa a claridade do Sol e isto é o que faz o olho simples e claro do espírito amoroso, que

recebe o esplendor da claridade de Deus, acima da razão e sem intermediário.

O Pai celeste diz então ao espírito amoroso:

“Abra seu olho simples e contemple o que sou: o ser, a vida, a sabedoria, a verdade, a beatitude eterna, o amor sem fim. Eu o liberto. Permaneça em mim. Perca-se em mim e assim você poderá se encontrar em mim e eu em você, com todos os espíritos amorosos elevados como você e unidos a mim. Seja livre em você mesmo e liberdade em mim. Seja bem-aventurado em você e beatitude em mim. Eu lhe dou um claro e simples conhecimento de mim mesmo em você e uma ignorância sem fundo e impenetrável de mim mesmo. Isto é o que lhe dou. Perca-se e morra para você mesmo em mim. Seja sem distinção e uma simples beatitude em mim”.

CAPÍTULO 54

O segundo rio da graça divina.

É no fim do terceiro modo do primeiro rio da graça divina que nos unimos a Deus em uma maneira simples.

O segundo rio da graça de Deus corre do Oriente para o Ocidente, ou seja, ele vem do Espírito Santo, através

da alma racional, até nossa vida sensorial. Este rio compreende três modos de vida.

O primeiro modo nos purifica dos pecados, nos ornamenta com a graça e nos une a Deus em amor.

Tudo o que Deus fez na natureza é bom e ele olha e coloca em tudo sua complacência. Ele criou o céu e a terra e todas as criaturas o servem em nós, cada uma em seu lugar, segundo a Sabedoria Divina ordenou e dispôs.

Ele criou duas naturezas inteligentes que são os anjos e as pessoas. Os anjos no céu e as pessoas na terra, para que eles lhe deem graças, o sirvam e cantem louvores.

Os anjos no céu se dividem em dois campos e mesmo que, por natureza, eles se comprazam todos em Deus, aqueles que, com um olhar simples e a livre vontade no amor, se voltaram para Deus, deram às suas obras um prêmio eterno e foram fixados na beatitude e na glória de Deus.

Mas aqueles que colocaram suas complacências na beleza que Deus lhes havia dado se afastaram dele, quiseram reinar e se igualar a Deus em grandeza e em nobreza.

Observem que este foi o primeiro combate travado entre os maus e os bons, pois os bons anjos quiseram re-

conduzir os maus, lhes mostrar e ensinar como é preciso amar Deus, servi-lo, lhe dar graças e louvá-lo e o campo adversário se esforçou para arrastar os bons para longe de Deus, para desviá-los, como eles, de Deus e do seu serviço, assim como eles faziam.

A luta não podia ser longa, pois Miguel, o chefe dos anjos, com seu grupo e ajudado pela virtude divina, precipitou o cruel e amargo dragão Lúcifer, com os dele, para fora do céu, para a região das trevas, na terra e no fundo do inferno e Jerusalém, a cidade de Deus, dos anjos e de todos os santos, permanece na paz e na glória eternas, para sempre e sem fim.

Mas o ódio, a ira e a inveja dos condenados se levantam sempre contra Deus e contra todos aqueles que amam Deus e o servem e assim, os anjos são separados e divididos segundo eles estão com Deus ou contra Deus, em bons e maus, em bem-aventurados e em reprovados e isto deve permanecer assim eternamente.

Além disto, no começo do mundo, Deus criou a natureza humana, homem e mulher, Adão e Eva; almas racionais em um corpo mortal. Ele os criou no estado de inocência, nobres e livres, à sua imagem e semelhança. Ele lhe deu força e sabedoria e colocou neles suas grandes

complacências. Ele os colocou no Paraíso e lhes ordenou a obediência, prevenindo-os de que, no momento em que eles desobedecessem e violassem seu mandamento, eles morreriam com a morte do pecado.

Foi então que veio um anjo mau, expulso do céu, sob a forma de uma serpente e contradisse as palavras divinas e, enganados com mentiras e falsas promessas, Adão e Eva comeram do fruto proibido.

Como pena por esta desobediência, eles foram expulsos do Paraíso e incorreram na maldição de Deus, com toda a posteridade que nasceria deles segundo a natureza.

No entanto, eles mantiveram a liberdade da natureza que Deus lhes havia dado, pois seus pecados não seriam irremissíveis para sempre, mas, ao fazerem penitência e implorarem misericórdia, eles poderiam obter a beatitude e a salvação.

Mesmo que a porta do Paraíso lhes fosse fechada, assim como a porta do céu e a face gloriosa de Deus lhes fosse fechada, assim como para todos aqueles que nasceriam deles segundo a natureza, todavia, eles conservaram a nobreza e a liberdade de suas vontades e tinham conhecimento da morte e da vida, do bem e do mal.

Eles amaram o bem e odiaram o mal e assim, se vol-

taram para Deus e obtiveram o perdão e todos os seus descendentes, que colocaram em Deus sua fé, o louvaram e o amaram, puderam assim agradá-lo e receber a graça e o perdão.

Temos a prova disto em Abel, seu filho. Ele era bom e justo, honrava Deus e o amava e sua vida e suas oferendas lhe eram agradáveis. Mas Caim, seu irmão, era avarento e mesquinho, irritável e invejoso e era por isto que ele era, com suas oferendas, indigno de Deus e rejeitado por ele. Foi então que ele imolou seu irmão, o inocente e o justo e este foi o primeiro mártir levado à morte para a glória de Deus, por causa de sua virtude e de sua justiça.

CAPÍTULO 55

Como se divide o Reino de Deus entre bons e maus, humanos e anjos e também bons e maus prelados.

O Reino de Deus se divide entre bons e maus, pois tudo o que Deus criou pertence ao seu Reino.

Os maus só possuem desprezo por Deus e seu serviço. Eles preferem tudo o que é perecível: a riqueza e a glória do mundo, as volúpias do corpo e uma vida longa,

se eles podem obtê-la e, com isto, eles caem sob o justo julgamento de Deus e são condenados.

Os bons desprezam o pecado e o mundo e tudo o que pode afastá-los de Deus e preferem Deus, sua glória, seu amor e seu serviço e são elevados pela misericórdia divina.

Todos aqueles que acreditaram em Deus desde o princípio do mundo, que lhe deram glória, o amaram, serviram e perseveraram até a morte estão todos salvos. Aqueles que, tendo recaído no pecado, retornaram, no entanto, para Deus, através da penitência e imploraram seu perdão, se perseveraram assim até a morte, obtiveram também a salvação através de suas penitências e da misericórdia divina.

Mas os incrédulos, a serviço do demônio e do pecado, que vivem e morrem neste estado, são todos condenados por toda a eternidade e reprovados pela justiça divina.

Assim é a lei justa, a ordem, a regra e a norma da Sabedoria Divina, que ordenou bem todas as coisas e vive em tudo o que é criado, regendo cada natureza em particular, ordenando-a à glória de Deus, ao serviço e à utilidade de todas as pessoas e todos os que nascem na natu-

reza humana recebem de Deus, igualmente, nobreza e liberdade, de sorte que podem, com toda vontade livre, se afastar de Deus ou se voltar para ele, pois a coerção no serviço é próprio do servo, que não pode ganhar as complacências de Deus e nem possuir seu Reino, como os filhos.

Mas, se todas as pessoas que nascem na natureza humana têm nobreza e liberdade, muitas delas, no entanto, desde o começo do mundo, receberam de Deus grande dignidade, dominação, honra e glória acima das outras pessoas do seu tempo.

Da mesma forma, mesmo que todos os anjos sejam espíritos nobres e puros por natureza, todavia, há neles uma grande distinção de principado, ordem, primazia, poder, virtude e dominação. Uns comandam e outros obedecem. Uns ardem de amor, fixam e contemplam Deus com claro conhecimento. Outros nos servem neste mundo e outros possuem Deus em uma paz eterna. Uns guardam e protegem as cidades, outros protegem as províncias e os países contra os inimigos e todo mal. Há neles uma plena concórdia e cada um em particular é bem-aventurado e se a glória de Deus é comum a todos, cada um recebe dela segundo sua natureza. A alegria lá é i-

mensa, a vida é eterna e sem morte. A todos, Deus é a recompensa transbordante e sem medida e cada um tem a sua em si mesmo, medida segundo suas próprias obras.

Tem-se lá conhecimento, prazer e experiência, amor eterno sem declínio, já que eles amam Deus e isto ultrapassa a compreensão e o sentido. Tem-se lá o conhecer, o amar, o possuir e o desfrutar e todos os pecadores estão excluídos disto. Funde-se e flui-se lá em uma profundidade abissal. Pode-se bem possuí-lo, mas não se pode falar dele, pois isto desafia qualquer linguagem.

Quem, renunciando a todo esforço, permanece em paz e silencioso, sabe muito mais.

Ser um com Deus no amor impõe o silêncio e, além das práticas da virtude, isto é viver, morrer e ressuscitar em Deus. Isto é o mais alto dom de Deus, eu penso. O pecado não tem mais espaço e se ganhou a íntima verdade de Deus.

Viver em eterno amor e sem mais quedas, isto Deus quer conceder a todos nós!

A segunda natureza criada por Deus é a dos humanos. Todos são descendentes de uma mesma raiz, a de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Todos aqueles que nasceram desta raiz possuem igualmente nobreza e liber-

dade segundo a natureza.

Entre eles, a Sabedoria Divina escolheu alguns para estabelecer acima dos outros neste mundo e no tempo, ma não na eternidade, a menos que eles mereçam com suas caridades e com suas vidas conformes com a caríssima vontade de Deus.

Algumas pessoas estão acima das outras por seu nascimento, como os reis, os duques, os condes, os príncipes do mundo, os poderosos e os senhores de muitas maneiras. Se eles vivem bem e governam com equidade o povo de Deus que lhes está submetido, eles serão mais recompensados e mais felizes do que as pessoas comuns. Mas se, pelo contrário, eles vivem no pecado e governam mal, eles servem o diabo e terão, no inferno, penas mais severas do que as outras pessoas.

Alguns foram escolhidos por Deus desde o começo do mundo e eles o são agora no tempo. Eles são todos santos e bons. Outros foram eleitos pelas pessoas, conforme Deus permite e aceita. Assim são os imperadores, os papas, os bispos, os abades, os monges, os príncipes e os prelados.

Há aqueles que são servidores de Deus e das virtudes e que governam de uma maneira correta e justa. Estes

agradam a Deus e merecem a graça e a vida eterna.

Mas aqueles que desobedecem a Deus, se colocam a serviço da justiça, do demônio, do mundo e da carne. Em qualquer nível que eles sejam, eles pertencem todos ao inferno.

Aqueles que foram escolhidos e chamados, como Aarão, para se tornarem clérigos, o são legitimamente e são objeto das complacências divinas. Mas aqueles que se escolhem e se elevam, para se estabelecerem como prelados, acima das outras pessoas, são rejeitados por Deus.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, é o pontífice supremo da Santa Igreja e muitas pessoas de bem lhe ofereceram, em honra à morte que ele quis sofrer por seus pecados, principados e dignidades, riquezas, senhorias e fortuna, que são devidos à sua morte abençoada e ele quer que isto seja dado àqueles que têm seu espírito, que são sem mancha, sábios, doutos e capazes de governar seu povo e de lhe ensinar, com suas palavras, suas ações e sua vida santa, como se pode chegar à vida eterna.

Todos aqueles que compram ou vendem a herança de Cristo são os filhos de Simão Mago, pois eles compram e vendem o que é de Deus e que se devia dar gratuitamente àqueles que são capazes de servir a Deus e não aos or-

gulhosos e aos invejosos, aos avarentos e aos ladrões, aos gulosos e aos impuros, nem, enfim, àqueles que vivem manifestamente em pecado mortal, pois estes não são dignos de possuir a herança de Cristo e nem de viver nele e não entram pela porta viva de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois eles solapam a muralha da lei evangélica e dos preceitos dados pela vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas eles penetram no redil por outros lugares, usando a força ou a violência, através de preces com ameaças, dons ou aparências de santidade e pela hipocrisia. Eles não são ovelhas e nem pastores, mas lobos predadores, ladrões e assassinos, pois matam, pilham e corrompem aqueles que lhes estão submetidos e são causa e princípio de muitos pecados, mesmo inconscientemente.

Todo poder ordenado *vem de cima; desce do Pai das Luzes*[33]. Foi ele que, eternamente, escolheu nosso pontífice Jesus Cristo e lhe deu poder sobre tudo o que criou, no céu e na terra e lhe confiou a missão de reunir todo seu povo, separado e disperso sob o império dos pecados, desde o primeiro ser humano até o último e reconduzi-lo com ele para a glória de seu Pai. Foi por isto que ele lhe deu a plenitude de todas as graças, dos preceitos e

[33] Tiago 1: 17.

das leis e lhe ordenou viver e morrer para a salvação do seu povo e do mundo inteiro.

Tudo isto ele cumpriu segundo a caríssima vontade do seu Pai e é por isto que seu nome é exaltado acima de todo nome, pois ele morreu igualmente por todas as pessoas, sem exceção, na medida em que isto estava em seu poder e, com sua morte, ele comprou a vida eterna para todos os seus discípulos, que se assemelham a ele e o seguem com suas virtudes.

Nosso Senhor Jesus Cristo, com sua morte, fundou e reuniu a Santa Igreja e ele dá a graça e a glória a todos aqueles que o servem na fé cristã e, graças aos méritos de sua morte, ele consentiu e permitiu que muitas pessoas de bem doem, para sua glória e pelos pecados delas, grandes riquezas, propriedades e bens, com grandes honrarias, àqueles que Deus escolheu para seu serviço.

No começo da Santa Igreja, Cristo escolheu doze Apóstolos no mundo inteiro e numerosos discípulos e lhes deu seu espírito e seu próprio poder sobre seu povo e sobre todo o mundo. Este espírito e este poder permanecem em seus discípulos, na Santa Igreja, até o julgamento de Deus.

No entanto, nem todos os discípulos que ele esco-

lheu eram santos ou bons, pois Judas, o Apóstolo, era ladrão e assassino e totalmente semelhante ao demônio. Mesmo que ele tenha sido escolhido, ele não correspondeu a esta escolha, mas, por avareza, ele desprezou seu mestre Jesus Cristo e o entregou à fúria dos judeus, que o levaram à morte. Em tudo semelhante aos Apóstolos, no exterior, ele era, interiormente, filho de Satã, pérfido e traidor.

Da mesma forma, a Santa Igreja está atualmente dividida em duas partes: os maus e os bons. Mas parece que Satã tem mais discípulos do que o próprio Cristo.

CAPÍTULO 56

Comparação entre os prelados da Igreja do nosso tempo e os da Igreja primitiva.

A religião que Cristo e seus discípulos fundaram no começo, Satã e seus filhos se esforçam para destruir. Cristo e seus Apóstolos eram pobres em bens terrenos e ricos em virtudes celestes, mas os prelados e os sacerdotes que conduzem agora a Santa Igreja são ricos em posses e pobres em virtudes. No entanto, ainda há muitos bons prelados e santos sacerdotes.

Mas é preciso observar que, entre os doze Apóstolos, havia um só que era mau e hipócrita, que parecia bom externamente, mas que, no interior, era mau. Agora, entre cem prelados e sacerdotes que governam a Santa Igreja e vivem do patrimônio que Cristo resgatou com seu sangue, mal se encontra um só que segue Cristo externa e internamente, como faziam os Apóstolos.

Cristo e seus discípulos, no início da santa cristandade, fundaram e estabeleceram uma santa vida e uma verdadeira religião, pois eles eram cheios de graça e desprezavam tudo o que é perecível, para só buscarem e encontrar o que é eterno. Mas a maior parte daqueles que hoje em dia governam a Santa Igreja na fé cristã são discípulos de Judas. Eles são vazios de graças e de virtudes, pois buscam o que é perecível e desprezam os bens eternos, como eles demonstram com suas ações no mundo inteiro. Eles não passam de fariseus, publicanos ou pecadores públicos.

Cristo se deu a nós, sem mérito de nossa parte, no santo sacramento, nos entregando assim sua Paixão e sua morte, suas graças e seus dons, como seus sacramentos e tudo o que está em seu poder. Deus e humano, ele confiou aos seus discípulos o cuidado de distribuir e adminis-

trar a todos __ sem nenhum benefício próprio, como pura caridade __ todos os sacramentos e todo o tesouro espiritual que eles receberam de Deus.

Era assim que agiam os Apóstolos e os santos sacerdotes no início. Assim fazem ainda aqueles que seguem Cristo e são seus discípulos. Eles vivem segundo a regra que ele ensinou e que está consignada no Evangelho e na tradição cristã.

Mas há hoje em dia discípulos de Judas que possuem cargos na Santa Igreja. Eles são gananciosos, invejosos e ladrões e tiram proveito dos bens espirituais. Se fosse possível e se estivessem no poder deles, eles venderiam por dinheiro aos pecadores, Cristo, sua graça e a vida eterna, pois se parecem com o mestre deles, que vendeu por dinheiro a vida de Cristo aos judeus pecadores, depois se pendurou, para a pena eterna do inferno e ainda é assim para todos aqueles que, com vistas a um ganho temporal, abandonam Cristo, desprezam e matam neles mesmos sua vida e sua graça. Eles são todos desprezados por Deus, rejeitados e pendurados para a morte eterna do inferno.

Que eles vendam aos pecadores a santa absolvição, a remissão da excomunhão e tudo o que passa. Mas eles

não podem vender a eternidade.

A graça de Deus e os múltiplos dons ocultos nos sacramentos não podem ser vendidos e nem comprados. É Cristo quem os dá a quem é digno deles.

Mas ainda são encontrados, na Santa Igreja, bons pastores, que Cristo escolheu e estabeleceu acima de todo seu povo, dos bons e dos maus e ele lhes deu seu Espírito, seu poder e sua sabedoria. Estão com eles as chaves do céu que ele deu a São Pedro, aos outros Apóstolos e a seus sucessores encarregados de governar a Santa Igreja até o último dia. Eles abrem o céu aos justos pela mão de Cristo e em seu nome eles não a fecham aos pecadores que, com fé e verdadeiro arrependimento, confessam sem fingimentos seus pecados e imploram o perdão da misericórdia divina. Nisto, eles não podem ser enganados.

Cristo é o pontífice supremo que tem todo poder no céu e na terra, que pode fechar e abrir e, sem ele, o sacerdote não pode nada e é por isto então que, mesmo que os sacerdotes estejam em pecado mortal, eles não podem enfraquecer e nem manchar os sacramentos.

Mas eles têm o poder de atar e de desatar pela virtude de Deus, na pessoa de Cristo, mesmo que eles sejam indignos disto e Cristo comunica seu poder, para a admi-

nistração dos sacramentos, aos maus sacerdotes e aos bons, que são estabelecidos desde o alto e colocados acima do povo do Senhor, cujo encargo eles receberam, pois a Santa Igreja não pode errar e nem os justos serem enganados por causa da maldade dos sacerdotes e é por isto que, se você quer salvar sua alma para a vida eterna, você deve fazer a distinção entre os pastores que Cristo escolheu e colocou acima do seu povo e os mercenários que buscam a eles mesmos, perseguem e desejam riqueza e dominação, na Santa Igreja, sobre o povo do Senhor[34].

CAPÍTULO 57

Distinção entre os bons e os maus pastores.

Observem agora quais são os verdadeiros pastores que seguem Cristo e governam seu povo segundo sua caríssima vontade. São aqueles que deixam e desprezam o mundo e tudo o que é capaz de separá-los de Deus. Com toda verdade, eles buscam Deus e o amam acima de todas as coisas. Eles amam a eles mesmos e a todas as pessoas

[34] Cf. Santo Agostinho. *A beleza da Igreja na mistura dos bons com os maus*, Sermão 015. *Os pastores*, Sermão 046. *O rebanho do Senhor*, Sermão 047. *O bom pastor*, Sermões 137 e 138. *A pesca milagrosa*, Sermões 248, 249, 250, 251, 252. *Números misteriosos*, Sermão 270. *O joio e o trigo*, Sermão 403.

por Deus. Morrendo para o pecado e vivendo segundo a justiça e segundo Deus, eles chegam ao glorioso Reino dos Céus. Eles são sóbrios e puros, mansos e humildes de coração, misericordiosos, pacíficos e generosos, pacientes, obedientes, plenamente abandonados na vontade, simples, sábios e prudentes, constantes na virtude, de costumes maduros, sensatos e de bom conselho, de espírito alegre e de coração elevado, ricos em virtudes, verídicos em suas palavras, discretos em sua linguagem e só tendo mansidão em sua voz, o coração aberto, a alma acolhedora, compassivos com todo sofrimento, fáceis de satisfazer no comer e no beber, não tendo nenhuma preocupação com as roupas grosseiras, se contentando com o necessário e doando o supérfluo aos pobres. Assim é a vida dos bons sacerdotes.

Tudo o que Deus dá e que ultrapassa as necessidades pertence, por direito, aos pobres.

As pessoas da Igreja que sempre desejam ter permanecerão vazias de todas as coisas. Que eles tenham piedade deles mesmos e doem desinteressadamente aos pobres e eles terão então a paz.

Abandonem tudo por Deus, observem seus mandamentos e assim viverão em segurança. Permaneçam fiéis

e assim vocês serão salvos e abençoados por toda a eternidade.

Tudo o que é nascido do Espírito de Deus conquista a vitória sobre a carne e o sangue e vive de Deus e estes são filho de Deus e discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Verdadeiros sacerdotes e prelados que se assemelham a ele e que governam seu povo segundo sua mais cara vontade.

Mas tudo o que é nascido somente da carne é carne, vive pela carne e o mundo, se opõe a Deus e não se assemelha a Cristo e nem aos seus discípulos, nem aos bons pastores e sacerdotes, de que acabo de falar, pois são mercenários, governam e servem na Santa Igreja por um ganho temporal e Cristo diz que estes são ladrões e assaltantes que pilham, levam à morte e perdem o povo do Senhor com suas vidas perversas, seus maus exemplos e sua conduta pecadora como a do mundo.

Cristo deu e legou à Santa Igreja sua herança e seus bens, posses exteriores e sacramentos ricos de santidade, de graças e de benesses. Ele adquiriu e ganhou tudo isto com sua santa morte.

Os bens exteriores são necessários ao corpo, para que ele viva. Os sacramentos ricos de graças o são às nos-

sas almas, para que vivamos espiritualmente segundo as virtudes.

Esses bens, Cristo deu e confiou às mãos dos prelados e dos sacerdotes e ele quer que sejam distribuídos e divididos com todos os fiéis que o servem e que são dignos deles, sem que sejam vendidos e nem comprados, pois seu tesouro é gratuito e ele o dá gratuitamente, por amor. Ninguém é digno deles, a não ser aqueles que o servem livremente e por amor, para sua glória eterna.

Todo bom trabalhador que serve e ama Deus tem direito ao que lhe é necessário, mas aqueles que vivem publicamente em pecado mortal, que estão ao serviço do demônio, do mundo e da carne não merecem viver do patrimônio que Cristo adquiriu com sua morte abençoada. Para aqueles que os compram ou os vendem ou que vivem deles, eles são veneno e morte eterna.

É, sem dúvida, permitido, na Santa Igreja, aos sacerdotes e aos clérigos pobres, que executam as leituras e os cânticos para Deus e são, para as pessoas, ministros dos sacramentos, receberem, pelo seu trabalho e seu serviço, os recursos que os permitam viver, mas a graça e a santidade ocultas nos sacramentos e que Cristo dá àqueles que são dignos delas não podem ser compradas ou

vendidas, pois isto é virtude de Deus e sua obra somente, que ultrapassam tudo o que o ser humano pode fazer, por mais santo que ele seja ou seja em qual estado ele estiver.

Precisamos usar o que nos é necessário, para podermos servir a Deus e seu povo, pois o serviço de Deus prevalece sobre a vida material. Assim, devemos comer e beber para podermos servir a Deus, mas não servir Deus com vistas ao comer e ao beber e a tudo o que é perecível. Nós o servimos por ele mesmo e para sua glória eterna.

Esta é a ordem que agrada a Deus e que nos faz santos e bem-aventurados, mas isto é muito ignorado e pouco praticado. É por isto que aqueles que querem pertencer a Deus e servi-lo estão no direito de expressar bem alto seu desejo: "Senhor, *fica conosco, já é tarde e já declina o dia*"[35].

O dia da graça e das virtudes não é mais conhecido e a verdade desapareceu. O clero se tornou cego e muito afastado do caminho reto da verdade.

Não podemos julgar, censurar ou desprezar ninguém em nosso coração, pois isto pertence a Deus apenas. Sobretudo isto nos é proibido com relação àqueles que estão acima de nós e que nos governam em nome de

[35] Lucas 24: 29.

Deus na Santa Igreja. Mas podemos muito bem censurar os pecados e louvar a virtude. Isto foi o que fez Nosso Senhor Jesus Cristo e seus santos desde o início.

Vocês observam que Cristo legou e confiou aos príncipes, aos prelados e aos superiores da Santa Igreja e da cristandade os bens, os poderes e as faculdades que ele adquiriu com seu sangue e sua santa morte, para que eles vivam disto, segundo suas necessidades, seguindo a regra e a medida de uma verdadeira sobriedade.

O supérfluo vai, por direito, para os pobres, a quem se distribui com discernimento. Aqueles que são mais elevados e governam o povo de Deus, como ocupando o lugar de Cristo, devem ser humildes, misericordiosos, benevolentes e justos, prontos a socorrer cada um, como verdadeiros servidores de Cristo.

É com isto que se pode reconhecer aqueles que servem Deus e seu povo segundo a Lei cristã e a do Evangelho. É bem diferente para aqueles que possuem a herança de Cristo e têm em abundância riquezas, posses senhoriais, luxo, bem-estar e que vendem a um preço alto a aposição de seu selo, fazendo com que se pague bem caro pela cera e pelo papel que os pobres e as pessoas simples mal podem consegui-los.

No entanto, eles devem fornecer o que lhes é pedido, para receberem o que precisam ou o que desejam ter. A maneira deles agirem se parece mais com a avareza do que com a caridade e eles ouvirão, na hora da morte deles, Cristo lhes dizer: *Presta contas da tua administração, pois já não poderás administrar meus bens*[36].

Neste momento, Cristo permite que maus prelados e falsos pastores se elejam e se promovam, comprem e obtenham algumas prelazias e consigam império espiritual sobre seu povo. Mas eles só têm desprezo por Cristo, por sua vida, sua doutrina e seus mandamentos.

Eles dominam e governam o povo de Deus, não como pastores, mas como tiranos. Eles são maus, invejosos, avarentos e mesquinhos. Eles não se preocupam com as pobres almas que eles não cuidam com suas vidas, com suas palavras, com suas ações ou com seus bons exemplos. Eles negligenciam os indigentes e não lhes dão nada do que têm e possuem em abundância, guardando injustamente seus bens ou os gastando, com seus pecados, além do que lhes é necessário. Com os recursos que pertencem aos pobres, eles enriquecem seus parentes já afortunados.

[36] Lucas 16: 2.

Todo pecado se torna lícito, desde que propicie algum bem terreno. Ao usurário é permitido oferecer seus serviços no altar, se ele tem muito a dar. Se ele morrer, segundo suas vontades, será sepultado no altar. Para a remissão dos pecados dele, prefere-se dinheiro a uma pesada penitência.

Será permitido ao pecador permanecer em sua impiedade e seu pecado por anos a fio, se ele pagar bem, segundo seus recursos, mas, para renunciar ao pecado e se converter à maneira de viver da Santa Igreja, ele terá que dar dinheiro, sem o que, ele não poderá conseguir isto.

É desde o princípio do mundo que as pessoas se dividem em dois grupos: os bons e os maus. Os bons praticam a justiça e a glória de Deus é viva neles. Eles buscam Deus com toda correção e lhe oferecem em grande reverência todos os seus bens e seu ser.

Aqueles que vivem e viveram assim desde o começo do mundo são verdadeiros discípulos de Cristo, benditos com ele por toda a eternidade. Quanto àqueles cuja conduta é o oposto disto e que desprezam Cristo até na morte, serão sepultados no piche ardente do inferno.

CAPÍTULO 58

A Igreja primitiva, a vida de Cristo, de seus discípulos e dos outros fiéis.

Cristo __ com seus Apóstolos __ fundou e estabeleceu sua Santa Igreja sobre a fé cristã, nos legando a regra comum segundo a qual se deve viver e essa regra foi praticada por ele, ensinada, escrita e selada com sua morte. A fé cristã é o fundamento dela, estabelecida sobre a fidelidade e a caridade mútuas, segundo testemunha Cristo.

A largura da regra é todo bem comum aos pobres em suas necessidades. A altura dela é o amor a Deus e o serviço que lhe é devido até a morte. Esta é a regra que Cristo ensinou e legou a todos aqueles que querem, com ele, entrar na intimidade do Pai.

Todos aqueles que acolheram esta regra do Senhor e fizeram profissão na fé cristã foram batizados em sua morte, purificados de seus pecados e enchidos com o Espírito Santo. A comunidade deles não era grande. Ninguém tinha bens próprios e se colocava tudo em comum[37]. Não havia pobres entre eles, sendo todos iguais e vivendo do bem comum.

[37] Cf. Atos 2: 44 e 45. *Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um*.

Para um grupo tão pequeno de fiéis, havia muitos inimigos: pagãos, judeus, o mundo inteiro. Os judeus não queriam Cristo e nem a sua fé e eles se vangloriavam de suas próprias crenças e da Lei de Moisés. Os pagãos prestavam seu culto ao Sol, à luz, aos ídolos de madeira e de pedra, às estátuas que eles mesmos fabricavam, a deuses de todo tipo e ao Maomé deles!

Quando Cristo subiu para seu Pai celeste, ele enviou o Espírito Santo a seus discípulos e a todos aqueles que acreditaram nele. Todos se tornaram livres, cheios de audácia e de coragem, não temendo ninguém. Eles se puseram a pregar em todos os países, batizando em nome de Cristo, acolhendo todo aquele que vinha a eles com a fé, conferindo o batismo e ensinando a fé cristã.

Quando os pagãos e os judeus viram que o nome de Cristo era exaltado em toda parte, o ódio, a inveja, a ira e a indignação se levantaram tão alto neles, que eles quiseram levar à morte todos os cristãos, pensando assim salvar a Lei ou os ídolos e prevalecerem sobre os cristãos, banindo o nome de Cristo.

A partir de então, se apoderaram de todos aqueles que acreditavam em Cristo: pontífices, bispos, jovens, idosos, homens, mulheres, rapazes e moças. Mas, às vir-

gens, eles não puderam arrebatar a pureza, pois Cristo não quis permitir e nem suportar isto.

Como lobos devoradores entre inocentes ovelhas, eles prenderam cristãos, os bateram, os crucificaram, os levaram à morte, criando assim muitos mártires, que eles enviavam para a glória de Deus.

Por outro lado, Cristo despertava crentes entre os perseguidores, que ele dava à Santa Igreja e assim crescia o número dos seus fiéis, no céu e na terra.

Para os cristãos, era uma alegria ver os mártires subirem ao céu e novos confessores se juntarem a eles na fé cristã. No meio de longos e graves tormentos, eles permaneciam fiéis, pacientes e resignados até a morte. Assim, eles triunfaram de seus inimigos e de todo sofrimento.

Foram necessários duzentos anos de perseguições e de tormentos para os cristãos, antes que fosse pregada, ensinada e colocada à descoberto a verdadeira fé, dada claramente e com toda sinceridade ao mundo inteiro.

Houve, no entanto, desde o início, quando o Senhor retornou ao céu, um grande número de fiéis convertidos pelos Apóstolos, que tinham aprendido com eles a viver na virtude e segundo a fé cristã. Depois, quando os impe-

radores e os reis foram batizados e receberam a fé cristã, eles cumularam de privilégios a Santa Igreja, lhe outorgando o poder de fundar e de estabelecer, em todos os lugares, igrejas e monastérios, bem como casas consagradas ao serviço de Deus e eles deram dízimos, primícias, bens e riquezas àqueles que queriam servir Deus no estado eclesiástico. Eles exaltaram e honraram os príncipes e os prelados à serviço da Santa Igreja, no estado eclesiástico, acima deles mesmos e de todos os príncipes da terra.

Naqueles tempos, muitas pessoas de bem foram chamadas por Deus a abandonar o mundo e fugir para o deserto. Assim, eles poderiam servir a Deus continuamente, devotamente e sem obstáculo, segundo sua caríssima vontade.

Assim agiu muita gente de bem, estabelecendo sua morada em cavernas, buracos de rochas e nas grutas, construindo cabanas e celas para nelas morar. Uns viviam de ervas, raízes, frutos de palmeira e de figueira e outras árvores selvagens que nasciam nas florestas. Outros viviam do pão celeste que lhes traziam os anjos.

Outros também permaneciam em grandes grupos e tinham sacerdotes com eles, que lhes celebravam a missa e lhes administravam os sacramentos.

Eles faziam cestos, balaios e outras coisas semelhantes que vendiam nas cidades e, com isto, obtinham o necessário, como se lê nas biografias dos Padres.

Cristo espalha então seu Espírito pelo mundo inteiro e em muitas almas boas foram despertados o desejo de viver segundo a regra dos Apóstolos, acima dos preceitos, da lei comum e da prática da Santa Igreja.

CAPÍTULO 59

Conselhos evangélicos e os três votos monásticos. Primeiramente, a pobreza.

Jesus Cristo estabeleceu uma regra que ele próprio seguiu e que ensinou aos seus discípulos e a todos aqueles que querem segui-lo. Há ainda muitas pessoas que ainda fazem profissão e voto desta regra, mas o número é pequeno daqueles que realmente a praticam e vivenciam.

Ela não é ordenada, mas aconselhada pelo Espírito Santo. Ela não é uma necessidade, mas é de livre vontade.

Cristo fala assim: *Se alguém quer me seguir, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me*[38].

[38] Luca 9: 23.

Ele diz também: *Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e siga-me*[39]. Isto é se tornar pobre para a glória de Deus. Assim, se pode viver do bem comum dos pobres voluntários que não têm e nem possuem nada de próprio no mundo inteiro. Estes são os *cidadãos do céu*[40] e vivem com Cristo, seu abade e seu rei, na vida eterna.

Cristo veio a este mundo como a seu próprio Reino, um Reino que era dele por natureza, por direito e por graça, pois ele era Deus e humano, Rei dos Reis, Criador de todas as criaturas, príncipe e Senhor acima de todas as pessoas e todas as coisas estavam sob seu poder e sua dominação. Mas ele desprezou o mundo com tudo o que ele podia lhe propiciar e escolheu a pobreza, se fazendo pobre servidor abaixo de todas as pessoas e ele mesmo disse: *O meu Reino não é deste mundo*[41].

Tudo o que ele era, o que ele tinha e tudo o que estava em seu poder, ele deu aos seus discípulos e aos pobres voluntários, até o último dia e ele e seus discípulos viviam do bem comum e nenhum por si mesmo, mas cada um de acordo com suas necessidades, segundo o discer-

[39] Mateus 19: 21.
[40] Filipenses 3: 20.
[41] João 18: 36.

nimento, numa caridade sincera.

Este é o primeiro ponto e a primeira regra que Cristo vivenciou e ensinou aos seus discípulos, assim como a todos aqueles que querem segui-lo e são capazes disto.

CAPÍTULO 60

O conselho e o voto de castidade e como as pessoas devem mantê-lo, principalmente os jovens, mas também os outros.

O segundo ponto da regra mencionada consiste na pureza da alma e do corpo. Todo aquele que está ligado à lei do casamento ou pertence a algum estado religioso deve guardar o laço que contratou ou os votos que professou e permanecer fiel. Isto é justiça e é ordenado por Deus.

Jesus, o Filho de Deus e de Maria, a toda pura Virgem, Deus e humano, ambos por natureza, estava acima de toda lei e de todo estado de religião. Ele era puro e inocente, interna e externamente e ele não podia cometer pecado, nem venial e nem mortal, pois ele era livre e liberto de quaisquer laços, tendo nascido por operação do Espírito Santo.

No entanto, ele mortificou sua alma e seu corpo e tudo o que ele havia recebido de sua Mãe em nossa natureza. Ele caminhou segundo seu espírito e desprezou sua vida sensorial e as inclinações de uma natureza isenta, no entanto, de pecado e foi por isto que ele disse: *Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe*[42].

Em outra circunstância, ele disse: *As raposas têm suas tocas e, as aves do céu, seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça*[43].

Ele suportou a fome e a sede, o calor e o frio e aguentou todas as coisas com a mansidão e a humildade de um cordeiro, por nossos pecados e a glória do seu Pai.

Aqueles que, desde a juventude, prometem a Deus guardar a pureza, seja em uma ordem religiosa, seja fora, devem fazer companhia a pessoas puras. Eles devem jejuar, praticar vigílias e preces, se contentar com o que lhes é necessário, ler de bom grado e ouvir as palavras de Deus, amar a solidão e não buscar e nem desejar em Deus e nem em nenhuma criatura, gozo e prazer, mas carregar impresso em seus corações o Jesus torturado, crucificado

[42] Mateus 12: 50.
[43] Mateus 8: 20.

por amor, morto por todos os pecadores, por aqueles que o servem, o amam e desejam sua graça.

Aqueles que permanecerem assim serão vencedores da carne e do sangue, do inimigo e do mundo e de todas as tentações da alma e do corpo. Isto foi o que nos ensinou o próprio Cristo, pois, quando ele quis formar e estabelecer sua Lei, ele foi até João Batista e se fez batizar. Seu espírito o levou até o deserto, longe de todas as pessoas e lá ele praticou jejuns, vigílias e preces. Ele quis assim sofrer, do inimigo, as tentações da avidez, do orgulho espiritual e da avareza, mas ele expulsou o inimigo com sua própria força, se servindo das palavras de Deus e da santa Escritura, para a glória do seu Pai e os anjos foram servi-lo, porque ele mesmo servia Deus apenas e todas as pessoas, para a glória de Deus.

Depois, caminhando pelas bordas do Mar da Galileia, ele escolheu seus discípulos entre todo o povo de Israel. Estes ouviram sua voz, abandonaram todas as coisas e o seguiram na pobreza e na pureza. Mas o espírito deles não estava submetido ao dele e a caridade imperfeita deles permaneceu oposta à vontade deles, pois ele quis sofrer, padecer e morrer pelos pecados do mundo e assim, subir ao céu, enquanto que eles queriam viver sem

morrer, se apegar a ele por desejo e afeição do coração e permanecer com ele neste mundo, se possível, até o último dia.

Ele havia descido do céu, tomando a forma de um escravo e se rebaixando em obediência até a morte na cruz, para a glória do seu Pai e nossa salvação e ele disse aos seus discípulos que o Filho do Homem seria entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenariam à morte, que o entregariam aos pagãos, que zombariam dele, que o flagelariam, cobririam com cusparadas, que o crucificariam, que o levariam à morte, mas que, no terceiro dia, ele ressuscitaria.

Mas os Apóstolos não quiseram ouvir ou entender nada e São Pedro disse: *Que Deus não permita isto, Senhor! Isto não te acontecerá!* Mas Jesus lhe respondeu: *Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo. Teus pensamentos não são de Deus, mas dos humanos!*[44]

Isto foi fácil de constatar. Naquela mesma noite, quando Nosso Senhor Jesus Cristo foi preso, todos fugiram e Pedro, o mais corajoso de todos, que dissera querer ir com ele para a prisão e para a morte, ficou tão assustado com a voz de uma mulher que renegou seu Senhor e

[44] Mateus 16: 22 e 23.

até mesmo jurou que não o conhecia.

Mas, por maior que fosse seu pecado, ele não era imperdoável, pois era um pecado de fraqueza e não de maldade.

Os outros Apóstolos fizeram o mesmo, pois a ansiedade e o medo da morte gelaram, perturbaram e encheram seus corações com imagens tão terríveis que eles se esqueceram do amor que tinham por Jesus.

Mas Jesus não os esqueceu. No meio de seus terríveis sofrimentos, ele se voltou e olhou Pedro com grande misericórdia[45] e Pedro lhe devolveu seu olhar com grande amargura no coração e deste olhar mútuo cresceu entre eles o amor mais do que havia antes, pois a graça e a amorosa contrição interior, a grande confiança, a vergonha e a dor encheram seu coração e todo seu interior e sua alma se dissolveu como a neve diante do Sol e como a cera diante de um fogo ardente e de sua alma correram lágrimas amargas e doces. Amargas, por causa dos seus pecados e doces e cheias de alegria, por causa da confiança que ele tinha em Cristo e assim, ele ficou cheio, ao mesmo tempo, de tristeza e de alegria.

Como isto pode ser, ninguém sabe, se não sentiu.

[45] Cf. Lucas 22: 55-61.

Os outros Apóstolos se comportaram da mesma forma, noviços que eram na regra de Cristo, antes de terem recebido o Espírito Santo, cheios de medo dos judeus, mas também de esperança e de confiança na graça divina.

Então, eles não eram ainda perfeitos em seus espíritos, por causa da sublime caridade que expulsa todo medo temporal e estranho. Assim, eles permaneceram juntos por de trás de portas fechadas, por medo da morte.

Todas as coisas têm seu tempo. Deus fez o céu e a terra e todas as criaturas no momento apropriado, segundo o que ele tinha previsto desde toda a eternidade e o Verbo se fez humano na plenitude dos tempos e quando chegou sua hora, ele quis morrer pelos pecados do mundo inteiro e então, ele sentiu a tristeza e todos os seus discípulos com ele. O céu, a terra e todos os elementos ficaram mergulhados na tristeza quando ele morreu, mas os judeus, que o crucificaram, se rejubilaram.

Ainda é assim em todo o mundo. Os pecadores crucificam o Senhor com seus pecados, como fizeram os judeus e os pagãos com suas mãos. Os bons choram e rezam pelos seus próprios pecados e pelos pecados do mundo inteiro.

Aqueles que buscam, junto a Deus, a graça e que a desejam são sempre ouvidos. Cristo mesmo diz: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados*[46] e eles obtêm o que desejam e assim foi para os Apóstolos. Da grande tristeza, eles tiveram consolação e alegria imensa, pois, no terceiro dia, Cristo enviou os anjos, seus embaixadores, lhes dizer que ele tinha realmente ressuscitado e plenamente se curado de suas feridas e ele mesmo foi até eles e se mostrou a São Pedro e aos outros Apóstolos e conversou com eles bem intimamente, permanecendo com eles quarenta dias, indo e vindo, em muitas aparições, sempre com nova consolação. Indo e vindo segundo sua humanidade, permanecendo e habitando sempre com eles segundo sua divindade.

Durante quarenta horas, eles ficaram na aflição causada por sua morte e durante quarenta dias, eles ficaram plenamente em júbilo e consolados por sua ressurreição. No entanto, eles mantiveram sempre o temor e o medo da morte, pois não estavam ainda perfeitamente renunciados no amor. Eles viviam mais da carne do que do espírito. Eles amavam mais Jesus como sendo nascido de sua Mãe, no tempo, do que como sendo nascido do seu Pai,

[46] Mateus 5: 5.

desde a eternidade.

A força racional deles não estava iluminada pela luz divina e a força amorosa deles não estava cheia com os dons da sabedoria divina e o espírito deles não estava penetrado pelo sabor eterno do perfeito amor de Deus e era por isto que a vida deles e o amor deles eram mais do tempo do que da eternidade, pois eles desejavam que Cristo permanecesse com eles e não retornasse para seu Pai.

Assim, ele lhes disse em forma de censura: *Se me amardes, certamente haveis de alegrar-vos que vou para junto do Pai, porque o Pai é maior do que eu*[47].

Ele disse também: *Convém a vós que eu vá! Porque, se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se eu for, vo-lo enviarei. Quando vier o Paráclito, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á toda a verdade*[48].

Quando se completaram os quarenta dias, depois dos quais Jesus quis subir ao céu, ele se manifestou aos seus discípulos quando estavam juntos sentados à mesa e censurou a lentidão da fé deles e a dureza do coração deles para ouvir a verdade. Depois, ele os conduziu para

[47] João 14: 28.
[48] João 16: 7 e 13.

fora de Jerusalém e, no Monte das Oliveiras, lhes ordenou que fossem pregar ao mundo inteiro o Evangelho a todas as criaturas.

Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado[49], ele disse e levantou suas mãos abençoadas e uma nuvem brilhante apareceu. Com seu próprio poder, ele se elevou na nuvem e, diante dos olhos de Maria, de seus discípulos e de todos aqueles que estavam presentes, ele subiu ao céu, rodeado por uma grande multidão de anjos e de almas que o tinham servido desde o começo do mundo e ele está sentado à direita da majestade divina e assim, ele virá no último dia, julgar os vivos e os mortos, os maus e os bons.

Os anjos deram testemunho aos Apóstolos e a todos aqueles que estavam lá. Os Apóstolos retornaram então à cidade, como Cristo lhes tinha ordenado. Eles jejuaram, fizeram vigília e rezaram dia e noite com grande fervor e esperaram o Espírito Santo que lhes enviaria Cristo Jesus e seu Pai celeste.

Dez dias mais tarde, transcorreu o tempo em que Cristo quis que seus discípulos fizessem profissão em sua ordem e segundo sua regra, pois até então eles eram ain-

[49] Marcos 16: 16.

da noviços e imperfeitos na caridade, eles temiam a morte e se mantinham fechados em suas casas, por medo dos judeus. Na terceira hora do dia, ouviu-se um vento violento que encheu toda a casa onde eles estavam e línguas de fogo desceram e pousaram sobre a cabeça de cada um deles. Interiormente, eles foram cheios do Espírito Santo e foram elevados acima da razão, até a pureza do espírito deles. Lá, eles foram ensinados por Deus e receberam, sob a forma de línguas de fogo, um vivo amor em seus corações, para louvar e amar Deus e ensinar, a todas as pessoas, a verdade, com toda caridade.

Cristo não lhes deu outro sinal exterior em forma de vestimentas, além daquele que ele tinha usado toda sua vida, ou seja, uma vida inocente e humilde, costumes honestos, mansos e clementes, o desprezo pelo mundo, o amor ao trabalho e ao esforço, a fidelidade para com todas as pessoas, a disposição para servir, para morrer, para ensinar com sua vida e a ser devotado a todos, através da obediência ao seu Pai celeste e a nós todos até a morte.

Este era o hábito exterior com que ele vestiu seus discípulos. Mas, para aqueles que agora na religião usam um hábito religioso e vivem em oposição com estes pontos, isto lhes será uma confusão e uma vergonha, tanto

neste mundo quanto na eternidade.

Cristo deu aos seus discípulos o hábito interior, que ele usou e ornamentou acima de todas as criaturas e que sua humanidade tinha recebido do seu Pai celeste. Isto foi a livre soberania e o poder sobre todas as criaturas, no céu e na terra, para batizar, ensinar, perdoar os pecados em seu nome, converter as pessoas dignas do inferno e abrir o céu por meio da fé cristã.

Ele lhes deu também seu espírito e sua vida interior, a pobreza em espírito, capaz de lhes fazer desprezar, com um coração alegre, as riquezas, as honrarias e as vantagens do mundo, com tudo o que isto pode propiciar. Ele os libertou da ansiedade e do medo, da preocupação e do cuidado com relação aos demônios, às pessoas e todas as criaturas que poderiam oprimi-los, contristá-los, levá-los à morte ou colocá-los no pavor e ele lhes deu um humor constante e equânime, submetido à caríssima vontade de Deus, para que eles possam suportar tudo o que ele quiser lhes impor, no tempo e na eternidade.

Este é o primeiro hábito que Jesus Cristo deu aos seus discípulos que desprezam o mundo e que seguem seu conselho e sua vida em uma vida espiritual.

Cristo deu outro hábito aos seus discípulos que re-

nunciam a eles mesmos, dominam suas naturezas sensoriais e seguem seu convite e seu conselho em uma vida espiritual interior e este hábito é tecido em três cores reunidas. Ele se chama pureza de alma, de corpo e de espírito. Pureza no corpo, limpidez no coração e nitidez no espírito.

Se você quer, acima dos preceitos de Deus, viver segundo seus conselhos, então você deve desprezar em você a carne e o sangue.

Se você quer ser encontrado puro, então você deve fugir e evitar as oportunidades para o pecado.

Se você quer seguir Cristo na inocência, então você deve, com sua graça, ganhar a pedra da pureza.

Se você quer, com a graça de Deus, vencer a carne e o sangue, você deve combater, através do espírito, os prazeres e os desejos dos sentidos. Você precisa amar e odiar com Deus, se você quer guardar a caridade e fixar, entre o espírito e a carne, uma divisão. Assim, a pureza pode crescer em você.

Não dê preferência a ninguém de uma maneira particular, por complacência própria, mas ame todas as pessoas com um amor comum, para o louvor e a glória de Deus e não julgue ou despreze ninguém. Odeie o pecado e

ame os pecadores[50], pois você não sabe quem são os eleitos e quem são os rejeitados e não busque comprazer ninguém por alguma coisa que passa.

Não atraia ninguém a você e não se deixe atrair por ninguém com um afeto descontrolado, seja pelo seu gênero de vida ou aparência de santidade. Não sendo assim, você perde sua pureza.

Ame aqueles que são puros de alma e de corpo, que desejam e buscam a honra de Deus em você e em todas as pessoas. Mas deteste e fuja das maneiras afetuosas, por mais santas que pareçam.

Escute de bom grado falar de Deus e fale você mesmo, com palavras breves e que sejam úteis a você e aos outros. Ame sempre ficar calado, invés de falar muito sem utilidade ou necessidade.

Proteja seus olhos e seus ouvidos da curiosidade, para não ser arrastado pelo desejo e o prazer com as coisas ilícitas.

Seja sóbrio e comedido na comida e na bebida, segundo sua natureza possa suportar, pois a gula e a busca por roupas são para muitos um motivo e uma causa de muitos outros pecados.

[50] Cf. Santo Agostinho. *Primeira Epístola de São João*, Conferência 07, Cap. 11.

Tenha uma boca pura e mantenha sua língua livre de palavras vãs, inúteis e sem fruto.

Brincadeiras e troças são uma perda de tempo e um grande dano para as pessoas de bem. Mas, mentir, destratar por inveja, dizer falsos testemunhos, jurar, maldizer, blasfemar o nome de Deus, são pecados malditos do inferno. Queira ser encontrado puro e proteja-se com cuidado destes pecados.

Permaneça sozinho de bom grado, recolha-se em você mesmo e busque a graça de Deus com uma intenção pura. Jejue, faça vigílias e reze. Seja constante e fiel e coloque toda sua consolação em Deus. Assim, você obterá e conservará a pureza do corpo através da graça divina.

À pureza do corpo deve se juntar uma disposição interior do espírito. Trata-se da pureza do coração elevada pela graça divina, em desejos e votos, até Cristo e seu Pai celeste.

A pureza do coração se assemelha a uma lâmpada cheia de óleo que arde e cuja chama sobe para o céu. Isto é o que faz o coração puro que, em baixo, está fechado para o mundo e, no alto, está aberto para receber a graça divina.

Esta graça dá ao coração puro a boa vontade e as

boas obras e isto é o óleo da lâmpada. Cristo confere o fogo de sua caridade ao óleo das boas obras, para que a lâmpada possa arder sempre e assim a lâmpada é alimentada pela graça, pelo desejo e as boas obras entre nós e Deus e sempre mais.

Mas, quando não se mantém, pela prática, o desejo pelas boas obras, este se esfria e se perde o gosto e o prazer pelas virtudes e a pureza do coração diminui cada vez mais, pois as purezas do coração e a da vida são manchadas ou mesmo inteiramente perdidas de três maneiras: sob a influência do inimigo, do mundo ou da preguiça da natureza.

O inimigo do inferno tenta a pessoa pura ao lhe sugerir pensamentos inúteis, imagens impuras, imaginações estranhas e muitas ideias tolas, com o que, a pessoa se esquece de Deus e perde seu tempo. O mundo tenta também a pessoa pura por meio da alegria e da tristeza, da preocupação e os cuidados com os parentes e os amigos e muitas ocupações com coisas terrenas que pesam o coração, o enchem com imagens e o mancham de muitas maneiras. O peso da natureza reclama a satisfação do comer e do beber, o sono, as facilidades e comodidades, a consolação das criaturas e tudo o que se acredita ter razão

em fazer sem pecado.

Observem que estas são coisas que mancham a pureza do coração ou a fazem perder e a levam completamente. Assim, devemos lutar contra todos os nossos inimigos para termos o triunfo e a vitória.

O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito. Estas duas coisas são mutuamente opostas.

Se então vivemos segundo a carne, morremos no pecado, mas se somos nascidos de Deus segundo o espírito, pela graça, tendo confiança e fé em Deus, podemos submeter a natureza à razão, à lei e à vontade divina. Mas a natureza permanecerá sempre natureza, enquanto vivermos no tempo.

É por isto que devemos tomar as armas de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelas quais ele nos libertou de todos os nossos inimigos e da morte eterna. Nisto, devemos justamente nos alegrar e devemos carregar seu nome e sua vida na memória e no coração, com desejo e amor, nos lembrando do seu nascimento eterno junto de seu Pai; do seu nascimento temporal em Maria, sua Mãe; de sua vida abençoada como humano-Deus; de sua doutrina santa, do seu humilde serviço até a morte, de sua Paixão,

do seu sangue derramado, de sua morte, de sua ressurreição gloriosa, de sua ascensão maravilhosa acima de todos os céus, para onde devemos segui-lo, dobrando interiormente nossos joelhos com um respeito infinito diante dele e diante do seu Pai celeste. Desta maneira, triunfamos das imaginações estranhas, dos pensamentos inúteis e das imagens impuras.

Se carregamos no coração a imagem de Cristo, Deus e humano, crucificado, martirizado, vivendo e morrendo por amor e por causa de nós, ele vive em nós e nós nele e assim triunfamos da carne e do sangue, do mundo, do inimigo e de todas as suas tentações.

Acima desta prática e acima das imagens sensoriais de Cristo, devemos estar elevados pela pureza do espírito, até uma vida espiritual interior e até às imagens intelectuais, para conhecer a sabedoria e todas as virtudes que ornamentam e iluminam o espírito em face da presença divina.

Acima de tudo isto, devemos ter um olhar puro sem imagens, na luz divina, sobre a verdade eterna que é Cristo. Lá é pureza de coração e pureza de espírito plenamente consumadas. Lá, veremos Deus e Cristo nos revestirem com o hábito da pureza que é ele mesmo.

A vida pura faz assemelhar aos anjos. Este é o conselho de Deus e o segundo preceito para todos os estados religiosos. Aquele que acredita nisto e o observa bem, em uma ordem ou fora, se reveste com Cristo.

A vida de Cristo é seu hábito interior. Quem permanece puro, externa e internamente, até a morte, é feliz eternamente e sem fim.

CAPÍTULO 61

O conselho e o voto de obediência voluntário.

Vem em seguida o último ornamento e perfeição de todas as virtudes, que Cristo trouxe do céu e com o qual ele esteve vestido no tempo, quando viveu, morreu, ressuscitou e subiu ao céu, com que ele vestiu todos seus anjos e todos seus santos e a Santa Igreja e, em particular, aqueles que o seguem e vivem segundo seus conselhos.

Este hábito é a humilde obediência e o abandono voluntário à caríssima vontade de Deus. Este manto ornamenta e cobre todas as virtudes e as tornam agradáveis a Deus. Aquele que está vestido com este manto vê o céu se abrir para ele e recebe o conhecimento da glória de

Deus.

Todo aquele que, na Santa Igreja, está privado deste hábito nupcial está nu e despojado. Se ele morre assim, as mãos e os pés lhe estão atados pela morte eterna e é por isto que a vida santa autêntica, sem falha, consiste na o-bediência a Deus, à Santa Igreja, aos prelados e a todas as pessoas, em verdadeiro discernimento. Este é um hábito que todos devem ter igualmente para serem salvos.

Há muitas pessoas nas ordens e nos estados religiosos que prometeram viver segundo os conselhos de Deus e que não observam nem os conselhos e nem os preceitos. Eles fizeram voto de pobreza e de despojamento de toda propriedade, à pureza e à obediência a Deus e aos seus superiores até a morte.

Este foi o hábito interior que Cristo vestiu. Ele o transmitiu aos seus discípulos e àqueles que queriam segui-los e viver dos bens adquiridos com sua morte abençoada. Esses bens são tomados de bom grado, mas o hábito interior é absolutamente desprezado e espezinhado.

Quanto ao hábito exterior, ele se assemelha àqueles do mundo, na medida do possível, pela cor e a variedade em toda maneira própria a encantar os olhos do mundo.

O hábito interior da virtude desapareceu quase

completamente. O demônio venceu o mundo, que lhes está submetido. Ele tomou armas contra o clero e contra todos aqueles que criminosamente vivem dos bens eclesiásticos. Ele vestiu sua família, os que o servem, com seu hábito infernal, ou seja, a dureza, a impureza e a desobediência.

É por isto que se perde todo estado de religião. Mesmo que eles tenham olhos, eles não veem; ouvidos, não ouvem; pés, não caminham; mãos, não trabalham. Toda vida fiel lhes é um desgosto, pois são inteiramente voltados para fora, para as coisas terrenas e pouco ou nada de tudo para a vida interior.

No início da religião, aqueles que a professavam eram cheios de caridade, recolhidos e devotos, unânimes, humildes, de um só querer no serviço do Senhor, buscando e amando Deus sinceramente, fiéis entre eles, misericordiosos e cheios de piedade, sábios e prudentes e bem estabelecidos nas virtudes e em todas as boas obras.

Agora, a caridade para com Deus e para com o próximo se esfriou. Então, todos os bens eram em comum e desse bem comum se dava a cada um segundo suas necessidades e todos tinham o suficiente. Agora, cada um possui as próprias rendas que pode adquirir. Nos monas-

térios e nas comunidades há ricos e pobres como no mundo.

Os ricos comem e bebem o que amam. Eles são bem vestidos. Eles acumulam as riquezas e doam pouco ou nada. Mesmo que aqueles que estão próximos a eles tenham fome ou sede e estejam em uma grande miséria, eles não prestam atenção.

Alguns prelados despojam sua comunidade dos bens comuns para a vantagem de sua prelazia, como se estes bens lhes pertencesse e eles os tivessem recebido como herança de seus ancestrais. Não são verdadeiros pastores, mas lobos devoradores que não poupam ninguém e que usam o bem comum para o mal.

Todos aqueles que servem a carne e o mundo e que desprezam o serviço de Deus, em algum estado ou ordem que seja ou algum hábito que usem, são incapazes de agradar a Deus.

Dignidade, religião, sacerdócio ou posição, nada disto é, propriamente, santo ou bem-aventurado, pois os maus e os bons os recebem igualmente. Mas aqueles que os receberam, mas não conformam suas vidas, serão mais condenados.

Aqueles que querem agradar as pessoas com seu

hábito, que buscam a glória e a honra do mundo, estão preparados para o inferno ou, se se arrependem, a um sério purgatório.

CAPÍTULO 62

Três pecados que reinam em toda parte no mundo.

Três pecados reinam em toda parte no mundo, assim como no clero, em todos os estados da religião, naqueles que vivem dos bens da Santa Igreja, desde os superiores até os mais humildes, com somente algumas exceções. São eles: a preguiça, a gula e a vida impura. É por isto que a verdadeira santidade desapareceu.

A preguiça é o aborrecimento e o desgosto por Deus e seu serviço. A desatenção para com sua doutrina, sua graça e sua glória. A ausência de temor pela justiça e de confiança na misericórdia de Deus. Não ser morto para os pecados e não se dedicar à Paixão do Senhor. Ler, cantar, rezar, celebrar ou participar da missa sem recolhimento, sem devoção ou atenção interior, sem gosto ou consolação de Deus e sem o sentimento íntimo de sua graça. É ter o coração inconstante, cheio de imagens das coisas

terrenas, desatento, longe do trabalho das boas obras exteriores. Busca-se e se deseja o lazer e o bem-estar para o corpo em todas as coisas. Desejam-se roupas macias, um bom leito e um longo sono.

Gente desta espécie não pode ter gosto pela vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Deste vício detestável da preguiça nasce outro pecado que é a gula. Foi ela que fez Adão, nosso primeiro pai, sair do Paraíso, quando ele desobedeceu ao mandamento de Deus ao comer a maçã e ele foi jogado para fora, no exílio em que todos nós estamos com ele.

Não se reconhece este pecado como tal e ele é julgado sem importância e, no entanto, ele é o mais espalhado entre as pessoas. Ele reina no mundo inteiro. Nos claustros e nos eremitérios, nas ordens e em todos os estados da religião.

Este é o caso de todos aqueles que são escravos de seus estômagos, que são descontrolados em seus desejos por comida e por bebida e desprezam a medida e a sobriedade que Cristo mesmo demonstrou em sua vida e seu ensinamento, pois, depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, ele permitiu à fome se fazer sentir em sua natureza humana e mesmo que ele fosse tentado pela

fome e pelo inimigo, ele não quis comer e quando, fatigado pelo calor, ele se sentou em *Sicar*, junto à *fonte de Jacó*[51], tendo uma grande sede, ele se absteve, no entanto de beber.

Mas quando ele ia morrer e sofria grandemente com a sede, ele fez sua comida e sua bebida de vinagre misturado com fel.

Aí está como ele nos serviu na sobriedade até a morte e era assim que viviam os antigos Padres no deserto, que bebiam água com medida e comiam seu pão com a quantidade adequada.

Cristo, no Evangelho, nos ensinou, sobre isto, na parábola do rico mau, que se vestia com púrpura e linho fino e levava uma vida de prazer e de alegria, na abundância de tudo o que ele amava. Diante de sua porta jazia um homem pobre e doente que teria de bom grado comido os restos da mesa do rico. Mas o rico era avarento e mesquinho, guloso e sem piedade e não lhe dava nada. O rico morreu, o demônio o afundou no inferno. Por sua vez, morreu também o pobre e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico desejou receber uma gota de água em sua língua ardente, mas ela não podia lhe ser forneci-

[51] João 4: 5 e 6.

da[52].

Agora, escolha sua sepultura: com o rico ou com o pobre. Ela lhe será dada segundo suas obras.

Todos aqueles que são escravos do estômago, se comprazem com a gula e não podem desfrutar de Deus e nem de sua graça.

A embriaguez, a desordem e a má conduta são sua partilha. Injuriar, blasfemar, jurar, combater, lutar, viver na luxúria são as obras da carne e aqueles que se dedicam a elas não podem possuir o Reino de Deus. Há dessas pessoas tanto nas ordens, quanto entre as personalidades eclesiásticas e no mundo.

Encontra-se também nas ordens e em todos os estados da religião, onde há reunião de pessoas, um pecado diabólico e que é a divisão dos corações, das almas e dos bens terrenos. Há aí, com relação aos bens comuns, pobres e ricos, senhores e servos.

Os senhores __ ou seja, os prelados __, ficam muito tempo na cama. Eles ficam à vontade lá, em seus quartos com suíte, com numerosos serviços e o melhor vinho que se pode encontrar.

Aqueles que executam o ofício no coro e vão ao re-

---

[52] Cf. Lucas 16: 19-31.

feitório só têm ervas e pão, com um ovo ou dois e parece, aos senhores, que isto basta. Mesmo que se reclame desta desigualdade, os prelados não se emendam.

Aqueles que possuem muito de seu e do bem comum podem gastar muito ou acumular muito, colocar ao lado ou reservar.

Os ricos no mundo são fiéis e misericordiosos para com os doentes e os pobres. Mas os ricos nos claustros, que regularmente não possuem nada de seu, deixam suas irmãs ou irmãos, ao lado deles, na doença, na fome e na sede, perecendo na pobreza.

Orgulho, infidelidade, avareza, arrogância, ira, aversão, ódio e inveja; as ordens e os claustros estão cheios disto. Isto é encontrado não apenas naqueles que vivem dos bens comuns, mas também nas ordens mendicantes que vivem de esmolas cotidianas.

Atualmente, não se conhece mais Cristo. Sua vida, sua doutrina, suas obras não são mais amadas por todos aqueles que estão ao serviço do pecado e que fazem suas próprias vontades.

CAPÍTULO 63

Certo hábito do Senhor Jesus, com o qual ele vestiu seus discípulos e seus fiéis.

Nosso Senhor Jesus Cristo vestiu seus discípulos com um hábito que ele mesmo veste na vida eterna e que ele vestiu, neste mundo, no tempo, como figura profética da vida eterna.

Quando chegou o momento em que Cristo quis morrer por nossos pecados, ele foi preso pelos judeus e entregue a Pilatos, para que este o levasse à morte. Ele foi então flagelado e golpeado até que todo seu corpo ficasse coberto com seu sangue precioso. Em seguida, colocaram sobre ele um manto de cor púrpura, tingido de vermelho escarlate e forrado no interior com o vermelho fogo do carmim e, como deboche, o adoraram como rei dos judeus. Isto foi uma figura profética, um símbolo da verdade da vida eterna.

Naquela época, Cristo era jovem e forte, vivo e cheio de saúde, o mais nobre, o mais belo, o melhor do mundo inteiro e estava na plenitude de todas as graças, de todos os dons de todas as virtudes e ele era muito amado por seus parentes e seus amigos, pobres e ricos e, acima de tudo, por seu Pai celeste.

Ele era de excelente natureza, como peixe na água e seu corpo era seu manto de festa, pois, naquele grande dia de festa, em que os judeus imolaram o nobre peixe, o belo manto do seu corpo era de púrpura cor de sangue e vermelho fogo todo ensanguentado.

Com este manto, ele está vestido e nós estaremos com ele, em sua glória, se carregarmos nossa cruz e formos seus discípulos na fé cristã. Este manto era, no exterior, de púrpura cor de sangue e, no interior, tingido com o vermelho fogo do carmim.

Com isto, queremos nos referir à unidade interior que a alma racional de Cristo tinha com Deus, na vontade e no amor. Este é o manto que ele vestiu e que usam todos os seus discípulos que são um com ele, na vontade e no amor.

A unidade com Deus no amor não reclama de nosso espírito nada além do que um amor liberto, despojado e constante, de sorte que não possuímos nada com um amor descontrolado, nem externa e nem internamente, mais do que a nós mesmos.

Mas devemos ser livres de nós mesmos e de todas as coisas, instruídos por Deus e transformados em amor essencial. Isto é o que há de mais nobre e de mais elevado

que podemos possuir, desfrutar ou sentir nesta vida. Assim, nosso espírito é unido a Deus em amor essencial.

CAPÍTULO 64

Como se obtém a unidade de amor com Deus, no espírito.

Aprenda agora no que consiste a verdadeira realidade desta vida. Se você quer, em seu espírito, descobrir e possuir a unidade com Deus no amor, sua alma racional e todas as suas forças interiores devem então estar unidas à sua vontade, para viverem segundo sua lei e seus mandamentos, pois Cristo diz a nós todos: *Se guardardes os meus mandamentos, sereis constantes no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e persisto no seu amor*[53], pois uma vida elevada não pode existir sem uma humilde obediência de virtude.

É por isto que o apóstolo São Paulo nos diz a todos: *Dedicai-vos mutuamente a estima que se deve em Cristo Jesus. Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si*

[53] João 15: 10.

mesmo, assumindo a condição de servo e se assemelhando aos humanos. E, sendo exteriormente reconhecido como humano, se fez ainda mais humilde, se tornando obediente até a morte e morte de cruz. Por isto, Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos[54].

E o Pai celeste diz, através do seu Profeta: *Tu és meu filho. Eu hoje te gerei*[55], ou seja, na eternidade. E também: "*Eis meu Filho muito amado em quem me comprazo*[56] e que me agrada muito. Escutem-no".

O Pai também diz ao seu Filho: "*Assenta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés. Hão de vos louvar, todos os reis da terra, ao ouvirem as palavras de vossa boca*[57]. Todos os anjos o adorarão".

Mas, Cristo mesmo diz, através do Profeta: *Eu, porém, sou um verme, não sou humano, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe*[58].

Deus exaltou nossa humanidade em Cristo. Ele a

[54] Filipenses 2: 5-10.
[55] Salmo 2: 7.
[56] Mateus 3: 17.
[57] Salmos 109: 2 e 137: 4.
[58] Salmo 21: 7.

ornamentou e enobreceu acima de tudo o que ele fez no céu e na terra e Cristo se humildou na nossa humanidade abaixo de todas as criaturas, se comparando a um verme que cresce e vive no barro da terra. Ele renunciou a ele mesmo em sua natureza humana e imolou sua própria vontade pela vontade do seu Pai. Assim, ele é uma só vontade com Deus. Ele mortificou também, renovou e queimou no amor seu espírito criado e assim, ele é um só espírito com o Espírito de Deus.

Observem como é esse nobre verme que, da terra da puríssima Virgem Maria, tomou todo seu crescimento e mortificou e consumiu, no amor, sua vontade criada e assim, ele encontrou a liberdade em Deus.

Ele é um com a vontade de Deus e com o amor de Deus. Este é o manto com forro de cor vermelho fogo que ele vestiu, assim como todos aqueles que lhe são unidos em amor.

CAPÍTULO 65

A túnica sem costura do Senhor Jesus e seu significado místico.

Cristo é também ornamentado e vestido com uma

túnica tecida sem costura. Essa túnica só pertence, por natureza, a ele, com seu Pai e sua Mãe e ela só é para nós através da graça.

Se formos seus discípulos e se nos unirmos a ele na fé cristã e na caridade, perseverando até a morte, então somos vestidos como ele, pois não se pode rasgar e nem dividir essa nobre túnica, mas somos todos seus membros vivos e ele é nossa cabeça e sua túnica se tornou o nosso quinhão, com a santa cristandade e assim, somos todos vestidos com uma mesma túnica, que é Cristo.

Então, podemos ver e conhecer, amar, desfrutar e sentir, com um espírito alegre, a eterna caridade e a relação gloriosa que há entre Deus e a alma nobilíssima de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este é o ornamento da túnica com que somos vestidos para a glória eterna de Deus.

É dessa alegria e dessa felicidade inefável que escreve o apóstolo São Paulo, ao dizer: "*Quem nos separará do amor de Cristo?* Nada *poderá nos apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor*[59]".

Com isto, ele quer dizer que nada que é criatura e inferior a Deus poderia nos separar do amor que é praticado entre Deus e Jesus Cristo, nosso Bem-amado Se-

[59] Romanos 8: 35 e 39.

nhor, que é nossa vida eterna, se permanecemos fixados com ele no amor constante.

CAPÍTULO 66

Os quatro rios que emanam da fonte do Espírito Santo.

Da fonte viva do Espírito Santo fluem quatro rios, como eu já disse antes.

O primeiro rio de graças e de virtudes flui para o Oriente, ou seja, para o princípio da nossa vida e move nossa força amorosa, convidando nosso espírito a seguir Cristo em Deus e em possuir com ele a unidade do amor.

Assim, vivemos em Deus e Deus em nós. Lá, possuímos a liberdade de espírito sem apego, imóvel, desocupado, sem entrave e que é elevado acima de todas as criaturas.

O segundo rio de graças flui do alto e desce para o Ocidente, que representa nossa vida sensorial e ilumina nossa razão, move nosso desejo e nos convida a dominar e vencer a carne e o sangue, a obedecer a Deus e à Santa Igreja e a governar e ordenar todos os nossos sentidos e nossas ações exteriores em justo discernimento, segundo

a caríssima vontade de Deus e assim, nossa natureza permanece sempre em paz, sem preocupações, sem cuidados, simples e sem complicação, na verdadeira tranquilidade.

O terceiro rio de graças divinas flui do lado norte da nossa vida e ele move nosso coração e nossa alma e nos convida e pressiona a sermos pacientes, mansos e humildes de coração, submissos e mortos para todas as criaturas, de sorte que possamos carregar e suportar tudo o que Deus permite que soframos da parte do inimigo e dos pecadores. Assim, somos filhos de Deus e possuímos nossa alma e nossa vida interior em repouso e em paciência e em uma paz tranquila e sem contradição da vontade.

O quarto rio da graça divina flui do Espírito Santo e é quente e claro e flui no meio dia da nossa vida espiritual, ou seja, em nosso íntimo, em nossa alma e em todas as nossas forças e ele nos move e enche com graças e exige de nós uma caridade sincera para com Deus e para com todas as pessoas, particularmente para com nossos irmãos na fé cristã, batizados como nós na morte do Senhor e que receberam o nome de Cristo na fé cristã. Nós lhe devemos a caridade segundo tudo o que estiver em nosso poder, com conformidade com o que é ordenado

por Deus.

Aqueles que são nascidos de Deus vivem de Deus para Deus. Eles vivem em Deus e Deus neles. Eles buscam, amam e possuem Deus acima deles mesmos e acima de tudo o que é criado. Eles vivem com Deus no céu e o fruto de seus esforços é para a eternidade. Eles odeiam e desprezam a vontade própria que é nascida da carne, assim como todo desejo e amor descontrolado que os separaria de Deus.

Eles detestam e fogem de tudo o que poderia dar, aos seus corações, impressões de alegria ou de tristeza e impedir ou perturbar seu puro retorno interior para a verdade que é Deus. Eles recorrem a Deus pelos pecadores, com grandes desejos, um coração humilde, preces fervorosas, para que ele poupe os pecadores, lhes perdoe seus crimes e guarde todos que ele chamou e elegeu para sua glória eterna.

Deus quer ser inteiramente nosso, com tudo o que ele é e ele convida o íntimo de nossa alma para lhe responder e estar com ele com todo nosso ser, com tudo o que somos e o que podemos, de sorte que sirvamos somente a ele, com todas as criaturas, em seu nome. Nós mesmos e com todas as criaturas, temos uma dívida, que

consiste em viver por Deus, em ser fiel a ele e em ser seus servidores leais.

Assim, nos servem todas as criaturas, más ou boas, para nossa beatitude eterna e é por isto que devemos nos servir mutuamente, em boas ações e em todas as virtudes. Isto é a justiça segundo Deus. Os anjos gloriosos servem Deus e nos servem. Esta é a beatitude eterna deles.

Cristo, o Filho de Deus, nos foi enviado para nos servir com verdadeira humildade e, de fato, ele se dedicou ao nosso serviço e ao de seu Pai celeste até a morte, em verdadeira obediência e seu nome foi exaltado acima de todo nome, para a glória eterna e ele nos resgatou com sua morte, para que vivamos para ele em liberdade eterna.

Vivemos para ele e ele por nós. Vivemos nele e ele vive em nós. Ele nos ama e nós o amamos de volta e ele é um em nós por amor e nós somos um com ele e com todos os seus bem-amados, na graça e na glória e assim, somos reunidos em uma só e Santa Igreja, em graça e em amor e em uma só santa cristandade, no céu e na terra.

Cristo nos escolheu e amou em seu Espírito, com todos os santos e todas as pessoas e ele nos fez subir com ele, como sua família bem-amada, até perante seu Pai

celeste. Lá, nos mantemos unidos a ele e a todos os seus, em um mesmo espírito de amor, em ação de graças, em louvor, em reverência, em amor, em glória eterna.

Este é o exercício de Cristo e de seus bem-amados na presença divina. Lá, nos sentimos um com Deus, por amor, no Espírito Santo e essa unidade é a fonte e o princípio de todos os dons, de todas as virtudes, de toda santidade e de todas as boas obras. Ela espalha sempre graças e em cada um segundo sua função, segundo cada um é digno e conforme a maneira como ele serve a Deus. Ela atrai, para a unidade de amor, tudo o que ela dotou com diversidade de graças e de virtudes e a unidade no amor permanece sempre interiormente imóvel, como um abismo sem fundo de prazer e de alegria.

Este é o caminho mais próximo que conheço para viver segundo a virtude e a verdade.

CAPÍTULO 67

Os dois reinos à venda desde o princípio do mundo. Os negociantes prudentes e os imprudentes e também os nossos inimigos.

Dois reinos estão à venda desde o princípio do

mundo. O primeiro é o Reino dos Céus com toda sua glória e é Deus que o preside. Cristo o comprou com sua morte, para todos aqueles que acreditam nele e o servem até a morte. Ele deu o reino da terra e tudo o que a natureza possui nele em comum aos maus e aos bons, aos insensatos e aos sábios e são todos negociantes aqueles que são nascidos de Deus.

São sábios os *negociantes* que desprezam a riqueza do mundo, os prazeres desordenados da natureza e tudo o que eles poderiam possuir com afeição no tempo. Assim, eles compram e escolhem o Reino de Deus, a graça e a glória, a vida eterna e Cristo como seu mestre.

Cristo é a *pérola preciosa*. Quem o busca e o encontra, *vai vende tudo o que tem e compra* essa pedra preciosa[60], que não pode ser comparada a nada do que é criado.

No *campo* da vida espiritual está escondido para o mundo o tesouro da riqueza, mas o sábio *negociante* que encontrou o tesouro *vai, vende* com grande alegria *tudo o que tem*[61] e tudo o que pode possuir no tempo e compra o campo da vida espiritual onde está escondido o tesouro

[60] Cf. Mateus 13: 45 e 46.
[61] Cf. Mateus 13: 44.

da riqueza divina que lhe foi mostrado em seu espírito.

Os negociantes insensatos são opostos aos sábios em todas as maneiras, pois eles estão em um banco de descontos onde podem ganhar um grande bem e a vida eterna, mas eles se perdem nele e em tudo o que eles pensam ter, eles se enganam, pois tudo o que acumularam permanece aqui neste mundo e eles só têm e encontrarão castigo no inferno e no fogo eterno.

São banqueiros insensatos aqueles que desprezam Cristo e Deus, a graça, a glória e a vida bem-aventurada e que preferem, contrariamente à vontade de Deus e à sua glória, servir o mundo, o pecado e o demônio e lhe agradar como a seu pai e a seu mestre. Ele os recompensará com o que ele mesmo recebeu por seus pecados: a pena infernal sem consolação ou esperança, completamente esquecidos por Deus e desprezados na miséria eterna.

Isto é a verdade, como nos garante a justiça divina. Todas as virtudes devem ser recompensadas e todos os pecados punidos, que é o que nos ensina nossa razão natural, assim como os exemplos e as Escrituras, desde o começo do mundo e Cristo mesmo, sua vida e seu Evangelho, os Apóstolos e suas vidas e a fé cristã que eles escreveram. Os justos vão para a vida eterna e os pecadores

vão para o fogo do inferno.

Os bons anjos e os maus se combateram no céu, mas os bons, que amavam e serviam a Deus, ganharam a luta e conquistaram a vitória, pela graça de Deus. Os maus foram derrotados e jogados para fora, para as penas do inferno, condenados por toda a eternidade.

O Espírito do Senhor dotou os discípulos que o servem com sete dons e todas as virtudes e o demônio colocou seus discípulos na posse de sete demônios e todas as espécies de pecados e assim, os maus combatem os bons aqui no tempo. Aqueles que perseveram na virtude ganham a luta. Eles seguem os conselhos de Deus e assim são abençoados.

Temos também um inimigo que está bem próximo de nós, que devemos vestir e alimentar, que com nosso espírito forma uma só pessoa na natureza humana. É nossa vida sensorial, que se opõe à nossa vida espiritual, pois seu nascimento é daqui de baixo, da carne e o nascimento do nosso espírito é do alto, de Deus. Assim, devemos combater por nosso espírito e, com a graça de Deus, nossa própria carne e sua natureza. Devemos detestá-la, oprimi-la e desprezá-la. Não matá-la, mas torná-la útil para o serviço de Deus. Desta maneira, podemos vencer,

viver, crescer e progredir em graças e em virtudes, sempre para a glória de Deus.

Mas, se vivemos segundo a carne, segundo a satisfação da natureza e a inclinação do corpo, então, morremos no pecado e na condenação eterna.

A sabedoria do mundo e a sabedoria infusa de Deus são contrárias e se combatem mutuamente. Graça e natureza, virtudes e pecados, bons e maus, insensatos e sábios, são todos negociantes.

Aqueles que desprezam o mundo e tudo o que passa e fazem a escolha de Deus, o servem e o amam, encontram tudo o que é salutar e durável e estes são negociantes sábios.

Mas aqueles que desprezam Deus, seu Reino e a beatitude eterna, para preferirem o mundo, a riqueza e a honraria e tudo o que é perecível, são negociantes insensatos. Eles seguem Lúcifer, o mestre deles. Este era belo e rico, nobre de natureza, mas era orgulhoso, se comprazia com ele mesmo e desprezava seu Deus, sua glória e seu serviço e São Miguel e seus anjos tinham a sabedoria e a força de Deus, pois eles amavam e serviam a Deus.

Assim, se combateram mutuamente os maus contra os bons, mas os bons triunfaram e Lúcifer com seu grupo

foram jogados para fora do céu, para as penas do inferno, miseráveis e condenados para sempre.

Assim, vocês podem observar que é pela luta que se obtém o triunfo sobre a natureza.

Adão, nosso primeiro pai, foi derrotado sem luta pelo inimigo. Ele era nobre e rico, belo e sábio e muito acima de todas as pessoas que jamais nasceram na natureza humana. Mas ele era um negociante insensato, pois ele abandonou Deus e seu louvor, a vida eterna e o Paraíso terrestre, por um pedaço de maçã.

Cristo, pelo contrário, o Filho de Deus e de Maria, era um negociante prudente e um lutador poderoso no combate. Ele prevaleceu sobre todos os nossos inimigos, para que ninguém pudesse nos prejudicar contra nossa vontade e sem nosso consentimento. Ele venceu o mundo e o inimigo, que tinha o mundo em sua posse. Ele quebrou as portas infernais. Ele rompeu os grilhões de ferro e libertou seus amigos eleitos da prisão do demônio. Ele triunfou sobre a fome e a sede, o calor e o frio e nos ensinou a sobriedade e a não viver segundo os prazeres e os desejos dos sentidos. Ele dominou sua vontade afetiva e sua vida sensorial, se abandonando obediente nas mãos de seu Pai e à vontade de seus inimigos, para a morte a-

marga na cruz.

Com isto, ele nos ensinou a nos renunciarmos com relação a todas as criaturas e a nos abandonarmos sem preferência à livre vontade divina. Assim, encontramos Cristo vivo em nós e sua paz, que pode permanecer para sempre.

Cristo é um negociante prudente, pois ele nos comprou a vida eterna com sua morte sofrida no tempo. Ele trocou o amável pelo preferível, o sofrimento passageiro pela felicidade eterna. Ele nos serviu por amor, para que, com ele, possamos nos tornar senhores. Ele foi pobre para nos tornar ricos. Ele nos deu sua carne e seu sangue como alimento e como bebida, para que ele permanecesse em nós e nós nele e assim, todo combate é vencido.

Os planetas se contradizem em suas ações e se combatem mutuamente, pois uns são maus, cruéis e impiedosos e outros são mansos, têm uma influência benfazeja e um bom efeito sobre todas as coisas e há outros que triunfam dos maus, fortalecem os bons e estabelecem a concórdia em todas as coisas. Assim é a natureza dos planetas e cada um guarda a natureza que Deus lhe deu.

Da mesma forma, há pessoas que vivem segundo a simples natureza. Cada um segue o planeta sob o qual

nasceu e que reina sobre ele segundo a natureza.

Esses planetas regem e governam a vida sensorial nos animais e nas pessoas, mas eles não têm nenhum poder sobre a razão, pois a razão domina tudo o que é dos sentidos e regula tudo o que é desordenado em nossa natureza.

Os elementos também estão em oposição uns aos outros, mas eles não se combatem, pois cada um guarda o lugar e as propriedades naturais que Deus lhe deu. Mas os corpos das pessoas e dos animais, que são compostos pelos quatro elementos e que recebem de Deus e da influência dos planetas sua vida natural, sentem nesta vida a luta e a morte da natureza, pois há uma reunião, em uma vida natural, do calor e do frio, do seco e do úmido.

Estes quatro reunidos em nós formam uma vida mortal, que possuímos como os animais, que recebemos e que é regida pelo curso do céu e dos planetas. Quando os elementos em nós estão de acordo com os planetas e em plena harmonia, então estamos saudáveis na natureza.

Mas, se há desacordo e contrariedade entre esses elementos, por excesso de calor ou de frio, excesso de secura ou de umidade, então isto é para nós a doença e se um dos quatro for completamente eliminado por algum

outro e vem a faltar na natureza, então precisamos morrer.

Mas possuímos também em nossa alma viva uma vida racional, que Deus nos deu, que é eterna e que não pode morrer, nem no bem e nem no mal, por onde nos assemelhamos aos anjos.

Nossa vida mortal está sob a influência do curso dos céus e dos planetas. Eles agem sobre nossa natureza por meio da virtude divina, que Deus lhes comunicou.

Todos somos filhos dos planetas segundo nossa natureza mortal e somos filhos de Deus segundo nossa natureza espiritual, que não pode perecer. Estas duas são opostas, como o tempo e a eternidade, a morte e a vida eterna.

CAPÍTULO 68

Continuação do que já foi dito sobre os planetas.

Nós que somos nascidos sob os planetas somos todos negociantes por natureza. Comprar e vender é fazer uma troca: dar o que se ama pelo que se ama mais ainda.

Mercúrio, o sexto planeta é o mestre dos negocian-

tes na natureza. Ele está de acordo com todos os planetas. Ele é mau com os maus e bom com os bons, pois ele se harmoniza com todos. Seu curso é sempre próximo do Sol e é por isto que ele é branco, brilhante e claro, por causa da proximidade e da claridade do Sol, de sorte que ele é pouco visível, por causa desta mesma proximidade.

Ele aparece sempre no fim de maio e no fim de agosto, as épocas mais alegres e as mais ricas do ano, pois tudo cresce em maio e em agosto tudo amadurece e Mercúrio é, por natureza, quente e fresco e assim, seus filhos, aqueles que são nascidos sob sua influência, se assemelham a ele: são calorosos e frescos, sanguíneos e de compleição feliz, benevolentes e alegres por natureza, como os filhos nascidos sob o signo do Sol.

Estes dois astros, de fato, são próximos um do outro e seus filhos se assemelham sob muitos aspectos. Os filhos de Mercúrio são, por natureza, prudentes, competentes e hábeis. Eles podem muito bem se entender com os bons e com os maus, com os ricos e com os pobres. Eles podem ensinar com sabedoria e falar bem como bons conselheiros, fazer a paz, comprar e vender, regular os negócios, mentir e enganar o tanto que puderem e para agradar.

Eles são hábeis, prudentes e corretos em palavras e em atos, em seus procedimentos, suas maneiras de fazer e em tudo o que empreendem e é por isto que eles são muitas vezes elevados em dignidade, são conhecidos e amados pelos grandes e obtém uma posição superior, riquezas e honrarias segundo o mundo.

Mas, mesmo que aqueles que estão sob o signo de Mercúrio e são chamados de seus filhos sejam, por natureza, prudentes, competentes e hábeis, todavia, sem a graça divina, eles não podem ver o Reino de Deus, nem encontrá-lo ou possuí-lo, pois a natureza não pode agir acima dela mesma.

Cada planeta dá aos seus filhos, os que são nascidos sob seu signo, a natureza que ele mesmo recebeu de Deus. Daí a diferença entre as pessoas quanto à natureza, a compleição, as maneiras e os costumes, mesmo que eles todos tenham uma mesma natureza humana. É que, segundo o nascimento corpóreo, cada um segue naturalmente o planeta sob o qual nasceu.

Tudo o que é da descendência de Adão, nascido sob o curso dos céus, das estrelas e dos planetas é carne e sangue, sensorial e mortal por natureza.

Os planetas não têm vontade, nem conhecimento,

nem vida ou qualquer poder que seja por eles mesmos. Mas, por meio da virtude divina que vive neles, eles dão a todas as criaturas abaixo do firmamento, até o fundo do mar, a vida e o crescimento. Eles causam as múltiplas diferenças de natureza e de gênero sobre a terra, nas á-guas e no céu, com que Deus ornamentou o mundo desde o princípio, para sua glória e para nossas necessidades.

Ora, temos necessidade de conhecer a nós mesmos, de venerar Deus e de amá-lo. Todos somos nascidos da carne e mortais por natureza e então somos todos filhos dos planetas, que nos regem e reinam sobre nós nesta vida da nossa natureza mortal.

Mas, se somos elevados acima da natureza e novamente nascidos do Espírito de Deus, então somos os filhos de Deus pela graça e é ele que reina em nosso espírito através do seu Espírito, nos comunicando seus sete dons, que nos regem e ordenam segundo todos os modos de virtude e nos dão um claro conhecimento, a elevação por amor acima da natureza e a união com Deus na vida eterna.

Deus colocou a alma racional entre a vida natural e a vida da graça. Ela é sensorial em sua parte inferior, racional nela mesma e espiritual na parte superior e, por

natureza, estes três elementos formam uma só vida na pessoa.

A esta alma racional, Deus colocou à disposição a balança onde ele coloca ele mesmo, com tudo o que ele criou e ele deseja e ordena que nossa razão e nossa força amorosa avaliem exatamente estas duas coisas e escolham depois o que é melhor, ou seja, Deus mesmo.

A razão natural nos aconselha que devemos agir assim, pois, por natureza, somos inclinados para o que nos parece melhor.

CAPÍTULO 69

Porque Deus nos criou e sua imagem e semelhança em nós.

Preste agora bastante atenção e aprenda o que devemos saber.

Desde toda eternidade, Deus nos viu e conheceu em sua sabedoria e ele quer que abramos os olhos interiores e o olhemos com toda simplicidade e sinceridade. Desde toda eternidade também, ele nos chamou e ele quer que foquemos nossos ouvidos interiores para ouvir as inspirações de sua misericórdia. Desde toda eternidade, ele nos

elegeu e quer que o escolhamos acima de tudo o que é criado.

Ele nos ama e nos amou eternamente. Ele nos ordena agora que o amemos de volta por toda a eternidade e isto é justiça.

A união daqueles que amam coloca a balança em equilíbrio.

O amor não tem fim. Ele começa em Deus, toca nosso espírito e exige que nós o respondamos. Assim, o amor praticado entre Deus e nós se parece com um anel de ouro, que não tem começo e nem fim. Nosso amor começa em Deus e é nele que ele se consuma.

Quando Deus se dá ao nosso espírito e nós nos damos de volta a ele em seu espírito, então a balança do amor se interrompe. Então também, nós carregamos a imagem de Deus em nosso espírito e vivemos de Deus, por Deus e em Deus; um com ele.

Somos então negociantes sábios, porque demos tudo de nós por tudo dele e porque, no tudo dele, temos e possuímos, ao mesmo tempo, nosso tudo. Então também, somos filhos, carregando em nosso espírito a imagem de Deus, segundo a qual somos criados.

Essa vida está acima da natureza, acima da razão e

acima dos sentidos. Nela, somos um com Deus, sem perda e nem ganho.

No entanto, é preciso observar que não somos apenas criados à imagem de Deus, para sermos um com ele, mas que também fomos feitos à semelhança divina. Ser semelhante a Deus é ser ordenado no amor, na dileção e na caridade e em todas as virtudes.

A caridade não busca ela mesma, mas sua maior alegria é viver segundo a caríssima vontade de Deus. Assim, devemos nos mortificar com nossa própria vontade, no abandono e na paciência, sem resistência da vontade e sem preferência por outra coisa.

Deus criou nossa vontade, não para que ela nos pertença propriamente, mas para que ela seja Daquele que a criou. Por consequência, aquele que a guarda para si mesmo é um ladrão e um assassino, pois rouba o que pertence de direito a Deus e a Deus somente, ao mesmo tempo em que se coloca a serviço de si mesmo, através do pecado e assim, ele é escravo do pecado. Mas, se ele é escravo do pecado, ele também o é do diabo.

Ora, aquele que serve o demônio mata a si mesmo e perde o livre retorno para Deus no amor. É então o diabo quem lhe dará seu salário, como ele tem o costume de

recompensar seus servidores com as penas sem fim do inferno, se eles morrem em seus serviços.

Todos aqueles que vivem na graça e na glória possuem uma única e mesma vontade, que é a caríssima vontade de Deus, pois eles estão tão unidos à livre vontade divina que não são capazes de querer outra coisa que não seja o que Deus quer. Eles possuem todos uma mesma vida com Deus, um só querer e Deus vive neles todos através de sua graça e dos múltiplos dons. Desta maneira, eles se assemelham a ele, cada um à sua maneira, através dos múltiplos modos de virtudes.

A vontade própria quer ir avante e deseja que Deus a siga e faça segundo o que ela quer e não como Deus quer. A vontade própria é orgulhosa e desobediente. Ela se afasta de Deus e é fonte de todo mal.

A vontade própria quer ser senhora acima de Deus e acima de todas as pessoas, se isto fosse possível. Ela é refratária e desordenada em todas as coisas e jamais está por muito tempo em acordo com alguém. No céu, ela não pode entrar. Na terra, ela não tem descanso. No inferno, ela é sepultada. A má vontade invejosa lhe serve de túmulo.

Nossa vontade própria é nossa por natureza. Ela não

pode nada de bom por ela mesma, como do seu fundo próprio, pois tudo o que podemos vem de Deus. É por isto que Deus nos ordena renunciarmos a nós mesmos e a toda vontade própria e que nos entreguemos ao seu livre querer e assim, podemos todas as coisas com ele, porque somos uma mesma liberdade com ele.

Ele nos ordena[62] buscá-lo e amá-lo[63] acima de nós mesmos e acima de toda criatura, sem visar uma recompensa, pois o amor mesmo é a recompensa e a vida eterna.

É preciso amar sem olhar para trás e sem voltar, pois amar para ser amado é da natureza e uma propensão natural desordenada no amor.

Se somos um com seu livre querer, vivemos sem preocupação e sem cuidados. Devemos, com ele, dar e tomar, agir e omitir, amar e odiar. Então, somos unidos com ele em liberdade e somos de um só querer com ele.

Devemos preferir acreditar nele, esperar e colocar nele nossa confiança, do que ter a certeza da vida eterna.

Livremente, devemos escolher servi-lo eternamente,

---

[62] Cf. Santo Agostinho: *Dai-me o que ordenais e ordene-me o que desejares*. *Confissões*, livro X, cap. 29.

[63] Cf. Romanos 5: 5 (*O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo*) e 1 João 4: 19 (*Amamos porque Deus nos amou primeiro*).

lhe dar graças e louvá-lo, como fazem os anjos e os santos.

Isto é a vida eterna. Mas, devemos também ser despojados de nós mesmos e matar nossa vontade própria em seu livre querer, seja o que for que ele quiser fazer de nós no tempo e na eternidade e isto será nossa maior alegria.

Ele nos ordena amá-lo sem fim, mas ele não nos diz para escolhermos nossa recompensa.

Aqueles que não querem estar onde Deus quer, mas onde eles querem, ainda têm vivo neles a natureza e a vontade própria. Eles não estão consumados no amor.

Aquele que, no inferno, pudesse matar sua vontade própria no livre querer de Deus não queimaria. Aquele que, mesmo no céu, mantivesse sua vontade própria, contra a vontade divina, não teria a beatitude.

A justiça de Deus quer condenar os maus e sua misericórdia quer salvar os bons. Agora, certas pessoas afirmam que não querem ser condenadas, mesmo que Deus queira e querem ser salvas, Deus queira ou não.

Essa gente se assemelha ao demônio e às pessoas condenadas que se opõem a Deus de todas as maneiras. Eles não querem ser condenados, mesmo que Deus quei-

ra. Eles seriam bem-aventurados de bom grado, mesmo contra a vontade de Deus. Isto são pecados mortais que permanecem eternamente em todos os espíritos condenados e em todas as pessoas más que vivem em oposição com Deus e morrem neste estado.

Deus pode tudo que está segundo a ordem, mas ele não pode que, aqueles que o amam, como São Pedro e os outros santos, sejam condenados e nem que aqueles que não o amam, como Judas, Pilatos e outras pessoas más sejam salvos.

Os bons preferem a vontade divina à sua própria e é por isto que eles prefeririam estar no inferno conforme a vontade de Deus do que no céu contra sua vontade.

Os pecadores estão em contradição com Deus, pois eles querem ser bem-aventurados sem amar Deus, o que é uma coisa impossível e desordenada e isto é viver em pecado mortal.

Aquele que não ama Deus, mesmo se estivesse no céu seria, no entanto, infeliz e condenado e aquele que ama Deus, mesmo que estivesse no inferno, seria, no entanto, bem-aventurado e abençoado por Deus.

Os bons querem estar onde Deus quer, pois eles são uma só vontade com Deus e, por isto, eles desfrutam de

uma paz sem fim. Se você quer ser salvo, despreze sua vontade própria, já que ela é contrária a Deus e escolha e cumpra a vontade de Deus. Então, você estará unido a ele em sua glória e na vida bem-aventurada da eternidade.

É por isto que, se você quer viver por Deus e se assemelhar a ele, você deve, com ele, odiar e amar sem vontade própria. Você deve odiar o que Deus odeia, ou seja, o pecado e as oportunidades para pecar, as inclinações desregradas, o amor por todo prazer corpóreo e o desejo desordenado dos sentidos. Você deve carregar sua cruz e seguir Cristo, desprezar sua vontade própria, a boa opinião sobre você mesmo e o pensamento de que você é mais sábio e melhor do que os outros.

Se você combater estas tendências e vencê-las, sua vontade é boa e está de acordo com a de Deus, pois você odeia o que ele detesta.

A vontade de Deus é que estejamos tão mortos para nós mesmos em seu querer que possamos dizer em nossas preces o que ele mesmo disse, quando estava para morrer: *Meu Pai, não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres*[64].

Além disto, Deus quer que amemos com ele tudo o

[64] Mateus 26: 39.

que ele ama. Deus criou o céu e a terra e todos os seres e, com isto, ele se pôs a serviço de nossa vida mortal e ele quer que __ com a alma, com o corpo e com todas as criaturas que utilizamos para nossas necessidades __ lhe demos ações de graças, louvores e serviços para sua glória eterna e isto é uma coisa justa e equitativa. Ele nos amou tanto que nos deu seu Filho único para ser humano como nós todos. Este se humilhou até a morte e nos elevou até a vida eterna.

Foi assim que quis seu Pai celeste e sua razão não podia querer diferente de Deus e todos aqueles que querem como ele tudo o que ele quer são nascidos de Deus e discípulos de Cristo. Ora, Deus quer salvar todas as pessoas para a vida eterna, mas aqueles que desprezam sua doutrina e seus preceitos, vivendo em oposição com ele através de seus pecados são nascidos do conselho do diabo.

A boa vontade é a base de todas as virtudes. A unidade de vontade com Deus está acima de todas as virtudes. A pessoa de boa vontade que se renuncia e mortifica sua própria vontade e que se abandona ao livre querer divino tem uma boa vontade perfeita. Ela vive sem temor e sem preocupação com ela mesma. Ela espezinhou sua

vida mortal e tudo o que é perecível e se sente segura da vida eterna. Ela quer, com Deus, tudo o que Deus quer e sua paz com Deus e em Deus não pode ser perturbada por ninguém. Ela é nascida de Deus, mansa e humilde e Cristo vive nela com todos os seus dons e ele fará o mesmo por nós todos, se renunciarmos a nós mesmos e vivermos para ele somente.

Ele nos ensina seus caminhos comuns e suas trilhas interiores e secretas, ou seja, seus preceitos e seus conselhos celestes. Ele nos mostra que, por amor, ele desceu para nós, nos ensinou e viveu por nós e que, por amor, morreu por causa de nós. Ele nos fez ver também sua ressurreição gloriosa, que ele vive em nós e sua ascensão admirável. Ele prepara para nós a cidade gloriosa. Ele nos comunica seu amor e seu Espírito Santo. Ele nos promete retornar no último dia, para julgar o mundo inteiro; nós com ele e ele conosco.

Se nisto colocarmos nossa alegria e nossa esperança, em todo tempo, vivemos nele e ele em nós. Esta é a nossa fé e a regra comum da santa cristandade, desde toda eternidade prevista e escrita no Livro da Vida, que é a Sabedoria Divina.

Cristo trouxe esta regra, a vivenciou e ensinou e os

Apóstolos e os santos a explicaram e esclareceram. Esta mesma regra tinha sido manifestada no começo do mundo aos Patriarcas e os Profetas, na lei natural e na das Escrituras. Ela foi praticada em parábolas e comparações de muitas maneiras. Mas depois, Cristo trouxe a Lei evangélica e a regra da santa cristandade ao mundo, para vivê-la e ensiná-la a seus discípulos, ou seja, a todos aqueles que o seguem.

Mas aqueles que o desprezam e à sua regra e morrem assim são todos condenados, pois a vida e a regra do Senhor são o fundamento de toda ordem, de todo estado religioso, de todas as maneiras da santa vida, de toda prática da Santa Igreja, do sacrifício, dos sacramentos e de tudo o que se pode viver espiritualmente.

A fé cristã é fundamentada em Cristo e em sua vida. A vida de Cristo é sua regra e, fora desta regra, ninguém pode ser salvo. A regra de Nosso Senhor Jesus Cristo nos ordena a todos que observemos todos os mandamentos divinos, com uma verdadeira obediência e que suportemos, com uma humilde paciência, a caríssima vontade de Deus, em tudo o que ele nos impõe. Isto é a lei dos preceitos e dos Evangelhos, que Cristo vivenciou e ensinou a todos aqueles que desejam ser salvos.

Cristo nos ensina, além disto, que se queremos nos assemelhar a ele e seguir seus conselhos, como ele os praticou e ensinou, devemos desprezar o mundo, renunciar a nós mesmos e à nossa vontade própria, para seguirmos sua livre vontade e nos desapegarmos de tudo o que podemos possuir por amor. Livres assim, devemos segui-lo na pureza de espírito até seu Pai celeste.

O exercício relacionado a isto consiste em buscar e amar a Verdade Eterna, que é Deus, em bendizê-lo, agradecê-lo, louvá-lo, honrá-lo, rogá-lo e adorá-lo em espírito e por toda a eternidade. Esta é a regra de todas as pessoas que querem ser perfeitas segundo o conselho de Deus e a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A regra de Nosso Senhor Jesus Cristo nos ordena obedecer, combater nossa vontade própria e as inclinações da natureza e seguir Cristo nos mandamentos que ele praticou e ensinou e assim podemos agradar a Deus e possuir com ele a vida eterna.

Acima dos preceitos, Cristo e sua regra nos aconselham, se queremos cumprir perfeitamente esta regra, desprezar o mundo, renunciar a nós mesmos e à nossa personalidade própria na liberdade divina, para seguir assim Cristo, através do amor simples e a pureza do espí-

rito.

Desta maneira, podemos, com ele e com todos os santos, encontrar e possuir em Deus a paz e a totalmente silenciosa beatitude. Lá se encontra a consumação dos preceitos e dos conselhos e lá se possui a unidade do amor com Deus, na mais alta nobreza.

Quarta parte

A Paixão de Cristo dividida em sete horas canônicas.

CAPÍTULO 70

Três festas principais da vida presente e a quarta, que será celebrada no último dia.

A ordenação da nossa regra compreende três festas principais que se renovam em épocas oportunas e com a alegria nova de numerosas práticas na Santa Igreja.

A primeira festa cai no inverno, a segunda, na primavera e a terceira, no verão.

A primeira festa, que vem no inverno, é o começo da vida eterna e da salvação de todos. O Pai deu nela seu Filho, concebido em nossa natureza e nascido da Virgem Maria, Deus e humano, para estar conosco.

A segunda festa é celebrada na primavera e ela nos ensina que Cristo, o Filho de Deus, se deu a nós no sacramento e se entregou à vontade do seu Pai e nas mãos dos judeus ferozes, para morrer por todos aqueles que devem acreditar nele e em sua honra morrer para o peca-

do, pois todos estes ressuscitarão com ele para a glória de Deus. Esta é a festa da Páscoa, que rejubila todos os fiéis com uma alegria toda especial da vida eterna.

A terceira festa é no verão. Nela, o Pai e o Filho deram aos Apóstolos o dia de Pentecostes, seu Espírito, que encheu o céu e a terra e todos aqueles que acreditam nele, esperam nele e o amam são cheios de alegria e de felicidade sem fim.

Uma quarta festa ainda está por vir. Nós a esperamos e a desejamos com a fé e nossos votos. Trata-se do último dia do mundo. Então, Cristo descerá do céu aqui para baixo, com grande poder e majestade, acompanhado dos anjos e dos santos, para julgar os bons e os maus. Nesse dia, todas as festas e todas as solenidades do tempo serão consumadas em uma única festa e um dia de glória que durará toda a eternidade e Cristo abençoará os seus, que o terão servido e a seu Pai celeste e ele os conduzirá em sua glória, preparada para eles desde o começo do mundo.

Mas Cristo condenará aqueles que o desprezaram neste mundo, bem como a seus preceitos e ele os levará, juntamente com os demônios, ao fogo do inferno, que não se extinguirá jamais. Esta é a ordenação da Santa

Igreja, na fé cristã: quem não acreditar nele será condenado.

Há também outras festas ao longo do ano, de Nosso Senhor e dos seus santos, que são rodeados, na Santa Igreja, de uma veneração e de um culto universais. Outros têm um culto somente nos países onde moraram, viveram e morreram para a glória de Deus.

Mas todas essas festas acabarão e serão consumadas, no último dia, em uma só glória de Deus, que será comum a todos e particular a cada um segundo seus méritos. Este é o Reino de Deus e de sua família.

CAPÍTULO 71

Nosso Senhor é nosso livro de horas e para que fim todas as ordens monásticas foram instituídas.

O próprio Cristo é nossa regra. Sua vida e sua doutrina constituem nosso livro canônico e nosso breviário para todo o mundo. Devemos carregá-lo conosco onde estejamos; guardar sua Paixão e sua morte em nossa memória, sem esquecê-las; possuir seu amor e sua fidelidade em nossos corações através do desejo e do amor;

sua vida gloriosa permanecendo em nossa alma amorosa como um alimento que podemos sempre utilizar.

Assim é o livro de horas comum aos leigos e aos clérigos. Aqueles que conformam a ele suas vidas e os repetem nas horas poderão, no julgamento divino, responder a Cristo e dizer com toda franqueza: “Senhor, desejamos agradar-vos, viver por vós e vos servir eternamente”.

É por isto que inúmeros santos fundaram ordens e estados de vida religiosa. Diferentes quanto ao hábito, a regra, a maneira de viver, as práticas e os ofícios, segundo os quais eles louvavam e serviam Deus e cada um deles desejou e aspirou viver e morrer da maneira que se havia proposto, segundo a caríssima vontade de Deus.

Assim, todas as ordens e estados de religião são unidos e estabelecidos sobre um fundamento único que é Cristo Jesus. Ele é o princípio e o fim de todo bem. Por ele e em seu nome todas as coisas são perfeitas e bem ordenadas, no céu e na terra, assim como em todas as pessoas de bem que o servem.

É por isto que a Santa Igreja, em seu nome e para a glória do Pai e pela virtude do Espírito Santo, ordenou um grande número de maneiras de servi-lo, em sacrifícios, oferendas, exercícios interiores, boas ações exterio-

res, missas, penitências e abstinências pelos pecados, prática dos sete sacramentos e a observância das sete horas canônicas. Tudo coisas às quais todas as pessoas estão obrigadas pela fé cristã, cada uma segundo a maneira que deseja e segundo seu desejo de viver para Deus, com o fim de agradá-lo.

CAPÍTULO 72

O ofício das Matinas ou da noite. O que o Senhor fez e sofreu nessa hora e o que os fiéis devem fazer no mesmo momento.

O primeiro ofício na Santa Igreja é o da noite e são as Matinas. Nesse momento, os bons fiéis devem abrir seus livros de horas e ler a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo e eles voltarão suas atenções para Deus, com amor no coração e um espírito elevado e eles dirão cada um com fervor:

"Senhor, abra meu coração e minha boca. Eu anunciarei vosso louvor e vossa glória. Senhor, olhai-me e apressai-vos em me socorrer, para que eu possa realizar vosso louvor e vosso serviço.

"Senhor, desde toda a eternidade, vós me olhais,

chamais e elegeis, observais e amais, para que eu acredite em vós e queira vos servir livremente até a morte, pois vós nos criastes a vossa imagem, ou seja, para que, mediante vossa graça, possamos vos assemelhar por todos os modos de virtude e vós vos abaixastes abaixo de tudo o que criastes e nos amastes tanto que nos visitastes neste exílio.

“Vós tomastes e vestistes nossa humanidade. Vós nascestes da Virgem Maria, no meio da noite e vos pusestes em uma manjedoura, pequeno e humilde entre dois animais. Vós iluminastes a noite com vosso nascimento. Os anjos cantaram vossa glória e as pessoas de boa vontade que vivem para vós possuem em vós a paz eterna”.

Aqui começamos o primeiro turno das nossas Matinas, recordando a Paixão do Senhor, quando então ele deu sua carne e seu sangue aos seus discípulos, no sacramento, lhes lavou humildemente os pés e os serviu com um grande respeito.

Ele pronunciou em seguida um grande sermão, que São João nos descreve em seu Evangelho e, depois disto, levando seus discípulos com ele, atravessou uma torrente

chamada Cedron e entrou em um horto[65], onde ele tinha o costume de ir frequentemente. Lá, ele disse aos seus discípulos: *Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. Vigiai e orai para que não entreis em tentação*[66].

Levando então, à parte com ele, Pedro e os filhos de Zebedeu, Tiago e João, ele avançou um pouco, ficou triste e lhes disse: *Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai comigo*[67]. E, afastando deles a distância de um lance de pedra, ele dobrou os joelhos, caiu com o rosto no chão e rezou com um coração humilde e aflito, dizendo: *Aba! (Pai!) Tudo te é possível. Afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres*[68].

Ele se levantou então de sua prece e foi até seus Apóstolos, que encontrou dormindo e ele disse a Pedro: *Então, não pudestes vigiar uma hora comigo... Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca*[69].

Com isto, Jesus Cristo nos ensina que devemos vigiar com ele e rezar, lutar com nosso espírito e a graça divi-

[65] Cf. João 18: 1.
[66] Mateus 26: 36 e 41.
[67] Mateus 26: 38.
[68] Marcos 14: 36.
[69] Mateus 26: 40 e 41.

na, vencer a carne e a natureza, obedecer a Deus com toda paciência até a morte e isto é a primeira hora da noite, pela qual seguimos Cristo e nos assemelhamos a ele.

Na segunda hora da noite, Jesus se afastou dos seus discípulos para rezar sozinho e, levantando os olhos para o céu, ele disse: *Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!*[70] Ele então se rende, obediente e humilde, com o corpo e a alma, com toda sua natureza criada, nas mãos soberanas do seu Pai, desejando que tudo se cumprisse nele do que antecipadamente havia visto e regulado na Sabedoria Eterna do seu Pai e ele se colocou livremente, sem nenhuma preferência, na caríssima vontade de Deus e lá ele encontrou o repouso e a paz no espírito.

Mas quando ele considerou a delicadeza do seu corpo e da sua natureza, o rigor da Paixão e dos sofrimentos que ele deveria e queria suportar, seu coração se sentiu profundamente oprimido, entristecido e apavorado, assim como toda sua vida sensorial, alma e corpo, coração e sentidos, pois ele era forte, de boa saúde e jovem; o homem mais belo e mais gracioso que jamais veio ao mundo.

---

[70] Mateus 26: 42.

Ele caiu por terra, com tristeza e aflição, pois, segundo o espírito, ele queria morrer e, segundo a carne, ele queria viver. Então, um anjo desceu do céu e o consolou em sua agonia.

O espírito do Senhor era elevado acima de tudo, despojado e libertado, bem-aventurado e unido a Deus em amor. Sua alma racional era cheia de graça, de sabedoria, de claridade e de devoção íntima e ela amava aqueles pelos quais ela ia morrer e rezou por eles.

Mas toda sua parte sensorial estava na agonia e no medo e sua imaginação estava cheia da Paixão e da morte amarga. Por esta razão, ele rezou por muito tempo e, por amor, ele venceu a carne e o sangue e se abandonou à vontade do seu Pai e, nessa vitória, o esforço foi tão grande que de todos os seus membros correu um suor de sangue até o chão.

Novamente, ele se levantou e retornou aos seus discípulos, que encontrou dormindo. Os olhos deles estavam pesados e eles não sabiam o que lhe responder.

Na terceira hora da noite, ele deixou seus discípulos. Depois, deu graças a seu Pai celeste e o louvou pelo fato de que, com sua graça, ele tinha vencido sua própria vontade e rezou por todos aqueles que deveriam imitá-lo por

amor e renunciar a si mesmos, para que, por ele, eles fossem batizados no Espírito Santo e a vida íntima deles fosse cheia da graça divina.

Então, se levantando de suas preces e retornando a seus discípulos, ele lhes disse: *Dormi e descansai. Basta! Veio a hora! O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos e vamos! Aproxima-se o que há de me entregar*[71].

Quando Jesus terminou de falar, Judas, que tinha sido um dos doze, veio e, com ele, um grande grupo de pessoas, munidos com lanternas, armas, espadas e tochas, enviados pelos príncipes dos sacerdotes e os anciões do povo e o traidor lhes deu um sinal: *Aquele a quem eu beijar é ele. Prendei-o e levai-o com cuidado*[72].

Ele foi até Jesus e lhe deu o beijo, dizendo: *Rabi! Salve Mestre*[73]

Jesus lhe respondeu: *Judas, com um beijo trais o Filho do Homem!*[74] *Amigo, para que vieste?*[75]

Então, ele avançou e perguntou: *A quem buscais?*

Eles responderam: *A Jesus de Nazaré*.

[71] Marcos 14: 41 e 42.
[72] Marcos 14: 44.
[73] Marcos 14: 45 e Mateus 26: 49
[74] Lucas 22: 48.
[75] Mateus 26: 50.

E Jesus lhes disse: *Sou eu*[76].

Com estas palavras, eles perderam todo o poder, *recuaram e caíram por terra*[77].

Jesus *lhes perguntou pela segunda vez: "A quem buscais?"*

Disseram: "A Jesus de Nazaré".

Replicou Jesus: "Já vos disse que sou eu. Se é, pois, a mim que buscais, deixai ir estes"[78].

Então, eles *prenderam Jesus e o ataram*[79].

Os discípulos, *vendo o que ia acontecer, perguntaram: "Senhor, devemos atacá-los à espada?"*[80]

Simão Pedro tirou sua espada e cortou a orelha direita do servo do pontífice. Mas Jesus disse a Pedro: *Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão. Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como se cumpririam então as Escrituras, segundo as quais é preciso que seja assim?*[81]

[76] João 18: 4 e 5.
[77] João 18: 6.
[78] João 18: 7 e 8.
[79] João 18: 12.
[80] Lucas 22: 49.
[81] Mateus 26: 52-54.

Em seguida vem a quinta hora da noite, na qual Jesus diz à multidão que foi prendê-lo: "*Saístes armados de espadas e porretes para prender-me, como se eu fosse um malfeitor. Entretanto, todos os dias estava eu sentado entre vós ensinando no templo e não me prendestes. Mas tudo isto aconteceu porque era necessário que se cumprissem os oráculos dos profetas". Então os discípulos o abandonaram e fugiram*[82].

Na sexta hora da noite, os servidores dos judeus o prenderam, o pisotearam e amarraram suas mãos abençoadas. Amarrado assim, eles o conduziram *primeiro a Anás, por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano*[83].

Simão Pedro o seguiu de longe, com outro discípulo, até diante do palácio do pontífice. O outro discípulo era conhecido do pontífice e entrou com o Senhor no vestíbulo do palácio, mas Pedro ficou de fora diante da porta.

Então, o outro discípulo, que era conhecido do pontífice, saiu e disse, à serva que guardava a porta, que deixasse Pedro entrar. Ao ver Pedro, a serva lhe perguntou: *Não és acaso também tu dos discípulos desse homem?"*

---

[82] Mateus 26: 55 e 56.
[83] João 18: 13.

“Não o sou”, respondeu ele[84].

Lá no vestíbulo, os empregados e os servos se mantinham junto ao fogo para se aquecerem, pois fazia frio. Pedro se juntou a eles e se aqueceu, porque queria ver o que fariam com Jesus. Outra criada veio e, ao ver Pedro, disse àqueles que estavam lá: *Este homem também estava com Jesus de Nazaré*. Da mesma forma, os outros que estavam lá disseram a Pedro: *Sim, tu és daqueles; teu modo de falar te dá a conhecer*.

Pedro então começou a fazer imprecações, jurando que nem sequer conhecia tal homem[85].

Alguns instantes depois, um dos servidores do pontífice lhe disse: *Não te vi eu com ele no horto?*[86] Mas Pedro negou uma terceira vez.

Então *o galo cantou pela segunda vez* naquela noite e Jesus se voltou e olhou Pedro e *Pedro se lembrou das palavras que Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás”. E, se lembrando disto, rompeu em soluços*[87].

Na sétima hora, os servidores conduziram Jesus ao

---

[84] João 18: 17 e Lucas 22: 57.
[85] Mateus 26: 71, 73 e 74.
[86] João 18: 26.
[87] Marcos 14: 72.

pontífice Anás, que o interrogou sobre seus discípulos e sobre sua doutrina. Jesus respondeu: *Falei publicamente ao mundo. Ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem os judeus e nada falei às ocultas. Por que me perguntas? Pergunta àqueles que ouviram o que lhes disse. Estes sabem o que ensinei.*

A estas palavras, um dos guardas presentes deu uma bofetada em Jesus, dizendo: "É assim que respondes ao sumo sacerdote?"

Replicou-lhe Jesus: "Se falei mal, prova-o, mas se falei bem, por que me bates?"[88]

Na oitava hora da noite, Anás enviou Jesus a Caifás, que era o pontífice daquele ano. Lá, se reuniram, diante do pontífice, os príncipes dos sacerdotes e a multidão com os escribas, buscando falsas testemunhas contra Jesus, para fazê-lo ser condenado à morte, mas eles não encontraram nada, mesmo que se apresentassem um grande número de falsas testemunhas e muitos prestaram depoimentos, pois eles não concordavam entre eles.

Na nona hora, vieram duas falsas testemunhas que disseram: *Nós o ouvimos dizer: "Eu destruirei este templo, feito por mãos humanas e em três dias edificarei*

[88] João 18: 20-23.

outro, que não será feito por mãos humanas”[89].

Mas Jesus se manteve calado e não respondeu. Então, o príncipe dos sacerdotes se levantou e, de pé, no meio, diante de Jesus, lhe perguntou: *Não respondes nada? O que é isto que dizem contra ti?*[90]

Jesus se manteve calado e não respondeu. Então, o príncipe dos sacerdotes lhe perguntou novamente: *Pelo Deus vivo, conjuro-te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus*[91].

Jesus lhe respondeu e disse: *Se eu vo-lo disser, não me acreditareis e se vos fizer qualquer pergunta, não me respondereis. Mas, doravante, o Filho do Homem estará sentado à direita do poder de Deus*[92].

A estas palavras, o sumo sacerdote rasgou suas vestes, exclamando: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia! Qual o vosso parecer?” Eles responderam: “Merece a morte!”

Cuspiram-lhe então na face, bateram-lhe com os punhos, começaram a tapar-lhe o rosto[93] *e deram-lhe*

---

[89] Marcos 14: 58.
[90] Marcos 14: 60.
[91] Mateus 26: 63.
[92] Lucas 22: 67-69.
[93] Marcos 14: 65.

tapas, dizendo: "Adivinha, ó Cristo: quem te bateu?"[94]

Muitas outras injúrias ainda lhe foram feitas, que não foram escritas e isto durou três horas, até o amanhecer.

Na época em que Jesus quis sofrer por nós, a noite se dividia em doze horas, divididas em quatro vigílias com três horas cada.

Na primeira vigília da noite, Jesus renunciou a ele mesmo e à sua própria vontade, se abandonando à vontade do seu Pai, humilde e obediente, para sofrer de uma maneira ignominiosa, sem escolha, até a morte.

A segunda vigília da noite viu Jesus dar aos servidores dos judeus o poder de prendê-lo, de amarrá-lo e de conduzi-lo acorrentado à casa de Anás.

Na terceira vigília, Jesus suportou sem contradizer, em silêncio e na humildade, as falsas testemunhas e os traidores que o acusaram diante de Caifás, o pontífice. Foi porque Jesus disse a verdade diante do pontífice e da multidão que ele foi desprezado e maltratado por eles todos como um ímpio que tinha blasfemado Deus e que tinha merecido justamente a morte.

Na quarta, Jesus se abandonou livremente a toda a

[94] Mateus 26: 65-68.

multidão, humilde, inocente e paciente, para que eles pudessem desprezá-lo, zombá-lo e cobri-lo com cusparadas o quanto quiseram e que Deus lhes permitiu.

É assim que Cristo quer que nos desprezemos e que o sigamos em todo sofrimento: humildemente, com obediência e abandono à vontade divina, aos servidores do pecado e aos prelados da Santa Igreja, tanto espirituais quanto seculares e a todos aqueles que nos odeiam e desprezam, nos atormentam e perseguem até a morte.

CAPÍTULO 73

O que o Senhor sofreu na hora Prima.

Na primeira hora do dia, os servidores dos judeus conduziram Jesus amarrado ao pretório e o entregaram ao juiz Pôncio Pilatos, mas eles mesmos não entraram para não se mancharem e assim poderem comer o cordeiro pascal.

Pilatos foi então até eles e perguntou: *"Que acusação trazeis contra este homem?"*

Eles responderam: *"Se este não fosse malfeitor, não o teríamos entregue a ti. Encontramos este homem excitando o povo à revolta, proibindo pagar imposto ao im-*

perador e se dizendo Messias e rei”[95].

Pilatos lhe disse: *“Tomai-o e julgai-o vós mesmos segundo a vossa lei”.*

Responderam-lhe os judeus: “Não nos é permitido matar ninguém”[96].

Quando Judas, que o havia traído, viu que Jesus era condenado à morte, ele se arrependeu e devolveu aos príncipes dos sacerdotes e aos anciões do povo as trinta peças de prata pela quais ele havia entregado Jesus e disse: *“Pequei, entregando o sangue de um justo”.*

Responderam-lhe: “Que nos importa? Isto é lá contigo!”

Ele jogou então no templo as moedas de prata, saiu e foi se enforcar[97].

Mesmo que Judas tenha se arrependido do que fizera, ele não buscou o perdão e não colocou sua confiança na misericórdia divina e, por isto, seu arrependimento não lhe beneficiou em nada, de sorte que permaneceu condenado e filho do inferno para sempre.

Pilatos entrou novamente *no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: “És tu o rei dos judeus?”*

[95] João 18: 29 e 30 e Lucas 23: 2.
[96] João 18: 31.
[97] Mateus 27: 4 e 5.

Jesus respondeu: "Dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?"

Disse Pilatos: "Acaso sou eu judeu? A tua nação e os sumos sacerdotes te entregaram a mim".

Respondeu Jesus: "O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam pelejado para que eu não fosse entregue aos judeus. Neste momento, no entanto, meu Reino não é daqui".

Perguntou-lhe então Pilatos: "És, portanto, rei?"

Respondeu Jesus: "Tu dizes que eu sou rei. Eu nasci nisto e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz".

Disse-lhe Pilatos: "Que é a verdade?..." Falando isso, saiu de novo, foi ter com os judeus e lhes disse: "Não acho nele crime algum"[98].

Os judeus clamaram *fortemente: "Ele revoluciona o povo ensinando por toda a Judeia, a começar da Galileia até aqui".*

A estas palavras, Pilatos perguntou se ele era galileu. E, quando soube que era da jurisdição de Herodes,

[98] João 18: 33-38.

enviou-o a Herodes, pois justamente naqueles dias se achava em Jerusalém.

Herodes se alegrou muito em ver Jesus, pois de longo tempo desejava vê-lo, por ter ouvido falar dele muitas coisas e esperava presenciar algum milagre operado por ele. Dirigiu-lhe muitas perguntas, mas Jesus nada respondeu.

Ali estavam os príncipes dos sacerdotes e os escribas, acusando-o com violência.

Herodes, com a sua guarda, o tratou com desprezo, escarneceu dele, mandou revesti-lo de uma túnica branca e o reenviou a Pilatos. Naquele mesmo dia, Pilatos e Herodes fizeram as pazes, pois antes eram inimigos um do outro[99].

Na segunda hora do dia, quando Jesus tinha voltado a Pilatos, este saiu e *convocou então os príncipes dos sacerdotes, os magistrados e o povo e lhes disse: "Apresentastes-me este homem como agitador do povo, mas, interrogando-o eu diante de vós, não o achei culpado de nenhum dos crimes de que o acusais. Nem tampouco Herodes, pois no-lo devolveu. Portanto, ele nada fez que mereça a morte. Por isso, soltá-lo-ei depois de castigá-*

[99] Lucas 23: 5-12.

lo”[100].

Então, todo o povo gritou: *“Crucifica-o! Crucifica-o!”*

Falou-lhes Pilatos: “Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não acho nele culpa alguma”.

Responderam-lhe os judeus: “Nós temos uma lei e, segundo essa lei, ele deve morrer, porque se declarou Filho de Deus”.

Estas palavras impressionaram Pilatos. Ele entrou novamente no pretório e perguntou a Jesus: “De onde és tu?”

Mas Jesus não lhe respondeu.

Pilatos então lhe disse: “Tu não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar?”

Respondeu Jesus: “Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado. Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior”.

Desde então Pilatos procurava soltá-lo. Mas os judeus gritavam: “Se o soltares, não és amigo do imperador, porque todo aquele que se faz rei se declara contra o imperador”.

[100] Lucas 23: 13-16.

Ouvindo estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e se sentou no tribunal, no lugar chamado Lajeado, em hebraico Gábata[101].

Uma boa consciência cheia de graça é nosso paraíso. Na medida em que praticamos a virtude e evitamos o pecado, agradamos a Deus e vivemos no paraíso da nossa boa consciência.

Foi também na hora Prima que o sábio Senhor da Vinha saiu para contratar trabalhadores por um denário ao dia e enviá-los para trabalhar em sua vinha.

A vinha de Deus é a Santa Igreja. O denário por dia é a graça divina dada por Cristo, que é o encarregado da vinha. Os trabalhadores que trabalham sem visar recompensa são pagos primeiros, pois eles são os primeiros na graça e os mais próximos da noite e do descanso da glória eterna, que se compra com os denários da graça. Quem persevera nela terá o Reino de Deus como seu.

Na hora Prima, Jesus entrou no Templo e expulsou todos aqueles que ali compravam e vendiam, dizendo: *Minha casa é uma casa de oração*[102].

Assim, todos aqueles que são avarentos e ganancio-

[101] Jean 19: 6-13.
[102] Mateus 21: 13.

sos e que servem o mundo são incapazes de agradar a Deus, pois eles não podem rezar e nem adorar. Todo o desejo deles vai para as coisas terrenas.

No terceiro dia após sua morte, na hora Prima, Cristo ressuscitou da morte. Isto foi uma grande alegria para todos. Foi a aurora mais alegre que jamais existiu, quando ele se mostrou aos seus bem-amados. Se abandonarmos o pecado e vivermos para ele em todas as virtudes, receberemos sua recompensa.

O ofício da Prima se estende por duas horas.

Quem persevera nas virtudes vive sem medo.

A primeira hora é viver os preceitos de Deus e aderir a ele com amor, pois então não se deseja outra coisa.

A segunda hora é se submeter a toda sua vontade, pois assim se pode progredir sempre na virtude e viver sem tristeza.

CAPÍTULO 74

O que o Senhor sofreu na hora Terça e o que devemos fazer.

Chegamos agora à terceira hora entre as sete e nós a chamamos de Terça, porque é a terceira hora do dia. Este

ofício se estende por três horas: da Terça até a Sexta.

Na primeira hora da Terça, Pilatos procurou um motivo para libertar Jesus da morte. Quando os judeus perceberam isto, disseram a Pilatos: *“Se o soltares, não és amigo do imperador, porque todo aquele que se faz rei se declara contra o imperador”*.

Ouvindo estas palavras, Pilatos ficou com mais medo ainda e *trouxe Jesus para fora e se sentou no tribunal, no lugar chamado Lajeado, em hebraico Gábata*.

Mas, quando os judeus viram Jesus, eles gritaram a uma só voz: *“Fora com ele! Fora com ele! Crucifica-o!”*

Pilatos lhes perguntou: “Hei de crucificar o vosso rei?”

Os sumos sacerdotes responderam: “Não temos outro rei senão César!”[103]

Os príncipes dos sacerdotes e os pontífices começaram a acusar Jesus de muitas coisas. Jesus, no entanto, não lhes respondeu nada, de sorte que o juiz ficou grandemente admirado. Isto foi na sexta-feira, logo antes da sexta hora do dia.

Ora, era costume de, na festa da Páscoa, o juiz entregar ao povo um dos prisioneiros, à escolha deles. Havia

---

[103] João 19: 12-15.

então alguém que tinha sido preso por ter cometido um assassinato e ele se chamava Barrabás. Pilatos convocou então os judeus e lhes perguntou: *"Qual quereis que eu vos solte: Barrabás ou Jesus, que se chama Cristo?"*

Todos clamaram a uma só voz: *"Barrabás!"*

Pilatos perguntou: "Que farei então de Jesus, que é chamado o Cristo?"

Todos responderam: "Seja crucificado!"

Na quarta hora do dia, Pilatos *tornou a perguntar* aos judeus encarniçados: *"Mas que mal fez ele?"*

E gritaram ainda mais forte: "Seja crucificado!"

Pilatos viu que nada adiantava, mas que, ao contrário, o tumulto crescia. Fez com que lhe trouxessem água, lavou as mãos diante do povo e disse: "Sou inocente do sangue deste homem. Isto é lá convosco!"

E todo o povo respondeu: "Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!"

Então, Pilatos pronunciou a sentença. *Libertou então Barrabás, mandou açoitar Jesus e lho entregou para ser crucificado*. Seus servidores *conduziram Jesus para o pretório, arrancaram-lhe as vestes e colocaram-lhe um*

manto escarlate[104]. Com suas varas, golpearam inúmeras vezes todo seu corpo abençoado.

Na quinta hora do dia, fizeram-no sair diante de todo o povo. Pilatos disse então: *"Eis o homem!"*

Mas todos *gritaram: "Crucifica-o! Crucifica-o!"*[105]

Então, toda a multidão se reuniu diante dele.

Trançaram uma coroa de espinhos, lha meteram na cabeça e lhe puseram na mão uma vara. Dobrando os joelhos diante dele, diziam com escárnio: "Salve, rei dos judeus!" Cuspiam-lhe no rosto e, tomando da vara, lhe davam golpes na cabeça, de sorte que seu sangue correu até o chão. *Depois de escarnecerem dele, lhe tiraram o manto e lhe entregaram as vestes*[106].

Ele carregou sua cruz nos ombros e foi conduzido ao lugar chamado Calvário, onde ele seria crucificado.

Neste ofício da Terça, Jesus quer que o sigamos ao tribunal da nossa consciência, para lá vermos e reconhecermos, corrigirmos, desprezarmos e detestarmos tudo o que há de pecado em nós.

Devemos detestar e fugir da aparência fingida da santidade que é sem a prática das virtudes, mas, pelo con-

[104] Mateus 27: 21-28.
[105] João 19: 5 e 6.
[106] Mateus 27: 29-31.

trário, nos mostrar à Verdade Eterna em uma simplicidade sem fingimento e devemos julgar a nós mesmos, nos acusar e confessar todos os nossos pecados e faltas diante de Jesus, nosso Juiz e nosso Pontífice perante nosso Pai celeste e perante nosso confessor, que ocupa o lugar de Deus.

Se lamentamos e nos arrependemos de nossos pecados, devemos ter fé, esperança e confiança firme na misericórdia divina e devemos nos entregar livremente, através da penitência, à justiça divina e a todos os pecadores que nos detestam e nos caluniam, nos condenam, perseguem e flagelam, que nos privam da nossa felicidade e do nosso bem. Devemos nos entregar também a todos os espíritos condenados e aos hipócritas que desejam a própria glória e que nos detestam e a todas as criaturas com as quais sofremos.

Tudo isto, nós suportaremos em silêncio e paciência, para a glória de Deus e como penitência por nossos pecados.

Por outro lado, não detestaremos e não desprezaremos ninguém, seja o que for que nos façam, mas suportaremos todas as coisas por Deus. Isto é avançar no amor.

Observem que é assim que seguimos Jesus e nos as-

semelhamos a ele com nossas virtudes. Assim viveremos nele e ele em nós e ele nos enviará seu Espírito, que ele deu aos seus discípulos na hora Terça, no dia de Pentecostes.

CAPÍTULO 75

O que o Senhor sofreu na hora Sexta, os benefícios que ele nos conferiu e seu testamento.

Naquela hora, os soldados de Pilatos e os servidores dos judeus prenderam Jesus e o conduziram ao lugar impuro do Calvário, onde tinham o costume de levar à morte os criminosos e, como Jesus foi o primeiro sacerdote da cristandade, ele quis que se preparasse o altar no qual ele ofereceria o sacrifício supremo e a mais nobre oblação que jamais fora ofertada ou que ainda deveria ser. Esta oblação é o princípio, o fim e a causa de toda nossa salvação.

Os soldados fizeram então três buracos na cruz do Nosso Senhor e eles tinham levado com eles três grandes pregos, um pouco menores do que um dedo humano. Depois, eles despiram Jesus inteiramente e o colocaram so-

bra a madeira da cruz e pregaram seus dois pés com um só prego na madeira da cruz e os fixaram no buraco inferior.

Eles estenderam suas mãos e seus braços, como se estende um lençol sobre a armação e transpassaram cada uma de suas mãos com prego grande, de cada lado da cruz e assim, eles o ergueram para colocá-lo entre dois ladrões.

Com o sangue precioso que correu de suas mãos e de seus pés, Jesus consagrou e santificou o altar da cruz, sobre o qual, ele serviu Deus e se ofereceu à morte.

Os soldados dividiriam suas roupas em quatro partes, uma para cada soldado. Quanto à túnica, que era tecida sem costura, eles não quiseram dividi-la. Eles tiraram então a sorte para verem com quem ela ficaria.

Depois, Pilatos escreveu um título, contra a vontade dos judeus, acima da cabeça de Jesus: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus*[107].

Os sacerdotes e os anciãos do povo passaram diante da cruz e, ao cuspirem no rosto do Senhor, diziam: *Olá! Tu que destróis o templo e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo! Desce da cruz!*

---

[107] João 19: 19; Mateus 27: 37; Marcos: 15: 26 e Lucas 23: 38.

E eles diziam entre eles: “*Salvou a outros e a si mesmo não pode salvar! Que o Cristo, rei de Israel, desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!*[108] Rei de Israel! Desça da cruz, para que vejamos e acreditemos em você”.

O Sol então deixou de brilhar e o ar se escureceu sobre toda a terra[109]. Outras injúrias e tratamentos indignos lhe foram infligidos em palavras e atos, mas ele se manteve calado e não disse nenhuma palavra. Pregado à cruz pelas mãos e pelos pés, ele quis salvar todos aqueles que buscassem a graça junto a ele.

Por volta da sétima hora do dia, Jesus quis deixar seu testamento, pois o momento de sua morte se aproximava. Elevando os olhos para o céu, ele ofereceu ao seu Pai celeste, em humilde obediência, sua natureza criada, sua vida e tudo o que ele tinha recebido, em um louvor de reconhecimento e ele mostrou aos anjos que ele era o Filho de Deus, Deus e humano, elevado acima de tudo o que Deus criou e segundo sua natureza humana, servidor com os humanos, a serviço de Deus e de todas as pessoas, para a glória de Deus.

---

[108] Mateus 27: 40-43; Marcos 15: 29-32; Lucas 23: 35.
[109] Cf. Mateus 27: 45.

Isto foi para nós uma alegria nova, tal como não houve antes e um testamento novo, que deveria permanecer eternamente. Ele nos amou antes que existíssemos e foi por isto que ele nos criou à sua imagem e semelhança, para que lhe retribuíssemos o amor por toda a eternidade e isto é para nós também um novo e eterno testamento que nos torna santos e bem-aventurados.

Ele nos ensina também, com suas ações, que ele concede a todas as pessoas o que elas precisam para o corpo, pois ele criou o céu e a terra e todas as criaturas juntas para as necessidades de todos, para que todos amem e sirvam somente a ele, acima de tudo e usem a elas mesmas e a todas as criaturas, ordenando-lhes o louvor e assim, elas conquistam a vida eterna.

Ele propriamente demonstrou um amor maior ainda para com todas as pessoas, pois desceu do alto dos céus a este exílio, onde ele tomou a natureza de todos nós e nos ensinou. Ele viveu e trabalhou por nós até a morte, por causa dos nossos pecados, para que, em troca, detestemos o pecado até a morte e o amemos e guardemos seus preceitos.

Jesus, Deus e humano, busca a salvação do mundo inteiro, pois ele quer salvar todas as pessoas e não quer

perder nenhuma. Aqueles que desejam o que ele deseja serão todos salvos e, com este objetivo, ele deu a toda humanidade uma vontade livre, uma natureza inteligente e uma inclinação para seu princípio, que é Deus.

Esta é a aliança eterna de Deus, praticada desde o início do mundo, pelos anjos e as pessoas. Jesus renovou esta aliança em seu tempo, enviando seus Apóstolos, seus Doutores, seus Profetas pelo mundo inteiro, para testemunhar e ensinar que ele veio como Redentor e Salvador de todas as criaturas.

Aqueles que querem acreditar livremente nele, serem batizado em sua morte, se confiarem a ele, amá-lo e servi-lo serão todos salvos, pois ele é o Filho de Deus e sua graça está pronta para todos aqueles que querem ir a ele. Mas os incrédulos e aquele que o desprezam, bem como a seu Pai celeste, que rejeitam a lei cristã e os preceitos divinos e que servem o mundo, os pecados, o demônio, sua carne e persistem nisto até a morte, estão todos condenados.

Quem escolhe Cristo como objeto do seu amor é eleito, mas quem o rejeita é condenado para sempre. Este é o testamento que Jesus deixou comumente para todos no mundo inteiro.

No dia em que Jesus terminou seu testamento e o confirmou, colocando nele o selo de sua morte, um grande número de escritores chegou de todos os países e de todas as línguas, pois isto foi a maior festa de todo o ano. Eles observaram e escreveram o que viram da Paixão do Senhor e da grande maravilha que aconteceu naquele dia, mas nem todos seus escritos foram recebidos pela Santa Igreja.

O Evangelho escrito pelos quatro Evangelistas foi anunciado, pregado e espalhado pelo mundo inteiro e foi recebido com fé por toda a santa cristandade.

CAPÍTULO 76

Seis espécies de pessoas que pecam contra o Senhor Jesus.

Fiquem agora atentos e escutem, se querem viver para Deus e guardar o testamento do Senhor.

No dia em que Jesus morreu por nossos pecados, havia seis espécies de pecadores, opostos a Deus e a Jesus em muitas maneiras. As três primeiras espécies de pecadores receberam a graça e o perdão de seus pecados com a morte do Senhor. As três outras espécies, aquelas que

rejeitaram Jesus e sua morte e persistiram neste pecado, estão todas condenadas.

Observe então, escolha e reflita bem de que lado você quer viver e morrer, pois as seis espécies de pecadores, que pecam de seis maneiras, reinam ainda no mundo, na medida em que Deus o permite.

Os primeiros pecadores opostos a Jesus foram seus próprios discípulos, que fugiram para bem longe quando os servidores dos judeus o prenderam e amarraram. Eles tinham, no entanto, amor pela humanidade do Senhor, já que tinham deixado tudo e tudo desprezado para estarem com ele.

Mas a angústia e o medo deles foram tão grandes que o coração deles e os sentidos deles foram golpeados, distraídos e resfriados pelo medo da morte. Assim, eles caíram. No entanto, todo o amor deles não abandonou suas almas e permanecerá para sempre.

Essa queda, de fato, foi permitida por Deus, por causa do fruto que mais tarde sairia dela. Faltou a eles o espírito da força divina, que obteria a vitória sobre todas as coisas. Eles hesitaram na fé, pois o espírito da sabedoria divina, que ilumina todas as coisas, lhes fez falta.

Faltou a eles também o espírito de caridade perfeita,

que consome e expulsa todo medo. Assim, eles ficaram com medo e preocupados até o dia de Pentecostes, quando então receberam o Espírito Santo.

Mesmo que eles tivessem abandonado Jesus, este não os abandonou, mas ficou com eles e lhes enviou anjos e mensageiros e se manifestou a eles de muitas maneiras. Assim, eles permaneceram sempre com esperança e temor, esperando o Espírito Santo, o consolador da salvação eterna, que lhes havia sido prometido.

Esta primeira espécie de pecadores, pelos quais Jesus morreu por amor, são as pessoas de boa vontade que seguem Jesus com intenção correta e um amor sincero. Eles são simples, inocentes, mansos e humildes de coração. Se eles caem no pecado, por causa da fraqueza em seu amor, a grandeza da tentação, o medo da morte ou as más companhias, eles não persistem por muito tempo no pecado, pois a santa Escritura os censura e os corrige externamente, ao mesmo tempo em que o Espírito Santo divino os chama e os estimula interiormente, em seus corações. É como se eles tivessem bebido veneno e não pudessem encontrar a tranquilidade e o repouso antes de tê-lo vomitado.

A segunda espécie de pecadores opostos a Jesus no

dia do seu martírio foi a dos soldados de Pilatos e dos servidores dos judeus, que o prenderam, o amarraram, o flagelaram, o crucificaram e o levaram à morte. Eles foram forçados a isto por seus chefes, de sorte que foram obrigados a fazê-lo, embora tivessem piedade dele e isto fosse contra a vontade deles, pois eles hesitaram e temeram que ele fosse o Filho de Deus.

Para estes, Jesus rezou para seu Pai celeste, pois eles não sabiam o que faziam. Ele foi ouvido, pois, depois de sua morte, eles receberam a graça. Mas, para aqueles que sabiam bem que faziam o mal, que eram maus e invejosos, sem temor e maliciosos, que flagelaram Jesus, o golpearam, o crucificaram e o levaram à morte sem piedade, para estes, Jesus não pediu que obtivessem o perdão.

Esta abominável espécie de pecadores existe ainda nos nossos dias. São aqueles que perseguem, golpeiam e aprisionam os bons, que tomam e roubam tudo o que podem alcançar, sem medo do inferno ou da morte. É o mundo mau que despreza Jesus e seus membros e pelo qual Jesus não roga, já que essa gente é incapaz de receber a graça divina. Esta vida será seguida, para eles, pela pena do inferno e a tristeza eterna.

A terceira espécie de pecadores foram os assassinos crucificados com Jesus. Ao querer morrer no meio deles, Jesus mostrou que ele não rejeitava nenhum pecador. Ele não veio para condenar, mas para salvar todos os pecadores, que ele chama todos à penitência e à sua graça e sua morte tem mais valor do que todos os pecados e ela dá a vida eterna a todos aqueles que se arrependeram por suas faltas, fazem penitência e têm fé nele.

Mas o ladrão crucificado à esquerda do Senhor era mau e ímpio e desprezava o Senhor e ele teria cometido ainda mais pecados se tivesse vivido por mais tempo. Ele não tinha o verdadeiro arrependimento por suas faltas e nem a vontade de não mais cometê-las. Ele não acreditava que Jesus fosse o Filho de Deus e, ao olhá-lo com impiedade e desprezo no coração, ele disse: *Se és o Cristo, salva a ti mesmo esalva a nós!*

Jesus se manteve calado e não lhe respondeu, porque seu pedido não era espiritual, bom e nem razoável. O outro ladrão, pelo contrário, o que estava à direita, lamentava seus pecados e censurou seu companheiro dizendo: *Nem sequer temes a Deus, tu que sofres no mesmo suplício? Para nós isto é justo; recebemos o que mereceram os nossos crimes. Mas este não fez mal algum.*

Então, ele se voltou para Jesus com um coração humilde e com voz queixosa e pediu: *Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres chegado ao teu Reino!*

Jesus o olhou como se ele tivesse sido sempre fiel e amigo e lhe disse: *Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso* [110].

Um dos pecadores foi assim justamente recebido na misericórdia divina. Quanto ao outro, Jesus o entregou à justiça de Deus.

Esta má espécie de pecadores permaneceu ainda entre nós até os dias presentes. São os incrédulos que não respeitam Deus, que não temem o inferno e que não têm esperança pelo céu. Eles ridicularizam a Paixão, a morte e os sofrimentos de Cristo, o Filho de Deus, com suas blasfêmias ímpias e grosseiras, com suas vidas de luxúria, interna e externamente, com seus crimes e suas palavras vergonhosas.

Aqueles que, sem lamentar e nem confessar seus pecados, permanecem nesta morte, não obterão jamais a graça.

A quarta espécie daqueles que pecaram contra o Senhor foram os pontífices e os sacerdotes dos judeus, os

[110] Lucas 23: 39-43.

escribas e os anciões do povo, que eram todos externamente pessoas espirituais e discípulos de Moisés, que ele havia feito sair do Egito com o poder de Deus.

Eles eram orgulhosos, desobedientes, maus, invejosos, avarentos e gananciosos, pois adoravam um bezerro de ouro que tinham fabricado, os ídolos dos gentios e os bezerros que Jeroboão, o rei de Israel, tinha mandado fabricar[111].

Eles desprezaram Moisés, Aarão e a Lei divina, para observar a lei dos gentios e rejeitavam os Profetas que lhes anunciavam e ensinavam a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e tudo o que ele sofreria e suportaria nas mãos deles. Eles não quiseram que Jesus os instruísse ou censurasse seus pecados. Por ódio e inveja, eles compraram Jesus para levá-lo à morte e o fizeram porque ele era oposto a eles, em sua vida e em sua doutrina.

No entanto, havia ainda, naqueles tempos, bons prelados, bons sacerdotes e muitas pessoas de bem, cujas vidas estavam conformes com as prescrições da Lei judaica e é o mesmo em nossos tempos. Há ainda um grande número de bons prelados, de bons sacerdotes e outras pessoas virtuosas, discípulos de Cristo e sucessores dos

[111] Cf. 1 Reis 12: 28-30.

Apóstolos em suas vidas, suas palavras e suas ações.

Numerosos são, todavia, os prelados, os sacerdotes e os clérigos que, mesmo que devam governar a Santa Igreja e mesmo que vivam do patrimônio que Cristo adquiriu com seu sangue, desprezam Cristo, sua vida e seu ensinamento, para servirem, voluntária e conscientemente, o demônio, o mundo e a carne.

Embora eles conheçam a Escritura santa, eles não possuem o Espírito de Deus e são, então, semelhantes a Judas. Eles são incrédulos, inimigos de Deus e infiéis, pois, acima de Deus, eles preferem o dinheiro e o ouro e as dignidades do mundo; ídolos aos quais eles se consagram dia e noite. Tudo o que está em poder deles e mesmo tudo o que ultrapassa o poder deles está à venda aos ricos que lhes trazem dinheiro.

Não era assim na origem da fé cristã, quando, após Cristo e seus discípulos, um grande número de papas, de bispos, de sacerdotes e de santas pessoas desprezaram o mundo, pregando, com seus ensinamentos e suas vidas, a verdade e a fé cristã, no mundo inteiro. Estes eram humildes, cheios de caridade, pacientes no sofrimento. O mundo inteiro os desprezou e os detestou, mas eles eram cheios de misericórdia e fiéis a todos, rezando pelos ami-

gos, pelos inimigos e por aqueles que os perseguiam e os levavam à morte.

Grande foi a perseguição e ela durou numerosos anos. Mas Deus operou, através deles, maravilhas, prodígios e milagres tão grandes que seus inimigos acabaram cedendo, pois essas maravilhas aconteciam diante dos olhos de imperadores, de reis e de príncipes do mundo, de sorte que eles ouviam a verdade, davam fé a ela e se faziam batizar na fé cristã.

Eles deram então, à Santa Igreja, uma grande liberdade e honraram os sacerdotes e o sacerdócio acima de qualquer outra dignidade. Eles fundaram igrejas e mosteiros, dando grandes benesses e altas dignidades àqueles que estavam à serviço de Deus e assim, a religião cresceu e chegou a uma grande honra e a Santa Igreja cresceu e floresceu, produzindo grandes frutos de santidade e de virtude.

Enquanto os prelados da Santa Igreja e os sacerdotes permaneceram humildes e amaram a pobreza, mesmo não a possuindo mais; enquanto eles viveram para Cristo, o amaram e o serviram, externamente e na intimidade, Cristo reinou sobre eles e a Santa Igreja esteve em honra e em paz com todos.

Mas quando os prelados e os sacerdotes se ergueram e se comprazeram com eles mesmos, por causa da riqueza e da honra que lhes era dada, desprezaram Deus e seu serviço, foi Satã que reinou sobre eles, pois eles se tornaram orgulhosos, avarentos, gananciosos e sem misericórdia para com seus súditos, como eu disse acima.

Eles compravam e vendiam a herança de Cristo, como fazem ainda em nossos dias. Isto é a simonia, que existe em quase toda parte. Bispados, abadias e ricas prebendas, é preciso comprar, de tanto que é grande hoje em dia o poder do dinheiro e do ouro, acima mesmo de Deus, da justiça, da graça e dos preceitos divinos.

Os bons sacerdotes são vasos de santidade, superabundantemente cheios com os dons celestes, porque são puros de alma e de corpo, sóbrios e moderados em todas as suas necessidades. Eles são ordenados para o serviço do Senhor, de quem eles carregam a imagem em seus corações, para a meditação cotidiana de sua Paixão, de sua morte, de sua fidelidade e do seu amor.

Intermediários entre os pecadores e Deus, eles são cheios de misericórdia e de benevolência para com todos que precisam deles e oferecem, para os vivos e para os mortos, ao Pai celeste, o Jesus que sofreu e que morreu

por amor. Com uma devoção ardente, eles rezam e intercedem, junto a Deus todo poderoso, por todas as necessidades da santa cristandade e para o que lhe é útil

Jamais eles buscam a complacência de alguém para obter consolação ou bens temporais, mas eles desejam unicamente a glória de Deus e a salvação de todos. Cristo lhes confiou o tesouro e o benefício da Santa Igreja, ou seja, os sete sacramentos, que eles dispensam e dão a todos, conforme suas necessidades, à maneira e a ordenação da Santa Igreja, sem vendê-los ou exigir alguma recompensa. Estes são os ricos dons de Deus que Cristo concedeu e deixou ao seu povo na Santa Igreja, como lei e norma da santidade e da honestidade de costumes em todos os estados da vida.

Os bons sacerdotes são um espelho para a Santa Igreja e para todas as pessoas de bem que querem levar uma vida racional e sábia. Para os olhos, eles dão o bom exemplo. Para os ouvidos, as boas palavras. Para o olfato, a boa fama de uma vida santa.

O santo sacramento é de bom gosto na boca daqueles que estão com saúde. Às almas nobres, seus sacerdotes dão também um alimento e uma bebida eternos, que são o corpo e o sangue de Cristo. Ou seja, àqueles que têm

fome e sede, que suspiram e languescem, que estão feridos de amor. Este alimento e esta bebida eternos conservam o espírito amoroso com saúde.

Aqueles que amam Deus são sempre mansos e alegres de coração, de sorte que tudo os beneficia para o bem.

Agora, com todos os anjos e todos os santos, prestemos homenagem a Cristo e adoremo-lo, assim como a seu Pai celeste. Isto nos colocará incessantemente ao abrigo de um dano eterno.

A quinta espécie de pecadores que o Senhor entrega à morte foram os dois reis pagãos e o juiz infiel, também pagão. O primeiro desses reis foi Herodes, que, em nome do imperador, reinou na Judeia e em Jerusalém quando Jesus nasceu. Ao ouvir que o rei dos judeus tinha nascido, ele se afligiu muito e todo seu povo com ele, pois ele temia perder seu reino, porque era um estrangeiro e aquele reino não lhe pertencia de direito.

Tendo sabido que Cristo nasceria em Belém, a cidade de Davi e da descendência de Judá, ele esperou ainda algum tempo e enviou então seus soldados, seus servidores e seu povo, para imolar em Belém e em seus arredores, todos os menininhos que não tivessem ainda a idade

de dois anos. Assim, Herodes foi o primeiro que, desde o nascimento de Jesus, procurou levá-lo à morte.

Mais tarde, veio seu filho, que também se chamava Herodes, rei da Galileia na época em que Cristo sofreu e morreu por nós. Foi este Herodes que levou à morte São João Batista, por causa de sua virtude e de sua justiça e, depois da morte de Cristo, o apóstolo São Tiago, irmão de São João Evangelista e quando Pilatos prendeu Cristo, ele o enviou acorrentado a este Herodes, para ver o que ele lhe faria. Mas Herodes o reenviou amarrado a Pilatos, com desprezo e zombaria, para que ele o crucificasse.

Ele foi o segundo rei, este Herodes da Galileia, que entregou Cristo à morte. Este mau espécime de pecador reinou longos anos ainda após a morte de Cristo, entre os imperadores, reis, pagãos e os judeus que perseguiram Cristo até à morte e todos aqueles que acreditaram nele.

Cristo, a Sabedoria Eterna de Deus, ordenou bem todas as coisas no céu e na terra, dividindo seu reino entre bons e maus. Aos maus, seus inimigos, ele deixou a terra, com todas as riquezas do mundo, pois eles são seus irmãos bastardos nascidos na natureza humana com ele, segundo sua humanidade, mas estes são os enviados e os servidores do anticristo. Eles são ímpios e infiéis à Cristo,

seu irmão e aos seus servidores.

Àqueles que acreditam nele e que o servem, Cristo deu e prometeu o Reino dos Céus, do qual ele é o ornamento, com toda sua glória. Neste mundo, no tempo, ele ornamentou e encheu com múltiplos dons espirituais aqueles que o servem e que lhe pertencem.

CAPÍTULO 77

Três dons que Deus, pelo mérito da Paixão, confere aos seus eleitos e três modos de amor perfeito.

O primeiro dom que Cristo concede aos seus eleitos é uma fé sincera que não conhece dúvida. A fé cristã é o fundamento de toda santidade e de todas as virtudes. Quem ama Deus e acredita nele sente em seu espírito uma beatitude constante que ninguém pode retirar.

O segundo dom espiritual que Deus dá aos seus fiéis é uma sabedoria celeste que faz conhecer toda a verdade e graças à qual se despreza o mundo e tudo o que poderia encher a alma com imagens e impedi-la de se recolher, de amar, de conhecer e possuir Deus em uma absoluta simplicidade.

O terceiro dom é uma força interior, por meio da qual se domina toda afeição descontrolada. Ele confere um triplo modo de amor que eleva a pessoa até Deus, que a dirige e a aperfeiçoa em todos os modos de virtude e de santidade, segundo a caríssima vontade de Deus.

O primeiro modo é o amor sentido por Deus. Ele despreza o prazer e a satisfação e tudo o que é desordenado na prática do amor a Deus e estabelece a pessoa em uma humilde resignação e um desprazer consigo mesma e com um desejo ardente que a faz clamar: “Senhor, ajudai-me para que eu vos ame”.

Quanto mais ela clama e deseja, mais ela ama. Quanto mais seu prazer de amar é grande, mais ela encontra prazer e este desejo e este prazer lhe penetram o coração e os sentidos, a alma e o corpo.

Deus convida todas as pessoas e as ordena amar aqueles que ouvem sua voz e lhe obedecem respondendo: “Senhor, dai-me vossa graça e ajudai-me, para que eu possa vos amar”.

Quem ama não é mercenário. Ele não busca recompensa e nem ganho, mas ele ama por amor. Quanto mais ele recebe dons de Deus, mas ele se torna pobre, pois todos os dons exigem um retorno. Quanto mais ele come

alimentos celestes, mais ele tem forme. Quanto mais ele bebe, mais ele tem sede. Quanto mais ele desfruta, mais ele deseja, pois o coração amoroso permanece vazio e insaciável, jamais satisfeito. Mas, receber assim e dar de volta é o começo dos costumes do amor.

O afluxo dos dons é tão grande que ele inunda a vida sensorial. Os sentidos não podem suportar as delícias da alma, mas o coração amoroso deseja morrer para a glória de Deus e o benefício da santa cristandade. A vida sensorial fica na embriaguez e não conhece mais medida. Mas, quanto mais ela fica inebriada, mas a faculdade inteligente é perspicaz e sábia. Ela despreza toda vontade própria, dizendo: “Senhor, faça de mim tudo o que desejardes”, pois ela não prefere a vida, nem a morte e nada em particular.

Os sentidos então desfalecem nessas delícias e no sentimento e prazer que eles sentem. Eles ficam subjugados e sem força, pois não podem compreender os fluxos da graça divina.

A alma racional se esquece, com todas as virtudes distintas e se esvai diante da majestade divina. Ela só conhece então o amor sentido e reverência por Deus.

Este é o primeiro modo dos exercícios do amor e da

vida espiritual. Tudo o que Deus pode dar, fora ele mesmo, a alma não valoriza, pois ela se abandonou, com todas as coisas e só escolheu Aquele que lhe escapa.

Aqui começa o segundo modo dos exercícios de amor. O Espírito de Deus diz nele à alma amorosa: “Dê-se a mim que eu me dou a você”.

Então a alma cai em um totalmente humilde abaixamento abaixo de tudo o que é criado e diz: “Senhor, não minha glória, mas a vossa glória é que deve ser propiciada”.

Este humilde abaixamento é a habitação de Deus com todos os seus dons e ele mostra, à alma amorosa, sua grandeza eterna acima de todos os dons e de tudo o que é criado.

Aquele que, acima dos preceitos, quer viver segundo os conselhos divinos deve se renunciar e se abandonar humildemente abaixo de todas as criaturas, no humilde rebaixamento em que Cristo vive e nós com ele.

A vida de Cristo foi sempre e ainda é um humilde abaixamento. Aquele que vive por ele, vive do espírito de força, domina todas as coisas e permanece insensível, em seu fundo, à alegria e à dor, ao ganho e à perda. Ele não despreza ninguém e se deixa de bom grado desprezar.

Ele porta e suporta todas as coisas em seu coração, sem se comover. Cristo permanece nele e é por isto que ele o faz gerar grandes frutos de virtude e lhe mostra a altura infinita onde ele habita com Cristo em Deus, acima de todos os dons, acima de toda virtude e de todo ser criado.

As práticas relacionadas a ele são o louvor e a ação de graças, o respeito e a reverência para com Deus. Mas ele não pode cumpri-los plenamente, pois seu espírito desfalece no amor e morre em Deus e é reduzido a nada. Mas ele recomeça incessantemente e sem trégua essas mesmas práticas.

Este é o mais elevado modo de amor e de práticas para com Deus no humilde abaixamento. Ele vence o mundo e todos os pecados, pois Cristo vive nele com o espírito de força e, na altura infinita, ele vive com Cristo em Deus e sente nele mesmo uma beatitude que nada pode perturbar.

Este é o segundo modo de amor perfeito segundo a caríssima vontade Deus e ele permanece para sempre e não perecerá jamais, nem no tempo e nem na eternidade.

Em seguida vem o terceiro modo de amor, que está oculto para todos aqueles que não estão aniquilados no

exercício do amor. Aqui, o Espírito da Sabedoria de Deus ensina e mostra e faz sentir o que é a unidade de amor com Cristo em Deus e a diferença com Cristo, quando se está em eterna reverência diante de Deus. Unidade no amor não pode se tornar diferença e nem diferença pode se tornar unidade. Assim, ambas estão separadas em um mesmo espírito.

A diferença é bem-aventurada em sua postura diante de Deus e sua contemplação em reverência eterna. A unidade com Deus no amor é beatitude, repouso e prazer por toda a eternidade. Isto é o mais elevado modo que se pode sentir neste mundo, no tempo, por meio da graça e da misericórdia de Deus e ele é consumado e eterno, com Deus, na glória divina.

Todos aqueles que são nascidos de Deus são herdeiros e filhos legítimos de Deus. Eles são batizados no Espírito Santo e no sangue vivificante de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim, eles são nascidos novamente e vivem com Cristo em Deus.

Mas os filhos naturais que são nascidos da carne e do sangue são filhos de Deus segundo a natureza. Mesmo que eles sejam nascidos para seu Reino, eles desprezam Deus e o Reino dos Céus, preferindo o mundo e tudo o

que é perecível, porque eles não são nascidos novamente do Espírito Santo. Eles não podem ver e nem possuir o Reino de Deus, pois desprezam e odeiam os filhos legítimos, que são nascidos de Deus.

Isto pôde ser observado desde o início do mundo, pois Adão teve dois filhos e o mau perseguiu o bom com seu ódio por causa da sua virtude. Abraão também teve dois filhos. Ismael, o bastardo, odiava o filho legítimo, Isaac. Isaac teve dois filhos: Esaú e Jacó. Jacó teve um grande número de filhos e eles odiavam e desprezavam o virtuoso José.

Os bastardos lutam entre eles e disputam o reino do mundo. Um rei combate outro, um estado faz guerra a outro, as famílias, os vizinhos e as pessoas se batem entre eles. Aqueles que são poderosos e ricos têm filhos ilegítimos e servidores e muitas vezes desprezam sem motivo o inocente e dizem aos seus bastardos e aos seus servidores: “Vão, cortem-lhe o pé e a mão. Furem-lhe os olhos. Retirem-lhe a vida e tudo que ele possui”.

Esta é vida dos bastardos que são mais poderosos e mais ricos do as outras pessoas. Eles são cruéis e sem piedade, semelhantes ao demônio. Dificilmente eles buscarão e encontrarão misericórdia.

Os filhos legítimos de Deus, que são nascidos de Deus, não fazem mal a ninguém. Eles são sem malícia e sofrem e suportam todo o mal que lhes fazem. Eles pedem e desejam a salvação para seus inimigos, assim como para todas as pessoas. Assim, eles vivem em paz e em descanso, com Deus, no tempo e na eternidade.

Todos aqueles que estão mortos para eles mesmos, para suas próprias vontades e para toda propriedade, para a caríssima vontade de Deus, encontram neles mesmos a vida eterna e uma beatitude sem fim. Eles são elevados acima da repugnância, acima do atrativo, acima de toda virtude e prática de amor, no repouso sem imagem. Lá, eles receberam a riqueza sem fundo e a liberdade sem entrave que lhes permite praticar todas as boas ações exteriores e se recolherem em todas as virtudes e práticas de amor, pois eles permanecem imóveis neles mesmos, fixos com Deus em uma unidade de amor que ninguém pode lhes tirar.

Eles habitam em Deus e Deus neles e, então, eles estão assegurados da vida eterna, pois, por amor, eles como que escaparam deles mesmos, estão perdidos para sempre e ninguém pode mais alcançá-los. Assim, eles têm a certeza da vida eterna e ninguém pode lhes arrebatá-la e

eles não podem cair no pecado mortal, por causa dessa habitação divina que eles sentem, que eles possuem e que experimentam neles, dia e noite. Todos os seus pecados veniais são consumidos nesse retorno amoroso para Deus, quando eles possuem a unidade de amor com Deus, sem obstáculo e que não pode lhes ser levada por ninguém.

Este modo de vida não pode ser ensinado a ninguém, pois ele é oculto e desconhecido. Mas aqueles a quem Deus o dá e que são capazes dele, podem recebê-lo. Estes são aqueles que, por meio da graça divina, renunciam a eles mesmos e permanecem em Deus e no amor essencial sem imagens. Eles encontram o Reino de Deus neles, pois no espírito deles, vive a revelação divina e Deus se manifesta no pensamento elevado deles acima das imagens.

Chama-se isto de vida contemplativa. A riqueza nela é grande e imensurável. Lá brilha o dia do amor, que somente Deus pode dar e que, neste mundo, não pode ser expresso em palavras.

A caridade perfeita compreende dois modos. O precedente é o modo mais elevado de amor que se pode viver, assim como foi explicado acima. O amor é consuma-

do nele e em Deus ele é amado sem fim.

Outro modo de viver e de amar que se acrescenta a ele é aquele que Deus impõe de maneira rigorosa a todas as pessoas, ou seja, que ele deve ser amado acima de tudo o que ele criou.

Este modo de amor foi praticado por Cristo segundo sua natureza humana. Ele no-lo ensinou em palavras e em ações. Ele morreu por este amor e ele o levou com ele para o céu. Os anjos, os santos e todos os justos o praticam e ele durará eternamente.

A caridade perfeita é enraizada e estabelecida em Deus e é o próprio Espírito Santo que é seu fundamento.

A alma racional compreende por natureza, a razão ensina, assim como a pura natureza, a santa Escritura e todas as criaturas, que Deus deve ser amado acima de tudo.

A alma racional que faz a escolha de amar Cristo acima de todas as coisas possui nela a vida de Cristo com todos os seus dons e ele lhe ensina a verdade e todas as virtudes.

A caridade para com Deus é de tão grande peso que ela prevalece sobre todas as coisas e é tão agradável a Deus que, se ele lhe desse, em troca dela, tudo o que ele

criou, ele não daria suficiente recompensa e ela não poderia ficar satisfeita se não possuísse Aquele que ela ama acima de tudo.

A alma racional é semelhante a um negociante que busca pérolas preciosas e quando ele encontra uma, ele vende tudo o que tem e compra essa preciosa gema. Quem ama Deus acima de tudo encontrou a pérola. Ele despreza facilmente tudo o que ele pode amar e o que o impede de amar Deus acima de tudo.

Amar Deus acima de todas as coisas é o tesouro dos anjos, dos santos e das pessoas perfeitas. Ele está escondido no campo da sabedoria de Deus.

O dom da sabedoria de Deus mostra o tesouro do amor à alma, tesouro que a sabedoria do mundo não pode encontrar, pois a sabedoria do mundo é loucura perante Deus e, em seu tempo, ela se transforma em tristeza eterna. A sabedoria de Deus ensina o amor eterno e propicia a glória e a beatitude por toda a eternidade.

A alma racional possui três maneiras de viver para Deus. O modo mais elevado é aquele do puro amor pelo qual o espírito é unido a Deus sem imagens. O espírito que é nascido de Deus fez um retorno nele e encontrou a beatitude eterna. A partir de então, lhe é impossível cair

em pecado mortal.

O segundo modo consiste em que a alma racional se eleva para Deus em ação de graças, louvor e reverência. Ao fazer isto, ela não pode também cometer pecados, assim como a árvore boa não pode dar frutos maus, pois aderir a Deus com amor, homenagem e respeito é a vida eterna, que recebe Deus e não pode morrer.

A pessoa racional que busca e que ama Deus e que deseja viver segundo a caríssima vontade de Deus em todas as virtudes, segundo o discernimento, está enraizada em Deus e é nascida de Deus. Ela produz múltiplos frutos de virtudes, de amor e de práticas, pois Cristo vive nela através de sua graça e ela opera com ele o que é de preceito, assim como o que é de conselho.

Essa pessoa começa pelo humilde rebaixamento, a obediência dócil, a mansidão clemente. Ela é inocente e justa, desejosa de cumprir prontamente a caríssima vontade de Deus e não é má e nem cruel para ninguém. O retorno amoroso para Deus lhe é fácil. Ela vive na caridade. Seja o que for que lhe façam, ela não pode odiar. Ela suporta a injustiça sem murmurar e permanece paciente em todas as coisas. Incessantemente, ela deve crescer e subir na caridade e na virtude. Ela ama os pecadores e

detesta os pecados, como exige a justiça divina. Para todos, ela é afável, prestativa e benfazeja, pois nela vive o espírito de misericórdia. Ela é íntima e unicamente unida a Deus para sempre. Lá, ela encontrou a paz e a felicidade. Ela não pode morrer, cair em corrupção e nem pecar mortalmente, pois ela vive em Deus e Deus nela, de maneira imutável. Seus pecados veniais lhe são facilmente perdoados, pois sua prática é vida eterna.

CAPÍTULO 78

Três modos de prática da vida eterna.

A prática da vida eterna tem um triplo modo: dois modos espirituais e um modo sensorial. Cristo colocou os três modos em prática e ele os ensinou aos Apóstolos durante sua vida e os ensina ainda a todos aqueles que o seguem e que renunciam a eles mesmos. Ele conduz seus discípulos, com ele, ao céu, para seu Pai celeste e este lhes ensina a escolher e tomar por eles, com Cristo e nele, o que ele mesmo escolheu para a vida eterna.

Cristo lhes ensina a agradecer com ele, a louvar, a servir e a amar o Pai celeste com um respeito infinito e a possuir, com ele e com seu Pai celeste, a unidade do Espí-

rito Santo, para desfrutar dela na beatitude eterna.

Este é o encerramento do amor: pensar sem imagens e praticar o puro amor em um repouso eterno.

Este é o primeiro modo espiritual ensinado por Cristo e no qual possuímos a sublime natureza divina. No segundo modo espiritual, Cristo nos faz descer com ele e nos ensina a morrer para nós mesmos e para nossa vontade própria, através de uma humilde resignação perante o livre querer divino, de sorte que ninguém mau ou cruel pode nos descobrir.

Cristo dá seu espírito, sua vida e seu sentimento virtuoso àqueles que o servem com suas virtudes, sem fraquejar. Seu espírito é comum a todos aqueles que se mantém puros do pecado e que o servem com respeito. A vida eterna lhes está preparada. Sua vida consiste em viver para Deus e em suportar a injustiça sem murmurar e nem se queixar. Isto é o que Cristo dá àquele que pode carregá-lo.

O sentimento virtuoso que ele confere consiste no humilde rebaixamento abaixo de todas as pessoas, em pedir e desejar a salvação para todos, em viver e morrer para cumprir a justiça divina. Aqueles que o seguem assim lhe são semelhantes.

Ele quer que sejamos obedientes, dóceis, submissos e pacientes até a morte. Aqueles que vivem assim, para ele, se alimentam com o pão celeste. Ele quer que sejamos de costumes honestos e que realizemos boas obras. Então, estaremos sempre em paz com ele.

Ele quer que sejamos razoáveis e discretos e todos os vícios nos virão com desgosto. Ele quer que sejamos dóceis, escutando de bom grado as palavras de Deus. Tanto externa quanto internamente, elas nos são um meio de combater os pecados e de adquirir todas as virtudes.

Ele quer que tenhamos relações com todas as pessoas de bem, com uma só vontade e uma caridade unânime com eles. Então, encontraremos, com ele, toda verdade e toda virtude.

Não devemos ser grosseiros e nem mal humorados, mas mansos de coração, com um espírito alegre, uma alma generosa, cheios de virtudes e de boas ações para com todos aqueles que precisam de nós. Então, ele nos dá seu espírito de misericórdia, que flui em múltiplos rios. Aqueles que bebem dele são benevolentes, jamais desprezam alguém sem razão e nem oprimem ou cometem violência, injustiça ou tristeza, mas arranjam todas as coisas da me-

lhor forma.

Estes são os discípulos do Senhor que são capazes de ensinar e de aprender, de corrigir, de consolar e de dirigir os outros, de repreendê-los e de levá-los a todas as virtudes, pois eles são cheios das graças de Deus.

Cristo suporta e tolera o pecador em seus pecados, mas as pessoas de boa vontade estão unidas a ele em amor.

O pecador que busca e deseja a graça é querido e agradável a Deus. Mas o pecador que despreza Cristo e sua graça e vive assim até o fim não pode encontrar perdão junto a Deus.

Outros trazem uma aparência devota e se acreditam os discípulos de Cristo.

Os melancólicos, os fracos e que não podem suportar nada têm a alegria e a dor. Em muitas coisas, eles são maus e cruéis e alguns mais particularmente. Muitas vezes, eles têm sofrimento e tristeza. Se eles fossem de alma simples, eles não teriam nada disto.

Deus, nosso Pai celeste, ao criar a natureza humana, deu a todos a liberdade e a faculdade de escolher livremente, de se afastar e de retornar, de fazer o bem ou o mal e esta é a mais alta nobreza da nossa natureza.

Deus e, com ele, todos os santos e todos os anjos querem que nos voltemos para ele através do amor, a ação de graças e o louvor e ele quer nos conceder a graça de podermos fazê-lo.

Ele quer e ordena que lhe demos ações de graças e louvores. Com esta condição, somos seus discípulos e ele nos dá a vida eterna. Mas, aqueles que desprezam sua vontade, seus preceitos e sua graça, para servir o demônio, o mundo e a carne, sua justiça os entrega ao fogo eterno e à pena do inferno.

Aqui está a distinção entre o bem e o mal, a aversão e a conversão dos discípulos de Deus e dos discípulos de Satã.

Além disto, Deus dá ordem a todas as pessoas para praticarem a caridade mútua, a fidelidade e a justiça entre elas. Esta lei e este preceito têm seu princípio em Deus e permanecem eternamente.

Aqueles que, desde o princípio do mundo, amaram, honraram e adoraram Deus, encontraram e possuem a beatitude eterna. Aqueles que se afastaram dele, que adoram a madeira ou a pedra e as estátuas que fabricam estão condenados por toda a eternidade. Aqueles que amam todas as pessoas por Deus e por sua graça são os discípu-

los do Senhor, cheios de graça e de misericórdia.

Mas os discípulos de Satã são impiedosos e cheios de malícia. Eles agem como bandidos, matam, roubam, lutam e são cheios de ações más.

Alguns trazem um exterior devoto e querem ser os discípulos de Cristo, mas são maus e sem piedade, melancólicos e fracos, incapazes de qualquer virtude. Eles injuriam, se enraivecem, brigam, mentem, xingam, blasfemam e não podem se corrigir de seus vícios.

Há outros ainda que têm desrespeito pelos outros e demonstram isto com palavras, com procedimentos, com um silêncio afetado, com sinais e atitudes de desprezo e são todos vasos vazios de graça e cheios de pecado. Eles abandonaram Deus e são todos discípulos de Satã e rejeitados por Deus.

Cristo ordena aos seus discípulos que o amam e o servem que suportem e sofram toda injustiça, sem murmurações ou queixas. Assim, eles podem, em Deus, obter toda beatitude e, com todos os santos, o júbilo eterno.

Alguns discípulos ainda não estão mortos em Deus. O Reino de Deus lhes está oculto. Eles ainda têm medos, preocupações e se afligem grandemente com muitas coisas. Se eles fossem discípulos perfeitos, eles não teriam

nada de tudo isto. Eles não querem o mal a ninguém, não têm nenhuma intenção de causar humilhações e nem prejudicar quem quer que seja, diminuir ou desprezar ninguém, mas eles são fracos e ficam deprimidos facilmente.

Cristo dá sua graça aos seus discípulos. Ele quer que eles desprezem as coisas terrenas, que sigam seus conselhos, que se observem atentamente, que abandonem o pecado e, ao purificarem assim seus espíritos, ele pode progredir neles.

Eles desprezarão a eles mesmos e confessarão perante Deus seus pecados e eles os revelarão ao sacerdote sem escondê-los ou desculpá-los e, sem hesitarem, eles colocarão em Deus suas confianças. Isto é um sinal de verdadeiro arrependimento.

Com uma caridade sincera, eles lhe renderão graças, o louvarão e começarão a prática das virtudes. Aqueles que agirem assim terão a vida eterna.

Cristo lhes mostra sua bondade sem fim, a graça que flui dele e sua habitação com eles pela eternidade. Isto aumenta neles o verdadeiro arrependimento, a esperança e a confiança. Diante de sua face e cheios de respeito, eles praticam o amor ardente, conhecem toda a verdade e, com ele, eles amam todas as pessoas, pela beatitude eter-

na.

Eles não podem brigar e nem discutir com ninguém, mas eles suportam em silêncio todas as coisas. Se eles se comportarem assim, eles são sábios e prudentes e têm a facilidade para toda virtude.

As pessoas que têm o espírito orgulhoso e que não domaram seus próprios sangues ficam rapidamente irritadas. Aqueles que têm esta atitude, toda a vida deles transcorre na adversidade.

Aqueles que não buscam e nem amam Deus são cegos em seus conhecimentos. Eles não podem se superar e toda a vida deles é uma loucura.

Aqueles que não têm desprazer com eles mesmos e que possuem de bom grado preocupações estranhas têm frequentemente um sentimento de alegria e de tristeza. Eles são, com relação a todas as virtudes, sem disposição e têm muitas vezes dores e descontentamentos.

Se eles estivessem mortos para eles mesmos, eles não sofreriam. De bom grado, eles se queixam dos outros, mas se eles olhassem para eles mesmos, eles ficariam em silêncio e suportariam tudo e viveriam preocupados com eles mesmos e com Deus, suportando tudo sem tristeza.

Aqueles que se desagradam com eles mesmos, con-

fessam e reconhecem seus pecados são abençoados por Deus.

Jesus nos deu sua morte, pela qual ele comprou a vida eterna, para que nós a ofereçamos ao seu Pai celeste e, desde então, seremos todos filhos de Deus pela graça.

Muita gente que exalta ela mesma não suporta ninguém acima dela. Eles têm uma vontade própria e orgulhosa e preferem suas próprias opiniões a das outras pessoas. Estes não são nascidos de Deus e raramente a vida deles é sem tristeza e dor, pois eles querem dominar os outros, ensiná-los, fazer observações e querem ser seguidos em suas opiniões. Se lhes recusam isto, eles se irritam.

Quando eles encontram aqueles que são semelhantes a eles, eles têm que se injuriar e brigar, pois um não quer ceder ao outro. De bom grado se queixam e não suportam nada. Esta é a vida deles: mentir, ameaçar, ter o rosto altaneiro, xingar e blasfemar, pois eles não passam de vãos vazios.

Ser infiel e sem arrependimento é viver em oposição com a caridade.

Mas a humildade, filha de Cristo é morta para ela mesma, sábia e prudente. Ela espezinhou o mundo e sabe

suportar pacientemente toda injustiça, o que a faz subir incessantemente na virtude. Ela se encarregou de sua própria cruz e segue Cristo com suas boas ações. Ela sabe suportar tudo e seguir Cristo até a morte. Aqueles que agem assim terão uma grande recompensa. Eles esperarão, se preparando, com o fim de encontrar a vida eterna com Cristo. Nada pode atingi-los. Eles estão fixos no repouso com Deus e ninguém pode perturbá-los. Eles se compadecem com as necessidades de todos. É por isto que eles são amados pelos ricos e pelos pobres e Cristo lhes promete a vida eterna. Ele não pode mentir e, portanto, ele lhas dará.

São generosos e ricos aos olhos de Cristo aqueles que servem os pobres com todo seu poder.

Deus, nosso Pai celeste, é uma fonte de graça sem fundo. Ele fez o céu e a terra e todas as criaturas. Ele enviou seu Filho em nossa natureza, para nos purificar dos pecados e nos levar com ele à sua glória.

Cristo, nosso amigo eterno, nos serviu com sua morte. Ele quer nos comunicar seus méritos, se com ele usamos da graça. Sua vida nos foi descrita, assim como suas palavras, seu ensinamento e a maneira como ele viveu. Ele quer que o sigamos sem parar jamais.

Sua vida sensorial foi inocente, ele suportou fome, sede, calor e frio, dor e labor. Sua vida interior foi sábia, contemplando distintamente toda a verdade. Sua fidelidade, seu amor se derramaram em graça. Sua vida contemplativa foi acima de toda altura e consistiu em agradecer e em louvar seu Pai, em honrá-lo e em amá-lo com um respeito infindável. Sua vida passiva foi submetida à vontade do seu Pai e nas mãos dos seus inimigos, com grande paciência, disposto a morrer e a viver, ao mesmo tempo em que a tudo suportar numa submissão absoluta.

Sua vida perfeita foi um abandono voluntário nas mãos do Pai até a morte. Sua Paixão foi a efusão do seu sangue, seu alimento. Sua bebida foi vinagre misturado com fel. Tudo suportar e carregar pacientemente. Morrer, enfim, em humilde obediência.

Ele nos legou, para depois da sua partida, por pura caridade, sua carne viva e seu sangue precioso. Podemos comer e beber e celebrarmos a memória dele com um gosto penetrante.

Ele nos dá sua alma gloriosa, cheia de beleza, de glória, de dons que podem nos encher de graças e benesses. Ele nos dá seu espírito criado, que nos faz merecer a vida eterna. Ele nos dá também seu Espírito incriado, que é

um só Deus com ele e com o Pai celeste, que penetra e inunda todo nosso interior com suavidade divina. Aqueles que o servem sentem a doçura eterna. Tudo o que ele é e tudo o que ele pode, ele nos deu.

Mas, ser Deus e humano em uma só pessoa, isto ele não pode comunicar a quem quer que seja, pois essa majestade e essa nobreza são somente dele. Há um só Cristo, que é Deus e humano em duas naturezas. É ele que devemos amar, agradecer e louvar por toda a eternidade.

Ele nos deu sua divindade, acima de todo ser criado e sua superessência, que possuímos na beatitude eterna, acima de nós mesmos e em nós mesmos. Se você quer ter esta experiência, saiba que lá termina toda razão e lá a vida é sem labor.

Estas são as regras de Cristo, sua doutrina e sua vida. Se quisermos segui-lo, ele nos ensinará toda a verdade. Ele nos mostrará, no Reino do seu Pai, seu ser glorioso. Ele quer que, com ele, carreguemos seu jugo e que amemos tanto os bons quanto os maus, para o serviço de Deus e para sua graça.

O jugo do Senhor é doce e suave. Ele é o resgate de todos os pecados. O fardo de Cristo é leve no peso. Tudo o que ele encarrega, ele ajuda a carregar.

Ele envia seus discípulos ao mundo, *como ovelhas no meio de lobos*[112]. Eles não querem dominar ninguém. Eles são os menores, na opinião deles. Os que vivem com orgulho não podem entrar para o meio deles, mesmo que o mundo inteiro possa beneficiá-los. Eles se humilharam como Cristo e se tornaram os servidores do mundo inteiro. Este é o estado mais elevado, com toda verdade e justiça. Eles não são avarentos. Eles abandonaram todas as coisas terrenas. Eles não são gananciosos. Mesmo que eles sejam pobres em riquezas, com Deus, eles dão ao céu e à terra tudo o que eles têm. Eles não são irritáveis. Eles não buscam se vingar. Tudo o que lhes fazem de mal é logo esquecido. Neles, o ódio e a ira não podem entrar, pois eles são nascidos de Deus. Isto é uma extração nobilíssima, rica em virtudes e de grande poder. Eles ocupam o lugar mais humilde. Todas as pessoas de bem, com eles, ficam melhores. Com Cristo, eles morreram para eles mesmos em uma humilde submissão. Eles foram engolidos e se refugiaram, com todos os espíritos amorosos, na beatitude sem fundo.

Aqui começa o terceiro modo de vida eterna nos exercícios sensoriais da verdade sem fim.

---

[112] Mateus 10: 16.

A razão iluminada por Deus ordena às pessoas que dominem e rejam a vida dos sentidos e que as ordenem para a glória do Senhor e, por causa disto, elas odeiam e desprezam todas as inclinações desordenadas da natureza: bem-estar, prazer, satisfação, consolação e complacência com todas as criaturas. Elas dão, à parte inferior, como a um servidor, o que lhe é necessário. Elas são sóbrias e puras. Elas servem a Deus somente, com suas boas ações e permanecem bem ordenadas até a morte. Ver, ouvir, sentir, degustar, tocar, provar são meios de servir a Deus sem diminuir o fervor. Elas usam seus sentidos para as boas obras com as quais elas servem a Deus e que lhes servem até a morte. Isto é uma grande sabedoria. Elas desprezam e odeiam as inclinações desordenadas da natureza, o que é de todo necessário, pois aqueles que desprezam Deus e obedecem aos sentidos, para sua própria comodidade, seu prazer, suas delícias, são piores do que os mortos.

As pessoas iluminadas por Deus amam as virtudes e as boas ações, com as quais elas servem a Deus e servem a elas mesmas e às outras pessoas, de muitas maneiras. Todos seus pecados veniais lhes são facilmente perdoados, pois elas estão unidas a Deus através do amor. Reen-

trar em Deus por amor e sair para as boas obras lhes é igualmente fácil, pois estão unidas a Deus acima da alegria e da dor.

Toda fraqueza neste vale de lágrimas se transforma e se consuma em amor e em retorno para Deus, pois suas virtudes e boas obras são inúmeras.

Essas pessoas obtiveram a vitória acima da luta. Os que as invejam estão errados.

CAPÍTULO 79

O triplo modo de uma vida santa e cristã.

A Sabedoria Divina, a vida de Jesus Cristo e as santas Escrituras nos ensinam três modos segundo os quais toda vida perfeita é praticada. O primeiro modo é sensorial, praticado e dominado pela razão. O segundo modo é espiritual e é praticado na razão e na sabedoria. O terceiro modo está acima da razão e ultrapassa toda razão.

Estes três modos têm um fundamento que é mais profundo que o inferno, mais alto do que o céu, mais largo do que o mundo, mais longo do que a eternidade. Este fundamento nos ensina que precisamos amar Deus acima de tudo o que ele criou e nós mesmos, por ele e nele e to-

das as pessoas como nós mesmos.

O primeiro modo, segundo o qual vivemos para Deus, nos é comum com os animais. Este modo não faz adquirir méritos, mas é o ornamento sensível da natureza racional.

A inclinação dos sentidos e da natureza arrastam o prazer e o desejo e é matéria de pecado venial. A inclinação descontrolada e desordenada oposta à natureza, à razão e à lei divina é matéria de pecado mortal.

Consentir em se afastar de Deus e se voltar com prazer e satisfação para as criaturas é pecado mortal.

O desgosto por Deus, o prazer e a ocupação voluntária com as coisas terrenas é desprezar Deus e se tornar incapaz de servi-lo e isto é preguiça.

O primeiro pecado em uma vida voltada para os sentidos é buscar o prazer e a satisfação na comida e na bebida, nas roupas, nas consolações, nas facilidades, nas complacências das pessoas. Isto é falta de sobriedade e gula.

Aqueles que servem suas barrigas têm suas barrigas como deuses. Aqueles que servem as inclinações impuras da carne, consentindo com imagens impuras, desprezam Deus e se colocam à serviço do demônio e do pecado. Eles

estão sepultados em uma vida impura.

Essas pessoas são completamente nascidas da carne. Elas não podem desfrutar da virtude, da verdade e nem da vida que pertencem a Deus.

Mas aqueles que são nascidos de Deus novamente possuem um fundamento eterno que triunfa de todo pecado e de tudo o que é contrário a Deus. Eles servem a Deus com suas vidas sensoriais. Eles detestam tudo o que Deus detesta neles. Eles desprezam a aversão por Deus e amam a volta para Deus. Eles desprezam todo desejo descontrolado dos sentidos. Eles colocam seus sentidos a serviço de todas as boas ações segundo a vontade divina e a ordenação da Santa Igreja cristã e eles sabem suportar tudo o que Deus permite para eles: vergonha, tratamento indigno, desprezo, doença, enfermidade e tudo o que pode acontecer no tempo. Tudo isto sem resistência em um humilde abandono. Eles não podem querer outra coisa diferente do que Deus quer, pois, pelo amor, eles estão tão firmemente unidos a Deus que eles são incapazes de desprezá-lo e de abandoná-lo, para servir o demônio em pecado mortal, pois, pela fé, eles são nascidos de Deus, filhos livres, filhos da graça e não da natureza. Eles venceram o mundo, ou seja, os pecados do mundo. Cristo

vive neles e eles nele. Com ele, eles morreram em Deus e sua vida está escondida do mundo e eles ressuscitaram com ele e vivem com ele no céu diante do seu Pai celeste. Eles desfrutam e buscam as coisas eternas. Eles deixam e desprezam tudo o que é deste mundo. Eles experimentam uma liberdade sem coerção em Deus e uma caridade perfeita que não pode se enganar.

A caridade vive em uma liberdade sem coerção e a liberdade, em uma caridade eterna. A caridade em um espírito puro só serve a Deus e ela é livre de qualquer pecado. Sua filha é a caridade que se pratica e se dá a todo mundo. Ela vive nas forças da alma. Ela deve servir todo mundo em virtudes e em amor. Ela é cheia da graça divina.

Este era o estado dos Apóstolos, quando eles receberam o Espírito Santo. Ninguém, dali por diante, pôde mais coagi-los. Eles não temiam mais a morte, as preocupações, a dor e nenhuma necessidade.

Assim eram os mártires, os confessores e as virgens desde o início. Eles preferiam morrer com Deus em amor a possuir o mundo no luxo, contra a vontade de Deus e contra seus preceitos. Eles eram livres e libertos pelo espírito. Nem a alegria e nem a dor ou qualquer criatura

podiam arrastá-los para o pecado, pois eles tinham encontrado e possuíam a caridade perfeita neles.

Quem quer sentir e descobrir em si mesmo a caridade perfeita deve desprezar e odiar o que se opõe a ela pelo pecado, ou seja, os sete modos que combatem contra a caridade e lhe são contrários.

CAPÍTULO 80

Dez espécies de vícios que se opõem à caridade de Cristo e lhe são contrários.

A primeira espécie é a má vontade que é disposta a todo pecado. Ela é a raiz e o princípio de todo mal. Ela não pode ir para o céu e quem morre neste estado deve permanecer eternamente com o demônio no inferno.

A segunda espécie de pecados é a santidade fingida, em que se quer parecer bom. Isto é uma perda de tempo. Estes querem agradar as pessoas e não temem desagradar a Verdade Eterna. Eles se parecem com os fariseus, com os hipócritas e também com Judas, que traiu Jesus, com todo o mal que eles praticam. Os que permanecem neste estado e morrem assim serão condenados por Jesus, que os julgará com toda a justiça.

A terceira espécie de pecados é o desespero e o desprezo pela graça divina. Essas pessoas pecam contra o Espírito do Senhor e contra sua misericórdia. Se alguém permanece neste estado e morre assim será eternamente odiado e rejeitado por Deus e por todos os santos.

A quarta espécie de pecados que é contrária à caridade é o orgulho espiritual que faz com que se deseje ser elevado acima de todas as pessoas, em honraria, em reverência e em dignidade. Essa gente despreza os inocentes e lhes demonstram, com palavras e atos, o desdém delas. Eles têm o espírito humano e tudo o que eles querem lhes parece bom. Eles querem que suas opiniões sejam seguidas, senão, eles se encolerizam. Eles querem ensinar, censurar, corrigir, dominar acima de todas as pessoas que não seguem seu beneplácito. Eles são ansiosos, facilmente irritáveis e ficam imediatamente aflitos. Eles são, aos próprios olhos, mais sábios e prudentes do que os outros, o que é um obstáculo à qualquer virtude.

O orgulhoso Satã, que vivia inicialmente no céu, não queria ceder a ninguém, mas, ao querer se assemelhar a Deus e dominar com ele, foi jogado para fora com todos os seus companheiros e caiu no inferno.

Mas Jesus, que é o Filho de Deus e da Virgem Mari-

a, é ele que devemos, com justiça, louvar e bendizer. Ele desceu do céu e assumiu nossa natureza humana. Ele é nosso servidor e nosso amigo por toda a eternidade. Ele nos serviu com sua morte. Ele sofreu a morte amarga para nos livrar de todo mal. Esta é sua honra eterna e sua glória é imensuravelmente grande. Se nós o servirmos, ele nos conduzirá com ele para junto do seu Pai.

Em seguida vem a quinta espécie, que é contrária à caridade. É a ira, o ódio e a inveja. Esta é uma falsa trindade. Ela é rejeitada e amaldiçoada por Deus por toda a eternidade, pois, a esses pecadores faltam a caridade mútua e a fidelidade para com todas as pessoas, como é preciso possuir, com Deus, por toda a eternidade.

A ira vem da natureza e de uma má compleição. A raiva é um pecado no sentimento que reside em sentidos não dominados. O ódio é um pecado no espírito, que se alimenta por muito tempo em uma vontade perversa e a inveja desenfreada é um pecado diabólico, fortemente enraizado no espírito, fonte, causa e princípio de toda perversidade e de todo pecado.

A raiva, a pronta irritação, a indignação, a injúria, a malícia e a crueldade são inábeis para qualquer virtude. Os que se entregam a controlar, julgar e reprimir sentem

mágoa em muitas coisas. Se eles fossem mansos e amassem Deus, eles não sentiriam nada disto. Eles ruminam e guardam por muito tempo, em suas lembranças, o mal que lhes fizeram. Eles querem se vingar e não esquecer e dificilmente eles perdoam, o que não é vantajoso para a virtude. Eles fazem uma prece de julgamento e de condenação a eles mesmos, quando rezam o Pai Nosso.

A ira mantida por muito tempo sem arrependimento e nem desprazer se transforma em ódio. Ela é rejeitada e detestada por Deus, pois é um pecado do espírito que Deus despreza. Ela se opõe, de fato, à graça e à caridade. Se alguém morre neste pecado, é rejeitado por Deus.

A ira e o ódio são filhos da inveja, que é a mãe de todo mal. Ela é incapaz de se dominar. Ela deve invejar e odiar e sempre desejar vingança. Ela quer sempre se vingar, sem jamais perdoar. Ela não tem nenhum medo do inferno, nem nenhuma esperança pela vida eterna e, por isto, ela vive nas trevas e não tem nenhum poder para buscar ou desejar a misericórdia divina. Ela está acorrentada e engolida em uma malícia sem fundo. Ela é possuída pelo inimigo e esquecida pela misericórdia divina.

Mas tudo o que é impossível ao ser humano é possível a Deus e à sua misericórdia. Cristo é nossa caridade.

Ele nos ensina a amar sem medida e a viver e morrer em sua misericórdia. Sua graça é imensa. Ela nos livrou da morte eterna e quer nos dar sua beatitude sem fim.

Em seguida vem a sexta espécie de pecados que mantém muitas pessoas amarradas e cegas pela ignorância. É a ganância e a avareza, duas irmãs. A ganância quer sempre tomar e a avareza não quer dar de bom grado e assim, elas devem viver reunidas no pecado.

É contra a honra de Deus que vive a ganância, pois ela zomba de Deus e ama o dinheiro e o ouro e as coisas terrenas como suas divindades.

A avareza é contrária à liberalidade divina, que inunda todo o mundo com sua riqueza. Seja o que for que Jesus louve ou aconselhe, ameace ou prometa; seja o que for que se pregue ou que aconteça; o que for que se ouça ou que se veja, a avareza fecha sua bolsa e não se cura disto. Ela fechou seu coração para a misericórdia e sua bolsa, exteriormente, para os pobres.

Gananciosos e avarentos não podem entrar no Reino celeste, pois eles não vestiram *a veste nupcial*[113]. Eles são condenados e rejeitados por Deus, pois vivem sem a caridade.

---

[113] Cf. Mateus 22: 2-13.

O bom e doce Jesus chamou para ele discípulos que tinham confiança nele e que o buscavam. Ele abriu amplamente os braços, pois quer abraçá-los e tomá-los para ele. Ele abriu amplamente seu lado e seu coração, pois quer alojá-los ali, para que eles ali habitem em paz e sem medo. Ele inclinou sua cabeça sobre a cruz, porque quer nos beijar e nos unir a ele por toda a eternidade. Lá, toda tristeza é apaziguada e esquecida em beatitude. Ele se deu no santo sacramento; sua carne, seu sangue, sua alma, sua vida, seu espírito, sua divindade. Lá é a vida eterna acima do trabalho. A ele foi dado, por seu Pai celeste, todo poder, no céu e na terra, sobre todas as criaturas e seu poder durará para sempre. Ele busca e ama o louvor e a glória do seu Pai, assim como a salvação de nós todos. É então com justiça que devemos louvá-lo, agradecê-lo, amá-lo e servi-lo por toda eternidade.

Em seguida vem a sétima espécie de pecados graves para onde conduzem os vícios impuros. Aqueles que são culpados deles desprezam Deus e Jesus seu Filho e eles não são aptos a nenhuma virtude. Eles amaldiçoam, juram, mentem, blasfemam contra Jesus e seu Pai celeste. Eles vivem sem temor e fora da graça. Juras inconvenientes, palavras e ações impuras e crimes enormes é o que

eles fazem seguindo os conselhos do demônio. Eles zombam de Cristo, de sua Paixão, de sua morte, do seu transpassamento, de suas chagas sagradas, de tudo o que ele suportou por seus pecados. Eles são piores do que o demônio, pois a maldade deles é sem freio. Eles concebem e imaginam o pior que podem encontrar sobre Jesus. Toda a vida deles não passa de sujeira voltada contra Deus e a salvação eterna. Assim, eles são amaldiçoados pela justiça divina.

A oitava espécie de pecadores são os mercenários que servem Deus para o ganho e benefício próprios deles, o que não pode atrair a graça. Eles dizem que não serviriam Deus se não lhes fosse dada nenhuma recompensa. Eles rejeitam a coroa da verdadeira caridade. Eles não desfrutam da doçura preparada para os amantes de Deus, ignoram o que é o retorno íntimo para Deus, assim como amá-lo e a seus princípios. Eles amam a eles mesmos, contra a razão e isto é se afastar de Deus em pecado. Se eles morrem neste estado, eles serão malditos. Eles não encontraram a veste da verdadeira caridade.

A nona espécie de pecadores são aqueles que foram derrotados pelo demônio e sua própria carne. Eles vivem segundo seu próprio sangue em muitos pecados: pregui-

ça, impureza, gula. Tudo isto afasta de Deus para uma vida bestial, que não passa de preguiça para com Deus, incredulidade, sonolência, repouso desordenado do corpo fora da necessidade e sem razão. Mesmo que eles tivessem a caridade, ela secaria.

Buscar a gula na comida e na bebida é uma delicadeza suave. Aqueles que se entregam a isto só possuem desprezo e repulsa pela sobriedade em todos os seus sentidos.

Imagens desonestas no interior e sentimentos impuros nos sentidos; prazeres sentidos com palavras grosseiras; convívio imprudente com pessoas pouco virtuosas; tudo isto é motivo de perda da pureza; é servir o demônio e a carne com a impureza. Estes desprezam Deus, seu poder e seu serviço e vivem em contradição com Deus na cegueira da ignorância. Aqueles que vivem e morrem neste estado são rejeitados e detestados por Deus e precipitados com o demônio nas trevas do inferno.

Mas aqueles que buscam e desejam a graça de Deus, que detestam e desprezam o prazer desordenado dos sentidos e do corpo e que, apoiados na graça, servem Deus até o fim receberão, de todas as coisas, o perdão, pois eles não se aproximam muito tarde.

A segunda espécie é a das pessoas de boa vontade que vivem da graça de Deus, que seguem Cristo e que desprezaram e abandonaram todas as coisas. Eles amam Deus e seus preceitos e se dedicam às boas ações que são praticadas na Santa Igreja. No entanto, eles podem cair em pecados graves, já que não estão mortos para eles mesmos em Deus e não deram e nem rejeitaram suas próprias vontades pela livre vontade de Deus e nem também a liberdade de natureza que receberam de Deus pela liberdade que é o próprio Deus. É por isto que eles sentem muitas vezes alegria e dor, angústia e preocupação, dúvida e temor, medo de ir para o inferno e de serem condenados. Eles querem viver para eles mesmos e para Deus. Eles são ocupados e assoberbados com muitas coisas. De bom grado, eles gostariam de receber de Deus muitas consolações e graças sensoriais. Se ele não as concede, eles caem facilmente na frieza e sob o império de grandes tentações do demônio, do mundo e da carne, podendo cair em pecado mortal.

Vemos a prova disto na vida dos Apóstolos que foram grandemente elevados por Cristo. Eles preferiam viver com ele neste exílio a morrerem com ele em sua glória sem fim. Quando eles ficaram angustiados com a mor-

te, todos eles fraquejaram e São Pedro, que era o mais ardente deles na fé, sob o domínio da angústia e do medo da morte se sentiu esfriar, pois havia dito a Jesus: *Senhor, estou pronto a ir contigo tanto para a prisão como para a morte*[114]. A voz de uma mulher o tornou tão tímido que ele disse __ com grande medo, jurando e negando por três vezes __ não conhecer Jesus.

Assim agiram todos os Apóstolos que amavam Jesus. A angústia e o medo permaneceriam com eles até o dia de Pentecostes, quando Jesus lhes deu seu Espírito de caridade perfeita. Então, a partir do momento em que receberam seu Espírito, ninguém mais podia coagi-los. Eles tinham vencido todo o medo deles e estavam prontos para morrer da maneira que Deus quisesse, permitisse e lhes ordenasse. Cristo vivia neles e eles nele e todos queriam manter sua morada no outro. Assim eles permaneceriam unidos com Deus.

Este modo pertence a todos os santos que estão mortos para eles mesmos em Deus, por amor. Eles não poderiam abandonar Deus, pois tinham encontrado nele a caridade perfeita que é Deus e não temiam ninguém. Eles vivem no espírito, sem angústia, medo, preocupação

[114] Lucas 22: 33.

ou tristeza qualquer. Eles têm, no espírito deles, o testemunho do Espírito de Deus de que eles são filhos eleitos de Deus; testemunho que ninguém pode lhes tirar, pois experimentam em seus espíritos a vida eterna.

Estas palavras, eu as escrevi muitas vezes, mas deixo minha própria opinião e me submeto à Verdade Eterna e à fé da santa cristandade, assim como aos doutores que, iluminados pelo Espírito Santo, explicaram a santa Escritura. No entanto, o que sinto deve permanecer em mim. Não posso afastar do meu espírito. Então, mesmo que eu pudesse ganhar o mundo inteiro, eu não poderia duvidar ou desconfiar de Jesus, como se ele quisesse me condenar. Se ouço o contrário, então quero mesmo me calar. Sobre virtudes e vícios, eu não quero mais escrever.

CAPÍTULO 81

Quatro ornamentos que Deus, pelo mérito da Paixão, concede àqueles que vivem na caridade perfeita.

Para aqueles que vivem na caridade perfeita, Deus concedeu e legou quatro ornamentos que não pertencem comumente a todas as pessoas de bem, mas aqueles que

Deus escolheu podem perceber e compreender seu modo celeste.

O primeiro modo, que Deus ama acima de todos, onde começa toda santidade, só é conhecido a fundo por poucas pessoas.

Nosso Pai celeste dá, com seu Filho, aos seus eleitos, o humilde abaixamento não forçado que pode suportar tudo no espírito e que permanece para sempre abaixo de tudo, sem coerção. Ele pode tudo suportar sem murmurar ou se queixar. Ele deve sempre crescer em virtudes e em boas ações, pois Deus permanece nele com todos os seus dons.

O segundo modo é, sob todos os aspectos, de grande valor. O Pai, com o Filho, dá aos espíritos ocultos uma amplidão de amor sem medida, que preenche todos os nobres vasos. Ela é chamada de caridade e transborda sem medida. Ela é o começo e a causa de todas as virtudes. Abra bem sua boca e você a desfrutará. Ela está em tudo, sem estar encerrada em nada, fora de tudo, sem ser inapreensível. Ela ensina a amar sem descanso, pois ela prende com ela aqueles que vivem dela.

O terceiro modo celeste é a unidade com o Pai e o Filho e com todos os bem-aventurados no Espírito Santo.

Esta é a maior festa no céu e na terra: desfrutar de Deus sem fim. É por isto que ele alimenta e dá de beber a todos os seus servidores.

A fruição de Deus é um fluxo espiritual de Deus em nós e de nós em Deus.

A mesa sobre a qual tomamos a refeição é a presença divina. Todos recebem nela o alimento que ele preparou. São as virtudes e todas as boas ações oferecidas a Deus e enviadas com antecipação. Elas estão presentes lá, perante Deus e todos os santos.

Cristo está sentado na mesa e ele quer comer com todos. Seu amor, suas virtudes, sua fidelidade, sua vida, sua morte sofrida por amor a nós, nada é esquecido. Lá, há grande alegria sem medida e vida eterna sem morte. Lá, cada um tem, em particular, segundo o serviço que prestou. Mas a alegria acidental lhes é comum. Aqueles que estão sentados à mesa são todos puros.

O quarto modo, que é altura acima de todos os modos, é oferecido a todos os espíritos amorosos. É ultrapassar todo ser criado, para entrar na superessência da divindade. Lá, temos sono, repouso e habitação com Deus e com todos os santos, na beatitude eterna, acima de toda distinção.

Assim está terminado e consumado o testamento de Cristo, que deve permanecer por toda a eternidade. Cristo é misericordioso e justo. A cada um ele dará o que lhe cabe. Ele legará aos maus sua justiça e, aos bons, sua misericórdia e isto permanecerá e durará, para eles todos, eternamente.

Cristo escreveu e selou este testamento com seu sangue precioso e o confirmou com sua morte abençoada. Aqueles que acreditarem nele, ele conduzirá para junto do seu Pai.

CAPÍTULO 82

O que o Senhor sofreu na hora Nona e como sua santíssima Mãe ficou aflita.

Foi na oitava hora que Jesus foi erguido na cruz em uma grande tristeza. Seu corpo estava rígido, ressecado e vermelho de sangue e ele viu sua Mãe e o discípulo que ele amava de pé junto à cruz e ele disse à sua Mãe: *Mulher, eis aí teu filho*. E, ao discípulo que ele amava, ele disse: *Eis aí tua mãe*[115]. Este recebeu a nobre Virgem sob

[115] João 19: 26 e 27.

sua guarda, como se ela fosse sua própria mãe, pela graça e por natureza.

Então Maria, a Mãe de Jesus, se entristeceu e a espada da dor e da compaixão transpassou sua alma e seu corpo, seu coração e seus sentidos, como se ela devesse morrer.

Quando Jesus a viu, ele enviou seu Espírito e ele a fez se lembrar das palavras do anjo Gabriel, que seu Filho se chamaria e seria o Filho do Deus onipotente, que ele se sentaria no trono de Davi seu ancestral, que ele reinaria eternamente com Deus na casa de Jacó e que seu Reino não teria fim e ela se lembrou de seus milagres e das palavras que ele havia dito desde o início, assim como aquelas dos Profetas e das santas Escrituras. Que Jesus, seu Filho sofreria e morreria pelos pecados e a salvação de toda a humanidade e o Espírito de Deus lhe deu uma tão grande caridade que, de bom grado ela mesma morreria, se isto fosse possível, com a mesma morte amarga, para a salvação e para a causa de toda a humanidade.

Se os buracos tivessem saltado das mãos e dos pés do seu Filho, ela os teria fixado novamente, para o perdão dos nossos pecados.

Ela se apoiou nos braços de João. Ela tinha alegria

interior e uma grande paz, sabendo que ele lhe permaneceria pela vida eterna.

Quando o ladrão que foi crucificado à direita do Senhor viu e ouviu isto, ele gritou com uma voz bem forte: *Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres chegado ao teu Reino!*

Jesus então lhe disse: *Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso*[116].

O ladrão acreditou nele, pois seu sentimento era correto e sábio e Jesus disse com uma voz humilde: *Tenho sede*[117].

Então, os servidores dos judeus pegaram uma esponja embebida de vinagre e fel, a prenderam a uma cana e apresentaram esta esponja diante de sua boca. Mas, quando ele experimentou esta bebida, ele não quis beber. Depois, ele clamou com uma voz forte: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*[118]

Então, ele repassou em seu espírito tudo o que Deus havia eternamente previsto e ordenado a seu respeito e tudo o que os Profetas tinham dito e testemunhado sobre ele desde o início do mundo e a isto ele respondeu em seu

---

[116] Lucas 23: 42 e 43.
[117] João 19: 28.
[118] Mateus 27: 46.

espírito: *Tudo está consumado*[119] e, inclinando a cabeça sobre o peito, disse: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!*[120]

Quando ele pronunciou estas palavras, seus olhos fraquejaram, seu coração se partiu e ele entregou seu espírito para a glória do seu Pai. Isto se passou na nona hora do dia, que chamamos de Nona.

A terra tremeu e as pedras se partiram. O véu que havia no Templo se rasgou em duas partes. Muitos mortos ressuscitaram dos túmulos e se apresentaram a um grande número na cidade santa.

Havia lá então um centurião, um nobre personagem que tinha cem soldados com ele. Quando ele viu e ouviu estas maravilhas, ele disse: *Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!*[121]

Todo o povo que estava lá presente ficou apavorado e, com todos se batendo no peito, retornaram à cidade.

---

[119] João 19: 30.
[120] Lucas 23: 46.
[121] Mateus 27: 51-54.

CAPÍTULO 83

Como foi transpassado o lado de Cristo e a descida da cruz.

Na décima hora do dia, que chamamos Véspera, os judeus foram a Pilatos e lhe pediram a permissão para quebrar as pernas daqueles que estavam na cruz, para que eles pudessem morrer mais rápidos e fossem retirados da cruz, para que não ficassem lá pendurados no grande dia da Páscoa e Pilatos deu esta permissão.

Então, seus soldados, com os servidores dos judeus, foram lá e quebraram as pernas do primeiro e do segundo. Mas, quando foram até Jesus, eles o encontraram morto. Eles não lhe quebraram então as pernas, mas um dos soldados lhe abriu o lado direito com sua lança e dessa ferida *saiu sangue e água*.

O que foi testemunha desse fato o atesta (e o seu testemunho é digno de fé e ele sabe que diz a verdade), a fim de que vós creiais[122].

Estas são palavras do próprio São João Evangelista.

Mais tarde, com a aproximação da noite, ou seja, na décima primeira hora do dia, que ainda pertence às Vés-

[122] João 19: 34 e 35.

peras, surgiu um nobre personagem que tinha dez soldados sob suas ordens e era José de Arimateia, que era discípulo secreto de Jesus. Ele foi até Pilatos e lhe pediu que lhe entregasse o corpo de Jesus. Pilatos o interrogou para saber se ele já estava morto e quando o centurião lhe disse que ele estava morto, ele ordenou que entregassem o corpo a José.

José o pegou com Nicodemos. Eles eram poderosos, grandes e amigos de Jesus em segredo, por medo dos sacerdotes dos judeus, pois Jesus não queria permitir que alguma pessoa má, pagã ou judia se aproximasse de seu corpo ou o tocasse após sua morte. Estes dois eram bons, crentes e esperavam o Reino de Deus. Eles retiraram o corpo da cruz e o envolveram em dois lençóis de linho que tinham preparado com o sudário com que cobriram sua cabeça abençoada.

CAPÍTULO 84

A sepultura do Senhor Jesus.

Como era a décima hora do dia, que chamamos de Completas, eles não puderam trabalhar mais tempo além desta hora.

Ora, perto do lugar onde Jesus tinha sido crucificado, havia um jardim, no qual havia um túmulo novo, cavado na rocha. Apressadamente, por causa da festa e para guardar o repouso, eles depositaram ali o corpo.

Eles tinham preparado um bálsamo precioso de nobre odor, *mirra e aloés*, ao redor de *cem libras* e derramaram sobre o corpo de Jesus e sobre suas chagas, quando ele foi deitado novamente no túmulo, *em que ninguém ainda fora depositado*[123] e eles rolaram uma grande pedra, como pedra tumular, na entrada do túmulo e se afastaram, tendo, no coração, a boa coragem e a grande paz que Jesus tinha preparado para seus discípulos, que guardam a regra que ele vivenciou e ensinou e na qual ele morreu e ressuscitou na glória do seu Pai.

Amém.

[123] João 19: 38-41.

Índice